



EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

**«O que me espanta,  
diz Deus, é a esperança»**



RIMINI, 12-14 DE ABRIL DE 2024



# «O que me espanta, diz Deus, é a esperança»

---

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE  
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RIMINI 2024

Na capa: Luca Della Robbia, *A Visitação*, pormenor, terracota vidrada, c. 1445,  
Igreja de São João Fora-de-muros, Pistoia, Itália. © Foto Scala, Florença.

*«Por ocasião dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema “O que me espanta, diz Deus, é a esperança”, o Santo Padre Francisco envia cordiais saudações, desejando que estes dias de oração e reflexão suscitem o desejo de se deixar agarrar por Cristo Ressuscitado, para que nenhuma derrota, fracasso ou sofrimento possam deter o caminho rumo à plenitude da vida, abrindo os corações à confiança. Com estes votos, Sua Santidade assegura uma lembrança na oração e envia de bom grado a Bênção Apostólica, penhor de todo o bem desejado».*

**Cardeal Pietro Parolin**, Secretário de Estado de Sua Santidade,  
3 de abril de 2024

# *Sexta-feira, 12 de abril, noite*

*Franz Schubert*

*Fantasia para piano op. 15, D 760 «Wanderer-Fantasie».*

*Piano, Alfred Brendel “Spirto Gentil” No. 34, (Philips) Universal*

## ■ SAUDAÇÃO INTRODUTÓRIA **Daive Prospero**

Começemos por invocar o Espírito Santo, para que nos acompanhe no caminho destes dias sem nunca nos deixar à mercê de nós próprios, e pedindo com toda a energia e humildade de que somos capazes a graça de estarmos disponíveis para o chamamento que Ele renova a cada um de nós, convocando-nos hoje para esta assembleia da nossa Fraternidade.

*Vinde, Espírito Santo*

Passo agora a ler o telegrama do Santo Padre:

«Por ocasião dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema “O que me espanta, diz Deus, é a esperança”, o Santo Padre Francisco envia cordiais saudações, desejando que estes dias de oração e reflexão suscitem o desejo de se deixar agarrar por Cristo Ressuscitado, para que nenhuma derrota, fracasso ou sofrimento possam deter o caminho rumo à plenitude da vida, abrindo os corações à confiança. Com estes votos, Sua Santidade assegura uma lembrança na oração e envia de bom grado a Bênção Apostólica, penhor de todo o bem desejado. Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade».

Uma vez mais, estamos profundamente gratos ao Papa Francisco pela proximidade paternal que continua a manifestar em relação ao nosso caminho. Façamos nossos os seus desejos, para que cada um de nós se deixe verdadeiramente agarrar por Cristo Ressuscitado em cada momento destes dias.

Ultrapassadas as condições limitativas impostas pelo Covid, que em anos anteriores nos impediram de nos reunirmos todos, este ano decidimos voltar a viver o gesto dos Exercícios presencialmente, aqui em Rimini. Evidentemente, estávamos conscientes das dificuldades e dos sacrifícios que esta escolha iria exigir a muitos de nós também nestes dias – sobretudo nas deslocações, pelo que desde já recomendamos viver estes momentos como uma oportunidade para fazer silêncio e aprofundar os conteúdos que nos serão comunicados. Quisemos, mesmo assim, fazer uma proposta concreta. E a proposta é esta: viver uma vez por ano um gesto juntos, também fisicamente, na medida do possível, para que durante o resto do ano seja reavivada com mais força a memória da pertença a esta companhia. Pois bem, ficámos surpreendidos com a resposta e com os muitos testemunhos maravilhosos de amigos que fizeram grandes sacrifícios para poderem estar aqui. É verdade que, entre as muitas cartas que recebemos, há algumas que se queixam de dificuldades, do avançar da idade, de problemas de saúde, de problemas logísticos e económicos, da ideia de ter de regressar ao trabalho na segunda-feira já cansados, alguém chegou mesmo a apontar o aumento da entropia e da poluição ambiental... mas, apesar de tudo, chegámos aqui, confiando mais nas razões da nossa companhia do que nas nossas próprias (ainda que compreensíveis) perplexidades. Para mim, este é o primeiro grande sinal da consciência de um povo que está a crescer e não quer ficar encerrado entre as paredes da sua própria medida. São muitos os testemunhos de gratidão por esta possibilidade que nos volta a ser dada ao fim de alguns anos. Permitam-me que leia uma dessas cartas, que me impressionou porque descreve a trajetória de uma mudança:

«Há alguns dias cheguei a carta para os Exercícios do próximo mês de abril. Ao lê-la, na parte dedicada aos que não podiam estar presentes, entre os quais me incluo devido a uma mistura de idade e de doenças várias, leio que lhes é pedido que expliquem brevemente as razões dessa impossibilidade e depois, se forem aceites, que procedam ao pagamento, que, além disso, em relação aos anos de Covid, triplicou. Primeira reação: zanga. Quem, e com que qualificações e requisitos, iria analisar o meu pedido? E com que critérios? E quanto à privacidade? Em suma, um somatório, até mesmo cómico, de objeções. Segunda reação: revolta. “Não vou”, disse para comigo, “vou ler o livrinho, se for bom”. No entanto, à medida que o tempo passava, ia ficando inquieto.

Não raciocinei mais e confrontei-me com a objetividade de que tinha de haver uma explicação. Ou que, talvez, a maior objeção fosse eu, estava em mim. A gratidão irrompeu. Certo da importância dos Exercícios, certo da importância do sacrifício, certo da importância de estar lá, certo... e voltei atrás, partindo do *incipit* da carta que acompanhava as indicações para os Exercícios, passando pelas várias cartas do Proserpi, pelo encontro do Proserpi e do Santoro com o Papa e, ainda antes disso, pela Audiência com todo o movimento, pelos Exercícios do ano passado: em suma, a radicalidade pedida não como obrigação, mas como adesão máxima e total, como fundamento da minha vida, capaz de ultrapassar qualquer objeção e obstáculo conformista e de chegar ao coração. É isso que nos é pedido e é isso que é importante para a vida. E é isso que deve ser dado com plena alegria e letícia plena. Depois da raiva e da revolta, a alegria e a gratidão. Mesmo na impossibilidade de estar fisicamente presente em Rimini, mas oferecendo o pouco que sou para a glória de Deus e a unidade do movimento».

É verdade: por vezes, o ritmo frenético da vida, os confortos a que estamos agora habituados, ou certas limitações, talvez devidas à idade, parecem fazer com que nos resignemos ao facto de termos perdido aquele ímpeto do início, que punha sempre o fascínio do ideal à frente de qualquer cálculo; de termos perdido aquela postura, aquela postura humana pela qual, por exemplo, outrora nos lançávamos numa longa e cansativa peregrinação sem muitos cálculos, mesmo correndo riscos, porque as perguntas a colocar nas mãos do Senhor eram demasiado urgentes e importantes. E, no entanto, ver-nos hoje aqui juntos mostra-nos que aquele ímpeto que brotou nos nossos corações graças ao encontro com Cristo não está enterrado, pelo contrário: mesmo com toda a nossa carga de problemas, dificuldades, alegrias e tristezas, essa chama está longe de se apagar.

Estamos a seguir os Exercícios, presencialmente, 21 mil pessoas em Itália. Outros amigos estão ligados com as suas comunidades de 21 países e, nas próximas semanas, mais 70 países viverão este gesto em diferido; os Exercícios são traduzidos simultaneamente em 6 línguas. Além disso, cerca de 3 mil pessoas participam através de ligação vídeo a partir das suas casas, porque não se podem deslocar. Esta é a fotografia do nosso gesto. É uma adesão superior à prevista, somos ainda mais do que éramos antes da pandemia. De tal maneira, que foi pedido ao

secretariado que trabalhasse mais para que todos pudessem participar, na medida do possível, até ao fim. Obrigado também por isso!

Devo dizer-vos que estou verdadeiramente comovido. O tema dos Exercícios deste ano é a esperança; este é precisamente o primeiro sinal de esperança: um povo que vive e deseja viver, experimentar concretamente uma unidade, aquela unidade a que o Santo Padre nos chamou na carta que nos enviou no passado dia 30 de janeiro.

Como sabem, o Jubileu de 2025 será dedicado ao tema da esperança. Por isso, vivamos também estes dias como uma etapa em direção a esse acontecimento. Sempre entendi as palavras de Jesus ao jovem rico, «Vai, vende tudo, deixa tudo e segue-me»,<sup>1</sup> precisamente como um apelo à esperança. Paradoxalmente, de facto, vemos que, muitas vezes, o maior obstáculo para experimentar a verdadeira esperança na vida é quando colocamos a nossa esperança naquilo que possuímos, naquilo que já temos, nos nossos bens. Jeremias diz: «Maldito aquele que confia no homem, / e conta somente com a força humana, / afastando o seu coração do Senhor. / Assemelha-se ao cardo do deserto, / mesmo que lhe venha algum bem, não o sente».<sup>2</sup> Pois bem, o título dos Exercícios refere-se precisamente a esta dificuldade: o próprio Deus, de facto, se surpreende porque, quanto mais avançamos, mais difícil parece mesmo ter esperança. Por isso, muitas vezes procuramos atordoar o grito de infinito do nosso coração, enchendo-o com a expectativa de coisas pequenas, para preencher o vazio, a ausência de esperança que sentimos. Este não é apenas um problema de quem não tem fé, mas diz respeito a todos nós: de um certo ponto de vista, é o sintoma dramático da doença mais grave do nosso tempo.

O tema da esperança – como muitos de nós recordamos – não é novo. Em 2021, os Exercícios à distância intitulavam-se *Há esperança?*<sup>3</sup> Porquê, então, voltar a propô-lo a uma distância tão curta? Por duas razões. A primeira é porque, depois de termos trabalhado sobre a «fé» durante todo este ano, queremos continuar o caminho de aprofundamento das virtudes teologais, seguindo o ensinamento de *don* Gius-sani. A segunda é porque a questão se tornou – se possível – ainda mais dramática. Nós não nos sentimos «sonâmbulos», como afirma o último

<sup>1</sup> Cf. Mt 19,21; Mc 10,21.

<sup>2</sup> Jer 17, 5-6.

<sup>3</sup> J. Carrón, *Há esperança? O fascínio da descoberta*, Tenacitas, Coimbra 2021.

Relatório Censis sobre a situação atual. Não nos sentimos melhores do que os outros, mas reconhecemo-nos num caminho que nos educa a não ceder àquela atitude irracional de fuga à realidade que parece ser o único antídoto para a falta de esperança. É por isso que nos perguntamos: será que ainda podemos ter esperança no mundo em que vivemos, na vigência de guerras, violências e devastações, e no oceano de mal em que a nossa jangada parece lutar para se manter à tona? É esta a questão com que somos convidados a entrar no gesto destes dias: será que ainda se pode, de forma razoável, ter esperança?

Antes de passar a palavra a Monsenhor Giovanni Paccosi, que aceitou o convite da Diaconia da Fraternidade para pregar estes nossos Exercícios (e por isso lhe agradecemos), permitam-me algumas palavras para o apresentar àqueles que ainda não o conhecem. O Padre Giovanni é bispo da diocese de San Miniato, na Toscânia, e membro da Diaconia Central da Fraternidade, sendo responsável pela região pastoral da América Latina, onde foi sacerdote missionário durante vários anos, mais concretamente no Peru.

Porquê esta escolha? Nos últimos anos da sua vida, *don* Giussani pediu, cada ano, que diversos responsáveis do movimento pregassem os Exercícios, que são o gesto mais importante da Fraternidade. É um método que queremos seguir também agora, na esteira de uma continuidade, cheia de gratidão, com a nossa história. O Padre Giovanni e outros que se seguirão estão envolvidos na responsabilidade de pregar nos Exercícios enquanto expressão de uma orientação comunitária.

Deixem-me agradecer uma vez mais ao Padre Mauro Lepori, que nos últimos dois anos pregou os Exercícios Espirituais, que foram muito significativos num momento particularmente delicado do nosso caminho. Agradeço-lhe também por estar aqui conosco; dentro em pouco celebrará a Missa, confirmando uma grande história de amizade e comunhão que continua.

Por fim, como último sinal da nossa comunhão que se exprime na unidade com toda a Igreja, gostaria de agradecer a Sua Eminência o Cardeal Farrell, que este ano estará novamente presente nos Exercícios da Fraternidade: amanhã estará conosco e celebrará a Missa.

Permitam-me dizer uma última palavra sobre a imagem associada ao título dos Exercícios, proposta pelo Padre Giovanni. Trata-se de um

pormenor da *Visitação*, obra de Luca Della Robbia.<sup>4</sup> Nossa Senhora é representada como uma jovem para cujo rosto doce, decidido e ao mesmo tempo pacificador o nosso olhar é espontaneamente atraído. Nas quatro paredes de vidro que rodeiam o túmulo do nosso *don* Giussani, lemos esta invocação escrita por ele: «Nossa Senhora, tu és a segurança da nossa esperança!».

Ao iniciarmos este gesto, pedimos-lhe a ela, fonte vibrante de esperança, que nos acompanhe na nossa caminhada destes dias.

**Monsenhor Giovanni Paccosi.** Boa noite a todos! Agradeço o vosso convite que, embora me tenha apresentado algumas dificuldades para a preparação, tornou mais profunda a minha gratidão por esta história. Gostaria de dizer algumas palavras em duas línguas. A primeira é em florentino: eu sou um “bischero qualunque” (*um homem comum, NdT.*), e é apenas em virtude desta história que para mim – como creio que para todos vocês – a esperança não é apenas uma palavra, mas uma realidade que vivo todos os dias. A segunda, dirijo-a em espanhol a todos os meus amigos, dos dois lados do mundo: *Quisiera saludar a mis amigos hispanohablantes porque, sin la belleza del carisma que nos ha alcanzado, no podríamos estar tan llenos de alegría y de esperanza. No podríamos estar así, con la mirada llena de gozo, en medio de un mundo que parece que se desmorona por todos los lados, pero con la alegría y la fuerza para construir un pedazo de mundo nuevo. En estos dos días tratamos de ir al origen de nuestra esperanza* [Gostaria de saudar os meus amigos de língua espanhola porque, sem a beleza do carisma que chegou até nós, não poderíamos estar tão cheios de alegria e de esperança. Não poderíamos estar assim, com o olhar cheio de alegria, no meio de um mundo que parece estar a desmoronar por todos os lados, mas com a alegria e a força para construir um pedaço de um mundo novo. Nestes dois dias, tentaremos voltar à origem da nossa esperança].

---

<sup>4</sup> Luca Della Robbia, *A Visitação*, terracota vidrada, c. 1445, Igreja de São João Fora-de-muros, Pistoia, Itália.

■ INTRODUÇÃO  
Giovanni Paccosi

*Um desejo incoercível de autorrealização,  
um desejo natural de felicidade*

«A Esperança não caminha sozinha. Para esperar, meu filho, é preciso que a gente se sinta muito feliz. É preciso que a gente tenha recebido uma grande graça»,<sup>5</sup> dizia Péguy em *Os portais do mistério da segunda virtude*, onde fomos buscar o título destes dias. É a esperança que queremos olhar nestes Exercícios, e queremos fazê-lo seguindo os passos que don Giussani nos confiou, sobretudo nos dois textos *É possível viver assim?* e *Si può (veramente?!) vivere così?*<sup>6</sup>

Em *É possível viver assim?*, don Giussani afirma: «A grande graça representa, assegura um presente em que foi enxertada uma estranha semente, através da qual, amanhã, a esperança floresce. “Floresce a esperança do dia que não morre”».<sup>7</sup>

A esperança dá à nossa pobre vida uma perspectiva infinita, eterna. A isto se refere o símbolo da âncora, que a tradição iconográfica cristã sempre usou para remeter para a esperança; é uma imagem contida na carta aos hebreus, que diz: «Nessa esperança temos como que uma âncora segura e firme da alma, que penetra até ao interior do véu onde Jesus entrou».<sup>8</sup> O Templo de Jerusalém, para os judeus, era o lugar onde Deus habitava no meio do seu povo. Por isso, a esperança introduz-nos na morada, na dimensão eterna e infinita de Deus. Ele não usa – o autor da carta aos hebreus – a imagem da rocha, mas a da âncora, porque a esperança não afasta as tempestades, mas estabelece um ponto firme, que não cede. Apesar de podermos ser agitados pelas ondas da vida, não

<sup>5</sup> C. Péguy, *Os portais do mistério da segunda virtude*, Paulinas, Col. Biblioteca Indispensável, Lisboa 2013, p. 20.

<sup>6</sup> L. Giussani, *É possível viver assim? Fé, Esperança, Caridade*, Tenacitas, Coimbra 2008, 2009, 2010; L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, BUR, Milão 2011.

<sup>7</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, Vol. II, *Esperança*, Tenacitas, Coimbra 2009, p.23.

<sup>8</sup> Heb 6:19-20.

somos levados. Dizia o Papa numa homilia em Santa Marta, em 2013: «“A esperança era uma âncora”; uma âncora fixada na margem do além. A nossa vida é como caminhar na corda em direção a essa âncora». E acrescentava: «Mas onde é que nós estamos ancorados?»<sup>9</sup> Pergunte-mo-nos a nós próprios! Em que é que assenta a nossa esperança? Tal como a âncora puxa e mantém o navio firme mesmo no meio de um mar tempestuoso, assim – dizia Péguy – a pequena esperança puxa a fê e a caridade. É pequena, mas é ela que nos faz caminhar.

Agostinho dizia que um homem não daria um único passo se não tivesse a certeza da sua meta. A esperança está ancorada no além e atrai-nos para o destino, para a plenitude, que não poderíamos alcançar sozinhos.

Leio os versos de Péguy que escolhemos como título destes Exercícios, juntamente com os que os precedem e os que os seguem: «Mas a esperança, diz Deus, essa sim causa-me espanto. / Essa sim, é digna de espanto. / Que essas pobres crianças vejam como tudo acontece e acreditem que amanhã será melhor. / Que elas vejam o que se passa hoje e acreditem que amanhã de manhã será melhor. / Isso é espantoso e essa é a maior maravilha da nossa graça. / E isso a mim mesmo me espanta. / Pois é preciso que a minha graça seja em verdade duma força inacreditável. / E que ela brote duma fonte, como um rio inesgotável. [...] // Que só através da graça, da força da minha graça, essa esperança, / Que vacila ao sopro do pecado, que estremece a todos os ventos, / Ansiosa ao menor sopro, / Seja também invariável, se mantenha fiel, determinada e pura, invencível, imortal e impossível de apagar [...]. // O que me espanta, diz Deus, é a esperança. / E disso não me canso. / Essa pequena esperança que parece não ser nada. / Essa esperança menina. / Imortal».<sup>10</sup>

Deixemo-nos espantar também nós (se Deus se espanta!), porque parece mesmo quase impossível que possamos falar de esperança sem aquela amargura que, de cada vez que dizemos: «Esperemos!», brota do nosso íntimo, que possamos falar dela hoje, neste mundo em guerra, nesta sociedade que já não olha para Cristo e no conhecimento do nosso próprio mal.

<sup>9</sup> Francisco, *Esperança, essa desconhecida. Meditação matinal em Santa Marta*, 29 de outubro de 2013.

<sup>10</sup> C. Péguy, *Os portais do mistério da segunda virtude*, op. cit., pp. 15-16.

Mas não depende de nós, diz Péguy, mas da força daquela «fonte e como um rio inesgotável», daquela força vigorosa que não é nossa, é toda Sua, da Sua graça que nos alcança agora em Cristo, que acontece agora de novo. A âncora é lançada no além, mas no além que veio ao nosso encontro, que olhou para nós e nos chamou para esta história.

Só o facto de entrarmos aqui esta noite, o facto, nada evidente, como dizia o Davide, de sermos tantos (com todos os sacrificios necessários), a música, os cantos comoventes, os rostos que conhecemos há anos e os novos rostos desta nossa companhia, uma outra fonte («e como um rio inesgotável») acontece, que não somos nós, que não sou eu, uma fonte que renova a esperança de mudança, como uma lufada de vida nova nos ossos secos da nossa aridez. Lembra-se do texto de Ezequiel 37? «O Senhor disse-me: “Filho de homem, estes ossos poderão voltar à vida?” Eu respondi: “Senhor Deus, só Tu o sabes”».<sup>11</sup> Estamos aqui por esta esperança: que Outro, que acontece agora, possa fazer-nos reviver.

Deus surpreende-se com a nossa esperança, porque não é fácil, dizíamos, não é evidente. A dor e a morte (o texto que lemos vem logo a seguir à parte em que Péguy fala da oração dos pais que perderam os seus filhos inocentes) são as grandes objeções à esperança. Esta é uma coisa que nós não podemos gerar. É por isso que se lhe chama «virtude teologal», porque vem de Deus, é dada por Deus, é uma graça. Acontece, e nós estamos aqui porque Cristo aconteceu na nossa vida: aqui se vê a ligação com a fé, sobre a qual o Padre Lepori nos levou a refletir no ano passado.

O que nos conquistou quando Cristo entrou pela primeira vez na nossa vida, quando se deu o primeiro encontro, e quando volta a acontecer agora, fê-lo e fã-lo porque encontrou e encontra em nós um reconhecimento imediato. Temos um coração que O reconhece! De facto, é uma graça que se enxerta, como diz o *Catecismo da Igreja Católica*, no «desejo natural de felicidade». O Catecismo continua: «Este desejo é de origem divina; Deus pô-lo no coração do homem para o atrair a Si, o único que o pode satisfazer».<sup>12</sup> Santo Agostinho fala dele assim: «Todos nós desejamos certamente viver felizes, e entre os homens não há ninguém que negue o seu assentimento a esta afirmação, mesmo antes de

---

<sup>11</sup> Ez 37,3 (cf. todo o capítulo).

<sup>12</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 1718.

ela ter sido exposta em toda a sua extensão».<sup>13</sup> Será isto verdade agora também para mim? «Qual é o homem que não ama a vida e não deseja longos dias de prosperidade?»<sup>14</sup> Era o título do Meeting de 2003, que foi inspirado pelo Padre Lepori, e que remete para o prólogo da Regra de São Bento, onde Bento coloca esta questão como raiz da sua decisão de se tornar monge.

*Don Giussani* ajuda-nos a não ir imediatamente além desta afirmação do Catecismo e da tradição cristã, como se fosse uma premissa óbvia, para depois fazer um tratado teológico sobre a esperança. Estes Exercícios não vão ser um tratado teológico sobre a esperança, que partiria de uma exposição da doutrina contida na Sagrada Escritura, nos Padres da Igreja, e de uma reflexão teológica: hoje, nestes Exercícios, para falar da esperança, partimos daqui, da sua dimensão natural, humana. Pedagogicamente, *don Giussani* fala da esperança como realização de algo já premente na nossa vida, do desejo que nos constitui naturalmente como pessoas humanas, deste «desejo natural de felicidade», como lhe chama o Catecismo.

Encontramo-lo em nós, o desejo de ser feliz: é um movimento da nossa natureza que deseja e espera a sua realização, mesmo que não a possa dar a si mesma. Olhemos, então, para esta “configuração de promessa” que sustenta o nosso estar no mundo aqui e agora.

## O coração do homem é promessa

Num pequeno texto de 1961, reeditado em *Porta la speranza*,<sup>15</sup> com o título: «Dalla speranza alla pienezza della gioia» (“Da esperança à plenitude da alegria”), que nos acompanhará no nosso itinerário destes dias, *don Giussani* introduz o tema da esperança com estas palavras: «É através da sua existência e do dado das coisas que o homem extrai o conhecimento de si e do seu destino [esta é uma afirmação que nos é muito familiar nestes meses de reflexão sobre *O sentido religioso*:<sup>16</sup> é

<sup>13</sup> Santo Agostinho, *De moribus Ecclesiae catholicae*, 1, 3, 4: CSEL 90, 6 (PL 32, 1312).

<sup>14</sup> Cf. SI 33,13. RB Prólogo, 15.

<sup>15</sup> L. Giussani, “Dalla speranza alla pienezza della gioia (1961)”, agora em Id., *Porta la speranza. Primi scritti*, Marietti 1820, Génova 1997, pp. 155-162. Também em L. Giussani, *Realidade e juventude. O desafio*, Diel, Lisboa 2003, pp. 139-144.

<sup>16</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, Tenacitas, Coimbra 2023.

na experiência que descobrimos quem somos]. A primeira característica do facto humano é a de que nascemos com um incoercível impulso de realização de nós mesmos».<sup>17</sup>

Da experiência, como dado objetivo, cada um de nós descobre que nasceu, que foi lançado na vida «com um incoercível impulso de realização de nós mesmos». Esta é a primeira característica, a primeira marca do facto humano: o homem é definido por este impulso, cada gesto tem este motivo. Depois acrescenta: «Da mais tímida instintividade e da banalidade das nossas cómodas expansões até às mais nobres necessidades da consciência e às mais elevadas aventuras do pensamento, há uma “força ativa que nos lança de movimento em movimento” (Foscolo), um “agulhão que nos espicaça” (Leopardi) para o desenvolvimento da nossa própria semente original. “Realizar-se a si mesmo”: o programa é claro para todos, ainda que com interpretações teóricas e práticas distintas».<sup>18</sup>

Mesmo os gestos menos conscientes, mesmo aqueles a que nem sequer chamaríamos gestos, são movidos por este «impulso». *Don Giussani* – vemos isso com frequência nos seus primeiros escritos – usa uma linguagem extremamente sintética, o que é fascinante. A expressão «tímida instintividade» inclui toda a gama de tentativas conscientes, ou muitas vezes quase inconscientes, de nos realizarmos na explosão da instintividade.

A «banalidade das nossas cómodas expansões» implica, se pensarmos bem, a procura do divertimento a todo o custo, a necessidade de nos sentirmos bem, a ansiedade de sermos bem vistos, que se exprime, por exemplo, na ânsia de publicar nas redes sociais fotografias das nossas viagens e dos alimentos que comemos, como se fossem expressões de uma felicidade desejada e, no entanto, sempre tão fugidia.

Há alguns dias, estava a ler alguns artigos sobre um livro<sup>19</sup> (não creio que seja importante mencionar o título) que pretende explicar por que razão é tão fácil cair na tentação dos jogos online, mesmo gastando nelas todo o nosso dinheiro, ou de passar muito tempo nas redes sociais, e fá-lo falando do «scarcity loop», ou seja, do ciclo fechado da escassez. Refere-se à intuição de um tal Si Redd (William Redd), o empresário

<sup>17</sup> L. Giussani, *Realidade e juventude. O desafio*, op. cit., p. 139.

<sup>18</sup> *Ibid.*

<sup>19</sup> M. Easter, *Never Enough*, Roi Edizioni, Milão 2024.

americano que primeiro inventou as máquinas de *flipper* e as *jukeboxes* e que depois trouxe as *slot machines* para a Internet. Si Redd tinha identificado, diz um desses artigos, «uma poderosa peculiaridade da mente humana. Os comportamentos que adotamos em rápida sucessão, do jogo à compulsão alimentar, [...] são manifestações consequentes do ciclo da escassez».<sup>20</sup> Outro artigo comenta que «este ciclo vicioso é o verdadeiro gatilho [catalisador, estímulo], que desencadeia o *mindset* [a mentalidade] da escassez, que nos seduz com pequenas gratificações imediatas, como as que ocorrem nas redes sociais: cada notificação recebida – seja um “like”, um comentário ou uma mensagem direta – traz consigo uma emoção, comparável à incerteza dos rolamentos de uma *slot machine* que gira. O simples ato de percorrer o *feed* [sequência de conteúdos que se desloca] arrasta-nos num ciclo contínuo [este nosso desejo, que gostaria de ir até ao infinito, permanece fechado] de procura de emoções: felicidade, tristeza, irritação, indignação, inveja ou surpresa. Este comportamento compulsivo de *scrolling* interminável [*scrolling* vertical] ativa uma repetição rápida e praticamente interminável, mantendo-nos colados ao ecrã à espera da próxima onda de estímulos emocionais. Desta forma, as redes sociais criam um ciclo autoalimentado de antecipação e reação, mantendo os utilizadores num estado de constante expectativa e desejo de validação social».<sup>21</sup>

Referi-me a este fenómeno porque parece poder ajudar-nos a compreender a facilidade com que também nós nos fechamos em círculos fechados que partem dum desejo real, mas que depois não dão em nada, se voltam contra si próprios e nos deixam mais vazios do que antes. Isto não acontece apenas com os jogos online ou com as redes sociais. Será que não nos reconhecemos todos um pouco nestas linhas?

*Don Giussani* ajuda-nos a reconhecer que mesmo estes *loop*, com os quais – é preciso dizê-lo – todos nos confrontamos, em nós e nos outros, são formas reduzidas – e prejudiciais – com as quais exprimimos a nossa humanidade, movidos pela mesma sede de autorrealização pela qual são movidos também os pensamentos mais elevados, dizia ele, ou as coisas mais nobres do nosso coração. Somos feitos assim, sempre em

<sup>20</sup> A.D. Signorelli, «Never Enough, the book that explains how technology makes us want more and more», *repubblica.it*, 2 de abril de 2024.

<sup>21</sup> L. Tedesco, «What is the scarcity loop, which makes us want what we do not need», *wired.co.uk*, 22 de março de 2024.

movimento em direção a uma realização. Isto parece-me importante, porque há um ponto de partida do humano que é feito por Deus para que cheguemos a Ele. E nós não o devemos negar. Veremos isso melhor amanhã.

No texto de 1961, *don* Giussani afirma: «Existe um fenómeno fundamental que exprime este impulso original: *o apelo, o desejo*. Fenómeno fundamental que ilumina cada gesto nosso e o lança na trama da realidade. Gratuito e inevitável, o fenómeno do desejo é [...] uma *promessa de cumprimento*. Também a promessa é um facto: o desejo evidencia que a promessa é o facto que está na origem de todo o acontecer humano». <sup>22</sup> O desejo ilumina cada gesto. Que bonita, esta expressão! Ilumina significa que o inicia, enche-o de luz e de calor, e lança-o na *trama da realidade*, impele-o para a aventura da procura de cumprimento. O desejo, acrescenta, é «*promessa de cumprimento*», e a promessa é um facto, aliás, «o facto que está na origem de todo o acontecer humano». Encontramo-la em nós. Somos promessa. Recordemos o quinto capítulo d' *O sentido religioso*, que lemos nestas últimas semanas:

«“Como é grande a ideia de que verdadeiramente *nada nos é devido*. Alguém jamais nos prometeu qualquer coisa? E então porque é que esperamos?” Talvez ele [Pavese] não tenha pensado que a espera é a própria estrutura da nossa natureza, a essência da nossa alma. Não é uma coisa calculada: é dada. A *promessa* está na origem, na própria origem da nossa feitura. Quem fez o homem fê-lo “promessa”. *Estruturalmente*, o homem espera; estruturalmente, é mendicante; estruturalmente, a vida é promessa». <sup>23</sup>

Sabemos bem, recordou-no-lo o Davide na sua conferência de há algumas semanas em Recanati, <sup>24</sup> da profunda simpatia de *don* Giussani por Leopardi, precisamente pelo facto de ser todo ele determinado pelo desejo, indomável, de uma satisfação total, que a experiência da insuficiência das coisas não bloqueia, antes aprofunda.

Em *Si può (veramente?!) vivere così?*, precisamente na parte sobre a esperança, *don* Giussani dedicou a Leopardi umas páginas muito

<sup>22</sup> L. Giussani, *Realidade e juventude. O desafio*, op. cit., p. 139.

<sup>23</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 86.

<sup>24</sup> “Cara beltà. Un pensiero sorgivo in Leopardi e Giussani”, Diálogo com Davide Proserpi, Presidente da Fraternidade de CL, organizado pelo Centro Cultural Giacomo Leopardi, Recanati, 23 de março de 2024, *clonline*.

bonitas, intituladas «Già similamente mi stringeva il core»,<sup>25</sup> e seria importante, penso eu, que as pudéssemos reler em casa na íntegra. Diz ele: «Quero citar um caso humano em que se pode ver claramente como a esperança é uma palavra humana, e é quando há um desejo e se espera realizá-lo. [...] Falo da experiência de Leopardi [...] por causa da dimensão humana do seu testemunho. [...] É uma prova, a vida de Leopardi, do facto de que a esperança cristã [...] é uma palavra humana».<sup>26</sup> Olhemos de frente para ele, para este nosso ser feito de desejo infinito.

É a experiência daquele Leopardi que escrevia: «Não poder satisfazer-se com nenhuma coisa terrena, nem, por assim dizer, com toda a terra; considerar a inestimável largura do espaço, o maravilhoso número e tamanho dos mundos, e achar que tudo é pequeno e mesquinho para a capacidade da própria alma; imaginar o número de mundos como infinito, e o universo como infinito, e sentir que a nossa mente e o nosso desejo seriam ainda maiores do que esse universo; e acusar sempre as coisas de insuficiência e de nada, e sofrer a falta e o voto, e no entanto o tédio [dir-se-ia que este tédio é a coisa mais feia e, em vez disso....] parece-me o maior sinal de grandeza e nobreza que se vê na natureza humana».<sup>27</sup> A nobreza do homem, em comparação com todas as outras criaturas, para Leopardi, reside precisamente nesta contradição. No drama de nunca encontrar nada que corresponda à amplitude do desejo, em que «tudo é pequeno e mesquinho para a capacidade da própria alma». Nisso emerge a sublimidade do sentimento, o «mistério eterno / do nosso ser»,<sup>28</sup> porque mesmo a «tragédia de uma contradição quotidiana é como uma terra onde brota uma exaltação do homem: o homem exalta-se a si mesmo».<sup>29</sup>

E o ápice dessa nobreza, Leopardi alcança-o quando, mesmo que na afirmação ideológica do nada como horizonte último, não consegue ainda assim silenciar a ânsia do desejo.

Concluo a referência a Leopardi com estas outras palavras de *don* Giussani: «Mesmo na experiência contraditória a que dá origem, a rea-

<sup>25</sup> L. Giussani, «Già similmente mi stringeva il core» in Id., *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., pp. 323-340.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 324.

<sup>27</sup> G. Leopardi, «Pensiero LXVIII», in Id., *Poesie e prose*, vol. II, Mondadori Milão 1980, p. 321. II, Mondadori, Milão 1980, p. 321.

<sup>28</sup> G. Leopardi “Sobre o retrato duma bela dama esculpido no seu túmulo”, vv. 22-23, em Id., *Cantos*, Vega, Lisboa, p. 93.

<sup>29</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 330.

lidade exalta a alma do homem e, nessa exaltação, nasce um sopro de sonho que domina toda a sua vida. O que nasce da contradição, o *não*, é a resposta da cabeça, mas o coração é um anseio, não é um *não*».<sup>30</sup>

No texto de 1961, *don* Giussani conclui afirmando que reconhecer a estrutura de promessa da nossa vida, que se exprime dinamicamente no desejo, ter confiança nele, «fundamenta a inexorável simpatia que temos em relação ao próprio ser e à vida – torna, assim, possível a atenção a nós mesmos – gera esse “sentido de si” que não é simplesmente uma mera consciência de si mesmo, mas algo de mais intenso, o amoroso reconhecimento de um destino carregado de valor».<sup>31</sup>

### **Da simpatia para conosco, a oração do mendicante**

Ainda ontem recebi um testemunho, cujas linhas passo a ler-vos. É um professor que conta que, num jantar de fim de ano com os seus alunos, uma rapariga que sempre lhe tinha parecido um pouco distante, depois de ter ouvido «A gota» de Chopin e o comentário de *don* Giussani que este professor tinha lido, lhe disse: «Eu sempre pensei, desde pequena, que havia alguma coisa errada dentro de mim, uma inquietação, uma dor. Estava fechada em mim mesma, chorava muito e, à noite, nunca conseguia adormecer. Pelo contrário, depois daquela aula, a inquietação que eu sentia já não me magoava, já não me assustava, porque havia alguém que a descrevia assim, que a vivia assim. Aquela gota, aquele aparente tormento, não era uma desgraça, era desejo de felicidade. Desde essa altura, dormi sempre em paz». Depois, escreve o professor, «disse-me que tinha tatuado uma gota no seu corpo para recordar aquele momento para sempre».

Uma estatura humana tão cheia de dignidade e de consciência do destino, consciente da amplitude do seu desejo que avança para um horizonte sem fim, traz-me à cabeça uma lindíssima estátua do século XVII, talvez do escultor sevilhano Juan Martínez Montañés, que se encontra na fantástica Sacristia da Igreja dos Jesuítas em Lima, no Peru, onde vivi durante muitos anos. Representa Santo Inácio de Loyola: quem a contempla fica impressionado com o olhar de Inácio, voltado

---

<sup>30</sup> *Ibid.*

<sup>31</sup> L. Giussani, *Realidade e juventude. O desafio*, op. cit., p. 139.

para um horizonte longínquo, para lá de tudo, mas ao mesmo tempo com a expressão determinada de um aventureiro e não de um sonhador. Quando a vi, pensei: «É certamente a imagem de um cristão a olhar para um horizonte infinito». É impressionante este olhar tão inflamado pelo desejo do além e, ao mesmo tempo, muito concreto, quase dum guerreiro. Este olhar não o tira da realidade, pelo contrário, enche-o de uma energia e de uma vontade de fazer tudo para chegar a esse além. Mas quem poderia sustentar-se nessa pureza e nesse aspeto concreto sem uma grande graça, sem descobrir, como Santo Inácio ao encontrar Cristo, que havia uma resposta ao seu coração cheio de expetativas de grandes coisas?

Nós hoje, aqui, no início destes Exercícios, estamos gratos porque Jesus veio ao nosso encontro e ressuscitou a nossa esperança, tira-nos dos *loop*, dos círculos fechados em que nos refugiamos e, como Santo Inácio, podemos olhar para a nossa humanidade, que anseia pela realização de si mesma, com simpatia, com um «reconhecimento amoroso» de um grande destino, dizia Giussani, ao qual Deus nos chamou dando-nos a vida e este coração ardente de desejo.

E, no entanto, somos tão fracos. Não sei se leram as frases que *don* Giussani projetou nos ecrãs, comentando a peça de Schubert que ouvimos ao entrar na sala, que falam precisamente do facto de nós sermos tão fracos. A esperança é a esperança do pobre, diz ele. Sabemos muito bem que assim que nos afastamos um milímetro de Cristo, assim que nos afastamos um milímetro da Sua presença na Igreja, desta companhia nascida do carisma de *don* Giussani, somos imediatamente vítimas desse niilismo subtil – falaremos disso amanhã – que nos penetra como ar poluído, sujando a clareza do desejo, como um lastro que nos reduz à «tímida instintividade» ou à «banalidade das nossas cómodas expansões», e que introduz aquela subtil presunção que se apresenta como incerteza e dúvida, sobre nós mesmos e – pior ainda – sobre a realidade humana de Cristo. Parece-nos que já não precisamos dele, que ele já não é capaz de responder à nossa expetativa.

Mesmo entre os contributos que recebi, alguns falavam de colocar a esperança em Deus, mas num sentido que comportava um certo ceti-cismo, como se dissesse: «Eu desejo isto há tanto tempo, mas quando é que Deus me vai responder?», como se a medida de Deus fosse a nossa medida. É um juízo que fazemos também de Deus. Podemos assim

distanciar-nos, ajuizando com base no nosso desejo reduzido a medida: podemos até – talvez sem nos darmos conta – distanciar-nos da proposta concreta, atual, e, portanto, desta nossa companhia, do movimento ou até mesmo do Papa que guia a Igreja. Acontece, hem! Mas, ao fazê-lo, perdemos a grande graça recebida e ficamos com um desejo reduzido, sem possibilidade de reabrir os nossos horizontes. Deixamos de nos identificar com quem guia e assim – milímetro a milímetro – afastamo-nos da presença concreta, histórica, objetiva de Jesus. A Graça brota desta fonte, que chega até nós agora na Igreja, mas esta redução de nós mesmos, da consciência da imensidão da nossa necessidade, rouba-nos a simplicidade da adesão.

Na minha experiência enquanto responsável da América Latina, vejo, pelo contrário, que aqueles que vivem arriscando mais, devido às situações em que se encontram, aqueles que sofrem tantas limitações, têm um desejo mais límpido de plenitude, sem «ses» e «mas», não têm tempo nem vontade de se por a julgar o Papa ou o movimento, amam-no, com simplicidade e gratidão. Não por ingenuidade, mas por uma profunda consciência de que a sua própria necessidade não pode ser resolvida por si mesma. Colam-se à grande graça e são mendicantes dela todos os dias, seguem-na como se fosse uma oração, aliás, rezam seguindo-a, porque precisam dela para viver. E assim experimentam a esperança que floresce em circunstâncias aparentemente impossíveis. A esperança recomeça, de facto, todos os dias como oração.

Quando reconhecemos, com simplicidade, que estamos cheios de um desejo sem limites, a oração brota em nós como a expressão mais humana da espera de que Outro cumpra a promessa. Uma oração despojada da pretensão de definir como é que o Mistério deve responder ao nosso grito; é a oração do mendicante, pobre de espírito. Em 2008, quando saiu o livro da Equipe do CLU intitulado *Uomini senza patria*, fiquei muito impressionado com uma página em que *don* Giussani descreve com uma imagem em que consiste a oração do pobre de espírito; quero lê-la, para que nos acompanhe nesta noite e nos ajude a começar estes dias na atitude adequada, a única verdadeira: a do mendicante. Diz: «O pobre de espírito – há que imaginá-lo como alguém que tem a boca aberta e os olhos bem abertos para olhar o céu e a terra, maravilhado, estupefacto: tem, portanto, uma disponibilidade fisiologicamente evidente – é aquele que nada tem. [...] O pobre de espírito é aquele

que não tem nada, exceto uma coisa para a qual e da qual é feito, ou seja, uma aspiração sem fim. Esta é a abertura e a disponibilidade: uma espera sem limites. Não é uma espera sem limites porque é sem fim a acumulação de coisas que se espera [o *scroll* dos nossos telemóveis e projetos]; não, não espera nada, mas vive uma abertura sem limites – e não espera nada! – ...] É como se [esta é a imagem que me ficou na memória], naquele prado [estavam na Equipe do CLU nos Dolomitas], imaginássemos um pobre de espírito; devíamos imaginá-lo ali sentado, com as pernas afastadas, com a cara virada para cima, olhando o céu, a terra, as montanhas e tudo o mais, com esta dilatação total do coração, sem que ele olhe para a sua imagem: “Pois bem, quero um telhado, quero uma casa, quero uma mulher, quero filhos, quero dinheiro”. Nada, não há nada! Esta é a originalidade do homem; e, de facto, a originalidade do homem é a espera do infinito»,<sup>32</sup> sem fazer dele qualquer imagem. Este pobre homem somos nós!

Esta noite devemos gritar, mendigar esta simplicidade absoluta, para nos redescobrirmos pura espera, feita de um desejo sem fim, certos e felizes por nos encontrarmos, por graça, no limiar que nos permite esperar, certos da esperança que não defrauda, tão pobres e mendicantes diante d’Ele. Por isso, nesta noite e nas horas destes dias, procuremos o silêncio; aproveitemos a grande oportunidade que nos é dada para mendigar Àquele que ama tanto a nossa humanidade que nos fez desejá-Lo para nos encher da Sua graça.

---

<sup>32</sup>L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, BUR, Milão 2008, p. 298.

## SANTA MISSA

*Liturgia da Santa Missa: Atos 5,34-42, Sl 26 (27); Jo 6,1-15*

**HOMILIA DO P. MAURO-GIUSEPPE LEPORI**

**ABADE GERAL DA ORDEM DE CISTER**

«Jesus subiu ao monte e sentou-se ali com os seus discípulos».

Também todos nós, se estamos aqui, é porque, de uma forma ou de outra, Jesus nos atraiu atrás de si para um lugar elevado e distante, para nos sentarmos com Ele, para O ouvirmos, para saborearmos a Sua presença, a Sua amizade, para nos apercebermos do prazer que Ele tem em estar connosco e do prazer que nós temos em estar com Ele. É bom parar e concentrarmo-nos em Jesus, na Sua presença tão simples conosco, tão simples como um grupo de amigos sentados juntos. É bom parar para O escutar, para o ouvir falar, para escutar as suas palavras de vida eterna, que reacendem em nós o desejo de plenitude, de vida transbordante, como a Vida de Deus. É igualmente belo descobrir que somos igualmente atraídos por Ele, sentir como o amor de Cristo nos faz sentir bem juntos, nos torna amigos, nos une. Todos seus e, por isso mesmo, todos pertencentes uns aos outros, num laço mais forte, mais eterno, do que qualquer laço de amizade e de parentesco. Mas naquele pequeno grupo, havia alguns que já eram amigos antes de conhecerem Jesus, havia irmãos, como Pedro e André, Tiago e João. Mesmo esta amizade, mesmo este parentesco, tudo o que estava ali à volta de Cristo foi intensificado, foi descoberto como novo, foi arrancado a tanto instinto, a tanta previsibilidade, a tanta exaustão nas nossas limitações.

Mas esse prazer de estar a sós com Ele e juntos com Ele, onde é que isso os leva, que sentido faz? Onde é que nos leva, que sentido faz o facto de estarmos aqui à volta de Cristo, olhando para Cristo, ouvindo Cristo, amando Cristo? Para onde nos leva a predileção de Jesus?

Comprendemo-lo com a mesma simplicidade com que O seguimos docilmente quando Ele se afastou da multidão e nos chamou à parte. Comprendemo-lo com a mesma simplicidade com que nos sentámos em círculo com Ele. Comprendemo-lo escutando-O, comprendemo-lo olhando-O, comprendemo-lo expondo-nos com pobreza de coração, isto é, com gratidão, ao acontecimento que Ele é, que a sua pessoa é, que a sua palavra é. Comprendemo-lo contemplando o seu Rosto.

«Então Jesus levantou os olhos e viu que uma grande multidão vinha ter com ele».

Estavam a olhá-lo, felizes com a sua beleza, com a correspondência daquele Rosto com o desejo de beleza e de bondade do nosso coração. E então vemos o seu olhar elevar-se, acima das nossas cabeças, em direção ao horizonte. Instintivamente, voltamo-nos para olhar com Ele para além do nosso pequeno grupo, para além da nossa comodidade com Ele e uns com os outros. Com Ele, vemos a multidão.

A tentação de sentir uma perturbação, uma irritação. O que é que aquela multidão tem a ver com o facto de estarmos bem com Cristo? O que é que aquele rumor tem a ver com o nosso silêncio e a nossa escuta? O que é que toda aquela miséria humana tem a ver com o prazer de contemplar o Senhor?

Mas o seu olhar é inexorável, porque a sua compaixão é inexorável. Como a compaixão que veio sobre nós, que nos olhou um dia, como agora olha para a multidão que se aproxima, para toda a humanidade.

Todo o nosso estar com Ele, toda a beleza que experimentamos com Ele, não é anulada, não é negada, mas tem um sentido, tem uma direção, que o Seu olhar define. Nada se anula da amizade e da predileção que Ele nos concede, a que nos chama, mas essa amizade e essa predileção têm uma vastidão infinita, abraçam tudo, abraçam todos. E nisto nos é dado perceber, experimentar, o que é o coração de Deus, como é o coração de Deus. É um coração cuja intimidade mais profunda é um abraço universal. A intimidade que Cristo me concede com Ele é tanto mais real, tanto mais profunda e real, quanto mais abraça tudo, todos. É precisamente porque Ele me prende a Si, ao Seu coração, que eu não saio do mundo, mas penetro nele até às profundezas, até aos confins da terra. O coração de Cristo, o coração de Deus, que o olhar de Cristo revela, é a Misericórdia que nos abraça a todos, num movimento de paixão pela humanidade que já não tem limites, os meus limites.

Mas o nosso coração não sabe, não pode expandir-se por si mesmo até essa medida sem medida. Tem necessidade do Espírito, como a Virgem Maria. Precisa de se oferecer ao Dom de Deus que é Paráclito, que é Consolação em Pessoa, ao Espírito que torna o Filho carne na nossa carne, presença na nossa presença, humanidade na nossa humanidade.

Como é que isso pode acontecer? Acontece como aconteceu com a Virgem Maria, como aconteceu com o menino dos cinco pães e dois

peixes: oferecendo todo o nada que temos, oferecendo todo o nada que somos. É esta a nossa esperança. Então, tudo em nós e entre nós se multiplica, tudo vem saciar a fome da humanidade, porque tudo se torna, na realidade, o Corpo e o Sangue de Cristo, o Redentor do mundo!

# *Sábado, 13 de abril, manhã*

*Wolfgang Amadeus Mozart*

*Concerto para piano em Ré menor nº 20, K 466 Piano, Clara Haskil*

*Orchestre des Concerts Lamoureux – Igor Markevitch ‘Spirto Gentil’ No. 32, (Philips) Universal*

*Angelus*

*Laudes*

## **Davide Prosperi**

Também este ano, Sua Excelência Monsenhor Nicolò Anselmi, Bispo de Rimini, veio saudar-nos e dar-nos a sua bênção. Obrigado.

## **Monsenhor Nicolò Anselmi**

Obrigado pelo convite, obrigado por estarem aqui, mas parece-me que se sentem bastante em casa em Rimini. Agradeço-vos por todo o bem que fazem na Igreja, por todo o bem que fazem nas nossas comunidades, na sociedade. Neste ano, que o Santo Padre quis dedicar à oração em preparação para o Jubileu do próximo ano, *Peregrinos da Esperança*, o facto de serem tão numerosos faz-me sentir no meu coração que a necessidade da oração, de estar com o Senhor, de nos deixarmos guiar pelo seu Espírito, diz respeito a nós que somos crentes, mas creio que o mundo tem também um grande desejo de profundidade, de redescobrir a presença de Deus e do Senhor Jesus na vida concreta – como vamos ouvir no Evangelho de amanhã –, de Jesus comendo peixe, caminhando sobre a água, libertando e iluminando as trevas.

Obrigado, de facto, sintamo-nos unidos; há também uma parte da nossa diocese a rezar convosco e por vós. Bons Exercícios, boa Páscoa e boa missão no mundo e nas vossas comunidades. Mais uma vez, obrigado.

*Bênção*

## **Prosperi**

Obrigado.

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO  
Giovanni Paccosi

## *Do desejo à esperança cristã*

Cada um dos cantos que acabámos de ouvir ajudou-nos a regressar ao ponto onde tínhamos ficado ontem. *Imposible*<sup>33</sup> é o grito cheio de dor porque tudo o que se deseja não responde ao desejo do coração. Parece impossível, pareceria impossível se não acontecesse o que ouvimos no primeiro canto desta manhã, *Il mio volto*: «Meu Deus, olho para mim e eis que descubro que não tenho rosto;/ olho o meu fundo e vejo escuridão sem fim». A percepção da minha incapacidade de realizar a minha vida, de realizar a promessa de um bem que não conheço, que não consigo imaginar, faz-me perceber que, se for sincero, só posso pedir, mendigar numa «espera sem limites», como vimos no final da Introdução. Perante esta espera, ainda indefinida, acontece um facto, sem qualquer mérito meu, um facto de que me apercebo, uma coisa nova. «Só quando me dou conta que Tu existes, / como um eco oiço de novo a minha voz / e renasço como o tempo da recordação».<sup>34</sup>

E então a voz e os olhos não são inúteis, porque há quem responda ao grito da voz, à aspiração dos olhos. Reconhecendo-O, o meu eu renasce, já não como um desejo indefinido ou, como vimos ontem, reduzido a uma imagem que faço de mim mesmo, ou como uma pergunta impaciente, mas como espera – a espera do pobre, do mendicante – e esperança d’Aquele que me promete a realização, misterioso mas real.

### **Os pecados contra a esperança (em vez de sinais, sonhos)**

Retomemos o fio da reflexão e voltemos ao texto de *don* Giussani de 1961. Depois de ter mostrado que a esperança, como promessa de realização, é o próprio tecido do ser humano, mesmo quando caímos no instintivo ou no comodismo (*don* Giussani diz que até isso – paradoxalmente – prova que somos desejo, expectativa e promessa), sublinha que

<sup>33</sup> Atahualpa Yupanqui, «Vidala del imposible», do álbum *Mi tierra, te están cambiando*, 1973, © Odeon.

<sup>34</sup> A. Mascagni, «Il mio volto», em *Cancioneiro*, p. 274.

há «pecados contra a esperança»: «A genialidade do homem, todavia, [diz “genialidade” um tanto ironicamente] parece precisamente consistir em entender a impotência como conselho supremo da experiência. Por isso a virtude da esperança é encarniçadamente combatida pela *tristeza* (a *tristitia saeculi* de São Paulo) ou pela *desidia* (a *acoedia* de que fala São Tomás), cuja consequência é uma *falta de disponibilidade* para com o sentido positivo em que a natureza nos introduz desde a nossa origem. Desta falta de disponibilidade surgem precisamente as atitudes contraditórias para com a esperança, os pecados contra ela».<sup>35</sup>

A falta de disponibilidade para permanecer em espera deve-se ao facto de não aceitarmos que somos criaturas, que somos feitos como promessa de realização, que se realizará não segundo os nossos modos e como nós quisermos, mas por obra de um Tu, daquele Tu que é mais eu do que eu próprio. De tal modo que até a solidão, como meditámos precisamente nos últimos tempos na Escola de Comunidade, está cheia de uma companhia: «Antes da solidão», diz, com efeito, *O sentido religioso*, «está a companhia, que abraça a solidão e por isso ela já não é uma verdadeira solidão, mas sim grito de apelo à companhia escondida».<sup>36</sup>

Mas nós não o reconhecemos. E esta falta de reconhecimento, esta falta de vontade de esperar é, de facto, fruto do pecado, mas também de uma atitude que provém da história destes últimos séculos, em que se afirmou uma crescente exigência de autonomia por parte do homem, tornando-o cada vez menos disposto a reconhecer esta misteriosa companhia. Esta pretensão de que também nós respiramos na vivência da fé cristã favorece a triste tentação de definirmos por nós próprios qual deve ser a resposta ao desejo e quando deve chegar, e assim encontramos-nos indisponíveis para esperar.

Sobre as raízes desta indisponibilidade e sobre como se criou na história do Ocidente este fechamento Àquele que é mais eu do que eu próprio, ao «tu-que-me-fazes»,<sup>37</sup> convido-vos a voltar aos números 16 a 23 da *Spe salvi*<sup>38</sup> de Bento XVI, aos belos números 101 a 121 da *Laudato si*<sup>39</sup> do Papa Francisco, às páginas de *A consciência religiosa*

<sup>35</sup> L. Giussani, *Realidade e juventude. O desafio*, op. cit., p. 140.

<sup>36</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 90.

<sup>37</sup> *Ibid*, p. 156.

<sup>38</sup> Cf. Bento XVI, Carta Encíclica *Spe salvi*, Roma 2007, nn. 16-23.

<sup>39</sup> Cf. Francisco, Carta Encíclica *Laudato sí*, Roma 2015, nn. 101-121.

no homem moderno<sup>40</sup> e àquelas do *Porquê a Igreja*,<sup>41</sup> que nos ajudam a compreender melhor como surgiu esta reivindicação de autonomia na transição da mentalidade medieval para o modo moderno de se pensar autónomo. É uma história que se reflete na história de cada um de nós.

As atitudes que surgem desta falta de vontade – segundo *don* Giussani, no seu artigo de 1961 – são interessantes de explorar.

«O primeiro e mais fácil é a *evagatio mentis*. É a distração no seu sentido mais comum, que coincide aquele evadir-se na melancólica mediocridade da maioria, deixando-se levar pelo conhecido sentimentalismo ou pelo absorver contínuo das vozes banais que a rodeia».<sup>42</sup>

A *evagatio mentis* leva-nos a aceitar (mesmo sabendo de antemão que não ficaremos satisfeitos) que nos deliciemos com pequenas satisfações, alinhadas umas a seguir às outras nos fins-de-semana ou nos tempos livres, procurando uma distração, de modo que, na rotina diária do trabalho, das relações, do uso do tempo e do dinheiro, renunciemos facilmente a tudo o que nos chamaria de volta ao ideal: a oração, certos rostos amigos, a escola comunitária, a Missa (quem vai à Missa diariamente?).

Abro um parêntesis. Dão-se conta de que os pecados contra a esperança de que fala *don* Giussani não são violações de determinadas regras, mas cedências em relação à nossa humanidade, são reduções que abafam a grandeza daquele grito que levou Atahualpa Yupanqui, o cantor que tornou famosa a canção *Imposible*, a dizer: «Mas então porque fizeste os meus olhos? E porque é que eu tenho olhos se não posso ver?».<sup>43</sup> A inevitável insatisfação seria um *senal* que nos poderia fazer recomeçar, mas acaba por se transformar numa *evagatio mentis*. Em vez de entendermos a insatisfação como o ponto de partida para nos abirmos ao outro, fechamo-nos facilmente na esfera, ou melhor, na *bolha de sabão* dos sonhos sem o sopro do infinito.

Prevalece assim um andar incerto, justificado pelo emaranhado de *ses e mas*, de *talvez* e de *gosto* ou *não gosto*, que reduz o nosso cora-

<sup>40</sup> Republicado em L. Giussani, *Il senso di Dio e l'uomo moderno. La «questione umana» e la novità del cristianesimo*, BUR, Milão 2010, pp. 79-137.

<sup>41</sup> L. Giussani, *Porquê a Igreja*, Tenacitas, Coimbra 2016, pp. 45-50.

<sup>42</sup> L. Giussani, *Realidade e juventude. O desafio*, op. cit., p. 140.

<sup>43</sup> «¿Para que quiero mis ojos? / ¿Mi ojos para sirven?» (A. Yupanqui, «Vidala del imposible», op. cit.).

ção, enreda-o num triste nevoeiro. A este respeito, alguns textos de *don* Giussani são impressionantes. Por exemplo, *Uomini senza patria*: «Os “mas”, os “se”, os “talvez”, os “porém” diante do pressentimento, da previsão, da intuição, do vislumbre da verdade, são uma vergonha, uma falta de coragem, uma falta de adesão. É como quando alguém nos dá a mão para apertarmos como amigos, e nós aparecemos com as mãos frouxas, os dedos para baixo, o polegar nem sequer se levanta para a agarrar. [...] Cá está, perante a vida, os “mas”, os “se”, os “talvez”, os “poréns” são uma flacidez ambígua, nem sequer triste [...], mas ignóbil, “mole”, lamacenta; não, aliás [diz ele], não lamacenta, mas, à semelhança daquela viscosidade característica de certas águas, pantanosa; é isso, uma mão “pantanosa”».<sup>44</sup>

Que asco! Estar na vida de forma viscosa, aquosa... Que impressão, esta descrição da redução flácida da nossa humanidade, para a qual somos conduzidos todos os dias, sem que nos apercebamos. Esta negligência para connosco – soberba, porque não pede – manifesta a nossa cedência a uma força do mal, “à” força do mal, o diabo, que procura arrancar-nos a Cristo, desligando-nos da nossa própria humanidade, afogando-nos nas areias movediças de uma superficialidade que se torna duvidosa, como diz *O sentido religioso*, com «os tiros de barragem dos “mas”, dos “se” [...], linha de fogo que protege a retirada do compromisso pessoal com o mistério».<sup>45</sup>

Encontrei esta fuga do compromisso descrita num artigo de 6 de janeiro passado sobre um inquérito do Gabinete de Estudos Coop, que falava de Itália como «um país em pausa» (ontem à noite, o Davide citava o Relatório Censis que fotografa uma Itália «sonâmbula»). «O desejo de mudança existe, mas ninguém acredita nele. E são os grandes projetos que pagam o preço [...]. De facto, à força de adiamentos e renúncias, os italianos acomodam-se a uma vida feita de pequenas coisas, vivem mais por subtração do que por adição e o futuro do país contrai-se numa dinâmica temporal dominada pelo presente».<sup>46</sup> Sim, mas um presente sem passado e sem futuro, sem esperança; o presente, precisamente, das pequenas coisas com que nos podemos deleitar.

<sup>44</sup> L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, op. cit., p. 123.

<sup>45</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 189.

<sup>46</sup> I. Scalise, «Um país em pausa e com pouca esperança: os italianos refugiam-se nos pequenos prazeres», *la Repubblica*, 6 de janeiro de 2024, p. 7.

O segundo pecado contra a esperança apontado por *don* Giussani é o *estoicismo* como tentativa de deixar de desejar coisas grandes: «No fundo, é a pretensão de comensurar o todo com a própria energia, de poder medir e enfrentar o peso do todo com a própria vontade. [...] É o conceito que limita as dimensões do homem na sua tentativa obstinada de se afirmar. Temos vontade de citar Shakespeare: “Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que na tua filosofia”».<sup>47</sup> Esta atitude identifica a realização do desejo com as imagens que produzimos: serei feliz se tiver uma mulher, ou um homem, se ganhar o suficiente, se tiver filhos, e filhos bons, se... se...». Em 1961, Giussani via como esta ideologia, basicamente niilista, se disfarçava de *esperança colocada na mudança da sociedade, segundo um projeto coletivo*, mas hoje podemos perceber que (para além dos países onde esta ilusão ideológica continua a alimentar poderes ditatoriais que tornam triste e amarga a vida de povos inteiros) a ilusão utópica do poder «a presunção que limita as dimensões do homem na tentativa de se afirmar obstinadamente», na nossa sociedade se reduziu à afirmação dos chamados *direitos individuais*, à negação de qualquer dado objetivo a não ser a escolha do indivíduo (se há um grito dentro de mim, como ouvimos na canção *Anyone?*<sup>48</sup>: cá está, esta pergunta é julgada absurda), numa *fluidez a todos os níveis*, desde a mudança de bandeira e de opinião consoante o momento até à negação da diferença sexual como dado objetivo, nas várias formas de *ideologia de género* – que o Papa Francisco tem repetidamente<sup>49</sup> apontado como o ponto mais avançado da «colonização ideológica» em curso. O último documento da Congregação para a Doutrina da Fé,

<sup>47</sup> L. Giussani, *Porta la speranza*, op. cit., pp. 157-158.

<sup>48</sup> «...is there anyone? / I need someone, oh / Anyone, please send me anyone / Lord, is there anyone? / I need someone» (Demi Lovato, *Anyone*, do álbum *Dancing with the Devil... the Art of Starting Over*, 2021, © Island).

<sup>49</sup> Uma ocasião recente foi o *discurso aos participantes na Conferência Internacional “Homem-Mulher Imagem de Deus. Para uma antropologia das vocações”* (1 de março de 2024), no qual, entre outras coisas, o Papa Francisco diz: «É muito importante que se realize este encontro, um encontro entre homens e mulheres, porque hoje o perigo mais horrível é a ideologia do *género*, que anula as diferenças. Pedi que se façam estudos sobre esta ideologia horrível do nosso tempo, que anula as diferenças nivelando tudo; anular a diferença significa anular a humanidade. O homem e a mulher, ao contrário, vivem em fecunda “tensão”. Lembro-me que li um romance do início do século XX, escrito pelo filho do Arcebispo de Canterbury: *The Lord of the World [O Senhor do Mundo]*. O romance fala do futurismo e é profético, pois mostra a tendência a anular todas as diferenças. É interessante lê-lo, se tiverdes tempo, porque aborda estes problemas atuais; aquele homem foi um profeta».

*Dignitas infinita*, é de facto uma grande ajuda – vão lê-lo – para compreendermos onde está o ponto; no início, faz uma distinção entre a dignidade ontológica que cada pessoa tem e outras pretensas dignidades, que na realidade são a negação da dignidade que temos por sermos feitos como somos. O Papa comparou repetidamente esta colonização ideológica com a que é descrita no romance de Robert Hugh Benson, *O senhor do mundo*<sup>50</sup> – que nós conhecemos bem –, que chega à eutanásia e a uma tremenda intolerância para com aqueles que têm uma visão profunda do humano e da realidade.

Mas também mesmo as guerras, que neste momento nos enchem de consternação, têm como motivo mais profundo esta redução da *expectativa de realização* a um projeto próprio, cujo fruto objetivo – constamo-lo todos os dias – são os escombros, a aniquilação do humano, o desespero. Aqui vemos que o *sonho* da autoafirmação humana, da resposta autónoma aos próprios desejos, se torna realmente um pesadelo.

Muitos jovens, cujo coração, apesar de tudo, continua vivo, na redução do desejo à pretensa liberdade de decidir o que o pode satisfazer, *sonho* e não *signal*, encontram-se inseguros sobre si próprios, sobre o seu valor e o seu lugar no mundo, sem nunca terem sido educados para amar o seu coração na sua exigência de infinito. No outro dia, quando visitava um centro de investigação e de tratamento neurológico, psiquiátrico e psicológico de crianças e adolescentes, um centro de excelência a nível internacional, a certa altura, ao entrar numa sala, vi-me diante de uma dúzia de raparigas que sofriam de distúrbios alimentares. Fiquei impressionado ao ver os seus olhos: baços e tristes; ficaram mesmo no meu coração! Os médicos falavam-me do crescimento exponencial do número de crianças que sofrem destas e de muitas outras perturbações mentais. Aqueles olhos pareciam mesmo sem esperança. Numa visita a um outro centro para adolescentes com doenças psiquiátricas, havia uma rapariga que me parecia normal, mas depois o médico contou-me a sua história, feita de situações em que ela não tem ninguém que lhe diga: «Tu és amada, tu és desejada». Poderíamos pensar: «Sou eu que escolho quem sou»; na realidade, sem uma relação com outro que nos realize, ficamos sem esperança e perdemos a nossa humanidade. Olhando para estes rapazes e raparigas, era claro para mim que, cortadas as

---

<sup>50</sup> R.H. Benson, *O senhor do mundo*, Faro Editorial, Maio 2024.

asas da esperança de uma realização total, como poderiam eles voar? Que liberdade é esta de ser condenado a ter de decidir por si próprio quem é e depois aperceber-se de que isso não é suficiente? Nesta falta de esperança, nesta resignação ao nada, abandonando-se ao desespero, cresce a violência contra si próprio e contra os outros. Parece-me que a pretensão de baixar o nível do desejo, reduzindo-o a algo que eu decido, é uma forma evidente de destruição do humano.

Mas se formos sinceros com o ímpeto da nossa natureza, com o desejo que nos constitui, tudo o que é desejado conduz-nos, como um sinal, à fonte de tudo, a Deus. Permitam-me citar uma passagem de Dante: ele ama o desejo como caminho para Deus, apesar de advertir que sozinhos, sem a Sua ajuda, estaríamos perdidos! Numa bela página do Purgatório, fala assim da alma, isto é, de cada um de nós, com palavras que todos conhecemos e que são verdadeiramente maravilhosas: «Já sai da mão daquele que a deseja / antes de ser [a alma sai da mão de Deus, que parece deixá-la voar como uma borboleta, Ele que a olha com admiração, com amor de Pai, quase a admira antes mesmo de ser, pensa nela e cria-a no Seu amor], e como menininha / que a chorar e a rir brincando esteja [que ri e chora como uma criança inocente], / sem saber nada, simples uma alminha, / salvo tê-la movido ledo autor [uma vez que foi posta em movimento por esse Criador, pelo infinito, por Deus, cheio de alegria para com ela], / e a ele de bom grado torna asinha [a alma ainda inexperiente não sabe nada e sabe apenas, movida por Aquele que a cria com alegria, voltar-se voluntariamente para aquilo que a alegra, ou seja, gostaria de voltar para essa alegria que é a única que pode preencher todo o espaço do seu ser lançado na realidade]. / Primeiro a pouco bem sente o sabor; [a alma simplória entra no mundo e encontra algo que a atrai] / aqui se engana e já trás dele corre, / se guia ou freio não lhe vira o amor. [Ela sente imediatamente o gosto de um pequeno bem e enganar-se-ia imediatamente, correndo atrás da primeira coisa que a atrai, se não houvesse alguém que a guiasse e contivesse e fizesse o seu amor avançar, ainda mais, o seu amor]». <sup>51</sup>

Noutro texto lindíssimo, Dante diz que o homem, na realidade, é como se estivesse diante de uma pirâmide; no início, há um pequeno

---

<sup>51</sup> Dante Alighieri, *Divina Comédia, Purgatório*, Canto XVI, vv. 85-93, (trad. de Vasco Graça Moura), Bertrand, Lisboa 1995, p. 443.

bem; é como uma criança que vê os amendoins e se apaixona por eles, depois, ao fim de algum tempo, já não lhe bastam e, a seguir, vê um jogo, e não lhe basta, depois vê um cavalo, depois uma rapariga; depois vê dinheiro e depois – diz Dante com grande realismo – quer mais dinheiro e, a seguir, quer ainda mais dinheiro. Mas todas estas coisas – comenta o poeta – não são contra a estrutura da nossa humanidade, não são desejos que nos fazem desviar de Deus, desde que nos apercebamos de que não nos bastam e que são etapas no caminho que nos leva a reconhecer qual é o único bem que nos basta. O desejo é bom, para Dante, não deve ser apagado, porque é um passo em direção ao destino.

Mas fiquei impressionado, na entrevista que apareceu no mês passado na revista *Tracce, com* o que diz o bispo norueguês Erik Varden; penso que também o leram. Volto a lê-lo: «O desejo é a expressão do termos sido feitos por Deus. É algo intrínseco à natureza humana. Somos habitados por um eco, um apelo. É o Senhor que faz cantar em nós a semelhança com Ele. O desejo é o motor da minha vida porque a orienta para uma plenitude, que é a comunhão com Deus vivida também na relação com os outros. O nosso pecado é uma sabotagem do desejo [veem? O pecado não é a violação de uma regra, mas a destruição de nós mesmos], que se fragmenta em muitos objetos diferentes. Mas se olharmos para onde nos leva esse desejo profundo, apercebemo-nos da relatividade de todas as coisas que não são suficientes para o satisfazer. E, ao mesmo tempo, reconhecemo-las no seu valor mais verdadeiro, porque só à luz daquilo que sacia a sede da vida [Deus] é que cada pequena coisa revela o seu significado».<sup>52</sup>

## A grande graça

Que beleza! Encontrámos esta experiência de valorização de todo o nosso ser humano.

Hoje, mais do que nunca, no mundo em que vivemos, na situação concreta destes dias, para esperar verdadeiramente é preciso ter recebido *uma grande graça*. Por isso retomo as passagens através das quais Giussani nos ajuda a compreender o que o encontro com Jesus gera na estrutura do desejo que nos constitui, sem o anular, mas dando-lhe

---

<sup>52</sup> E. Vardenb “Enlarging desire”, entrevista de A. Leonardi, *Tracce*, n.º 3/2024, p. 18.

realização. No início do capítulo sobre a esperança em *Si può (veramente?!) vivere così?* ele usa, para resumir os pontos da sua reflexão, um trecho de *Em busca do rosto do homem*, que foi também reproposto no Manifesto de Páscoa de 1996: «A esperança é uma certeza no futuro em virtude de uma realidade presente. Portanto, é a presença de Cristo, dada a conhecer pela memória, que nos torna certos do futuro. E então é possível caminhar sem parar, estender-se sem limites, partindo da certeza de que Ele, como possuidor da história, nela se manifestará».<sup>53</sup>

## 1. Uma presença

Comentando este texto em *Si può (veramente?!) vivere così?* Giussani afirma: «Primeiro. Há uma presença, a vida do homem tem uma presença, ele tem uma presença dentro de si: a presença das pessoas e das coisas. Estas presenças exercem uma atração, de modo que a alma do homem parte com desejos que são a mola de todo o seu dinamismo. O homem não é um “morno”. Os atrativos desta presença suscitam os ideais da vida: beleza, verdade, criatividade, trabalho (a criatividade é trabalho). Todo o apego que o homem tem por estes ideais – ele apegasse, o homem, a estes ideais – e, portanto, a estima que tem pelos seus desejos, [porém] cega-o sobre a sua provisoriedade: o homem não vê que todos eles são sinais, sinais ao longo da estrada».<sup>54</sup> É como se resumisse todo o caminho que percorremos desde ontem à noite até agora; e talvez agora, precisamente por causa do caminho que percorremos, o compreendamos um pouco mais.

O ponto de partida para falar de esperança é – já o vimos ontem – a realidade, a presença, a positividade do desejo, mas também o engano em que facilmente caímos. As presenças, que fazem vibrar o desejo, suscitam uma atração que move. Este movimento positivo, porém, degrada-se imediatamente, prendendo-se às presenças imediatas que suscitam o desejo, em vez de as viver como um dom e um sinal que nos remete para mais além. Gera-se assim aquela *indisponibilidade para a espera* que transforma os desejos em sonhos e em *loops* fechados, em círculos fechados que, em vez de nos porem a caminho, nos fecham.

<sup>53</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 265. Cf. Id., *Alla ricerca del volto umano*, BUR, Milão 2007, p. 92.

<sup>54</sup> *Ibid*, pp. 265-266.

## 2. O Ideal acontece

Neste ponto, Giussani dá mais um passo: «*Segundo*. Acontece uma presença [entre as muitas presenças], a presença do Verbo de Deus feito homem no seio de Maria. Trata-se da presença d’Aquele de quem são feitas todas as pessoas e todas as coisas, trata-se d’Aquele que criou o mundo, portanto todas as realidades criadas são sinal d’Ele, encontram n’Ele a sua verdade (senão são mentiras) e a sua realização (senão são vãs). Todos os ideais despertados ao longo do caminho são em função d’Ele, o Ideal [com I maiúsculo]; os desejos do homem só são verdadeiros e efetivos se forem vividos em função do desejo d’Ele. As experiências de amor, da busca da verdade, da fecundidade, da construtividade são módulos para penetrar na experiência do Seu mistério: este é o ideal da vida do homem depois que Ele veio para permanecer até ao dia da Sua glória. Mas viver esta espera é a esperança de toda a esperança».<sup>55</sup>

Por isso, a presença de Cristo, dada a conhecer pela memória – determinados gestos, determinadas relações, determinados momentos, como as Laudes desta manhã, o sacramento e a Missa, são instrumentos desta memória que nos faz reconhecer imediatamente a Presença para a qual o nosso coração é verdadeiramente feito – põe as coisas no seu lugar: tudo é bom, tudo é amável, porque tudo é um sinal, é um passo para entrarmos em relação com Ele.

### *a. O salto do desejo para a espera cumpre-se em Cristo*

É precisamente Jesus que, ao vir, transforma o nosso desejo, os ideais despertados no caminho, em apelos à Sua espera, na certeza de que Aquele que esperamos vem. É como uma transformação, é como um passo dentro da nossa ontologia, uma recuperação da nossa verdadeira ontologia. Numa homilia memorável na noite de Páscoa, Bento XVI falou de «um salto de qualidade na história da “evolução” [que ocorreu com a ressurreição de Jesus] e da vida em geral para uma nova vida futura, para um mundo novo que, a começar de Cristo, incessantemente penetra já neste nosso mundo, transforma-o e atrai-o a si».<sup>56</sup>

Volto mais uma vez ao texto de 1961, do qual partimos ontem. *Don* Giussani fala assim desta espécie de *upgrade* do humano, que permite

<sup>55</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 266.

<sup>56</sup> Bento XVI, Homilia na *Vigília Pascal*, 15 de abril de 2006.

passar do desejo, da esperança humana – envolta em incertezas e tão facilmente confundida com sonhos que muitas vezes se tornam em pesadelos – à esperança cristã, que toma em si toda a esperança humana, mas abre-lhe um horizonte imprevisível e infinitamente maior, sem limites, que podemos esperar com certeza. Dizia ele nesse texto: «Um acontecimento, um facto novo, muda profundamente os termos do problema. Deus introduziu-se pessoalmente nesta dramática situação do homem: inseriu-se nela através de Cristo. Antes de mais, Cristo revela a amplitude insuspeitada do destino humano [...]. O significado da existência, revela-nos Cristo que está no destino de uma relação pessoal e sobrenatural com Deus [...]. Em segundo lugar, Cristo oferece-nos em si mesmo a possibilidade concreta de alcançar esse misterioso e imprevisível destino. [...] E Eu torno-me o teu caminho, Eu sou o garante da solução, bem como o caminho para ela. *Gratia Dei*: a realização do homem é um dom, um dom muito maior do que a origem imprevista e imprevisível do próprio homem».<sup>57</sup> Nós somos feitos assim: de esperança, de espera aberta ao infinito, e a presença de Cristo que se oferece como caminho permite-nos alcançar a realização do desejo de que somos feitos.

Voltemos àquele que *don* Giussani identifica como o momento mais alto e profundo da história humana e poética de Leopardi, no comentário que faz em *Si può (veramente?! ) vivere così*: «Cristo veio para clarificar este jogo: “Tudo é sinal de mim. Tudo fala de mim”. Tudo o que é grande na vida do homem é profecia d’Ele. [...] Quando o homem pressente isto – como pressentiu Leopardi no culminar da sua trajetória humana no hino *À Sua Dona* – imediatamente predis põe a sua alma para esperar uma outra coisa: mesmo perante aquilo que pode agarrar, espera outra coisa; agarra o que pode agarrar, mas espera outra coisa. A esperança não está naquilo que se pode agarrar, mas noutra coisa. Outra coisa... [...]. Portanto, a esperança que Cristo desperta e alimenta é a esperança humana, que, por graça, fica livre da frustração que todas as coisas provocam; não porque as coisas sejam negativas em si mesmas, mas porque a sua positividade é remeter para outro, caso contrário tornam-se ídolos. A esperança cristã é a esperança do desejo humano, mas no seu conteúdo traz um mundo diferente».<sup>58</sup>

<sup>57</sup> L. Giussani, *Realidade e juventude. O desafio*, op. cit., pp. 142-143.

<sup>58</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?! ) vivere così?*, op. cit., pp. 337-338.

Por isso, quem vive o encontro com Cristo não “superou” a esperança humana, que continua a ser «uma corajosa atitude de espera de um bem futuro, árduo e difícil aos olhos do presente»,<sup>59</sup> diz Giussani naquele texto. Quem vive o encontro com Cristo descobriu que o bem futuro, que em todo o caso permanece Mistério – porque não podemos defini-lo de modo algum –, tem um rosto presente, ou seja, o próprio Cristo.

A descoberta da coisa usual como sinal de Cristo torna-a eterna, para sempre. Quando se oferece uma rosa por amor, com o tempo ela murcha e morre, mas o significado que tem como sinal – o amor de quem a dá – permanece para sempre e, de algum modo, fá-la participar, mesmo depois de murchar, no significado eterno de que foi intermediária. Para o apaixonado, aquela rosa não deixa de ser uma rosa, mas assume um significado incomparavelmente maior; talvez a rapariga a guarde, a deixe secar e a emoldure; não o faria com qualquer flor, fá-lo porque “aquela” flor se tornou um sinal, remetendo para um significado.

Nós vivemos disto. Na história religiosa da humanidade, é aquilo a que o homem religioso chama uma realidade *sagrada*. Se numa determinada gruta ou numa determinada pedra o Mistério se manifestou (pensemos numa aparição da Virgem Maria ou na sarça ardente), essa pedra continua a ser uma pedra, mas nunca mais será uma pedra como outra qualquer, porque o facto de ter sido veículo, precisamente, do Eterno, do Mistério, do Infinito, permanece para sempre, e o seu valor torna-se abissal e perene, *sagrado*. Nós, padres, sabemos-lo bem, pois é frequente encontrarmos na igreja estatuetas ou santinhos ali deixados por alguém que se queria desembaraçar deles e não teve coragem de os deitar para o lixo, por serem imagens sagradas. «Que o padre o faça...», como que a dizer: o padre, sendo consagrado, pode decidir. Aquilo que “transporta” o significado da realidade sai da vulgaridade das coisas normais, atinge o eterno para sempre. Não se trata de uma simples superstição, mas revela como somos feitos para reconhecer cada coisa como sinal d’Aquele que a fez.

Pensemos no olhar que pode ter sobre os outros, sobre a criação, sobre o mundo, aquele que vê e reconhece *cada coisa, cada pessoa*, na sua origem no Mistério que é o seu significado e, por isso, a torna *sagrada*. Já não existe a separação entre o *sagrado* e o *profano*, porque,

---

<sup>59</sup> L. Giussani, *Realidade e juventude. O desafio*, op. cit., p. 140.

como tudo é relação com Cristo, tudo se torna de algum modo *sagrado*. Na perspectiva do Eterno que se comunica a nós em Jesus, compreendemos então que mesmo as coisas que percebemos como grandes contradições à esperança, isto é, o pecado, a dor e a morte, são atravessadas pela consciência de que só n'Ele encontram um sentido, que talvez ainda não sibamos, que não conhecemos. Então, quase se poderia dizer que são sacralizados, no sentido de que remetem para Ele, como exigência de sentido e de perdão, e neste sentido são superados n'Ele, como anúncio cheia de exultação toda a liturgia deste tempo pascal. Porque Jesus ressuscitou, tudo se insere nesta definitividade; até a morte é vencida, já agora e para sempre.

### ***b. A Sua presença reconhecida na fé transfigura o presente e o futuro***

Este presente em que Ele está, como Presença à volta da qual tudo se ordena num sentido novo e sagrado, faz-nos ter a certeza, portanto, do amanhã. Eis a diferença entre o olhar para o futuro do homem que tem essa estrutura de desejo, mas não encontrou Cristo e o do homem que recebeu a *grande graça*. Diz *don* Giussani: «O que é que a vida cristã faz? Faz-te viver o presente com tal atenção a todas as coisas do presente que, prestando atenção até ao mar que tens à tua frente, vês no último horizonte do mar um pontinho; e não é um barco que se vai embora, é um barco que se aproxima. É o destino que chega até ti; e o dia em que te dás conta do pontinho que é o destino que está a chegar é um grande dia, como aconteceu a Cristóvão Colombo: foi um grande dia aquele em que começou a entrever um bocadinho de terra à vista».<sup>60</sup> É por isso que a espera do futuro não tem incertezas: mesmo que ainda não o conheças, sabes que o destino é certo e bom, porque está nas mãos d'Aquele que te ama.

### **3. A Sua presença centuplica as nossas tentativas**

Voltemos ao resumo de *Si può (veramente?!) vivere così?*, que continua da seguinte forma: «*Terceiro*. Ele, portanto, deve entrar para determinar todas as tentativas em que a esperança humana – é o motor, a esperança! – procura a experiência suprema, última, que torna as experiências humanas habituais cem vezes mais estimulantes. Uma capacidade de

<sup>60</sup>L. Giussani, *É possível viver assim? Vol. II, Esperança*, op. cit., p. 24.

familiaridade ou de amorosidade com Cristo, uma valorização do trabalho, uma exaltação dos afetos, um protagonismo histórico como criação do povo de Deus: estas são as consequências». <sup>61</sup>

Por isso podes estar atento a todas as coisas do presente e disponível ao que vem do Mistério; e qualquer que seja a forma que assuma, no fundo sabes que é um bem para ti. Ele possui a história e também nós possuímos o presente numa posse já dada. A ênfase está neste particípio: dada. Cristo permite-me possuir o presente porque no presente está Ele e, por isso, ao receber o conteúdo do presente como Seu dom, possuo-o verdadeiramente (tudo se torna sagrado) e tenho a certeza do amanhã, seja ele qual for.

Jesus promete aos Apóstolos que eles possuirão a realidade presente e futura em plenitude como Ele, e até que farão coisas maiores do que Ele, quando tiverem recebido o Espírito Santo, como afirma o capítulo 14 do Evangelho de João: «Em verdade, em verdade vos digo: quem crê em mim também fará as obras que Eu realizo; e fará obras maiores [percebem? fará maiores!] do que estas, porque Eu vou para o Pai, e o que pedirdes em meu nome Eu o farei, de modo que, no Filho, se manifeste a glória do Pai. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, Eu o farei». <sup>62</sup> Na certeza d'Ele tornamo-nos protagonistas de uma novidade que entra em tudo, mas a nossa esperança é sempre e só Ele. Em *É possível viver assim?* don Giussani cita o episódio dos apóstolos no capítulo 6 do Evangelho de João, quando na sinagoga de Cafarnaum Jesus diz que terão de comer a sua carne e beber o seu sangue, e todos o abandonam, julgando-o louco. Depois pergunta aos seus, que ficaram, apesar de não compreenderem: «Também vós quereis ir embora?»; Pedro faz-se porta-voz deles e responde: «A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna!» <sup>63</sup> Giussani comenta: «No que é que se apoiava a esperança que Pedro, João, André tinham em Jesus? Jesus, para eles, era aquele a quem tratavam por “tu”, era uma Presença: [...] deviam “sentir” que pertenciam àquele homem, para que pudessem basear n'Ele uma sua esperança no futuro». <sup>64</sup> É precisamente a grandeza da sua presença que dá a certeza do futuro.

<sup>61</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?) vivere così?*, op. cit., p. 266.

<sup>62</sup> Jo 14,12-14.

<sup>63</sup> Cf. Jo 6.

<sup>64</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, Vol. II, *Esperança*, op. cit., p. 24.

Poderia contar-vos algo sobre a minha experiência, a minha ida para o Peru há vinte e três anos, ou a minha nomeação como bispo no ano passado. Em ambos os casos, foram grandes escolhas, que implicaram “queimar os navios” – para usar uma imagem apropriada, até porque foi isso que Hernán Cortés fez quando chegou à América, como um voto de nunca mais voltar –, porque se tratava de dizer sim a uma mudança total de vida. Não era um projeto meu, aliás, para ser sincero, até à véspera de me pedirem para partir, não pensava nisso – que acolhi e aceitei não porque soubesse o que iria acontecer, mas porque reconheci que aquele passo era e é um dom que vem de Jesus e, por isso, podia apostar, arriscar. Sabes a Quem te confias e a Quem confias o teu futuro, que não conheces e nem sequer podes imaginar, mas sabes que é o caminho que Ele te faz percorrer para a plenitude, para o destino.

Na véspera da proposta de ir para o Peru – tinha sido há pouco tempo nomeado pároco em Coverciano (um bairro famoso de Florença; aliás, quando o Arcebispo me disse: «Mando-te como pároco para Coverciano», quase fiquei envergonhado, porque a primeira coisa que me veio à cabeça foi: «A paróquia fica a quinhentos metros do estádio!»), parecia-me ter uma vida completa e até boa. Olhando para trás, mais tarde, quando já estava em Lima, que salto de qualidade na consciência de Cristo e, portanto, na consciência de mim! E que graça de compreensão centuplicada do carisma, ao qual eu já pertencia (conheci o movimento aos dezasseis anos), mas do qual não via senão a *ponta do iceberg*! Que poder de novidade e de intensidade de vida me iria dar na grande história do movimento na América Latina, que na véspera não tinha quase nada a ver comigo, a não ser o facto de eu cantar «*Rossa sera, Belo Horizonte, i miei occhi mai t'han guardato...*».<sup>65</sup> Sempre pensei que não poderia viver num lugar de onde não se pudesse ver a cúpula da Catedral de Florença, tão apaixonado eu era e sou pela minha cidade. Mas, desde então, é a aventura que continua a questionar e a mover a minha fé.

O mesmo aconteceu no ano passado: já me sentia desafiado, mas também, de alguma forma, realizado na minha nova condição; era pároco em Florença, tinha deixado recentemente os vários cargos diocesanos que me tinham sido confiados nos anos anteriores (e que me tinham pesado

<sup>65</sup> R. Ronza, «Rossa sera», em *Canti*, op. cit., p. 266.

um pouco, honestamente), porque o meu Arcebispo, o Cardeal Betori, me tinha deixado livre para a nova tarefa – que me tinha sido confiada desde agosto de 2022 – de ser responsável pela região latino-americana da nossa Fraternidade. Era mais um enorme desafio. Lembro-me que tinha marcado um encontro com o Davide porque, depois de uma viagem à Argentina, onde havia a possibilidade de um serviço eclesial muito concreto, pensei que poderia ser útil ir viver para lá. Além disso, na última conversa que tive com ele, o meu Arcebispo tinha-me dito: «Se puderes, fica aqui como pároco...». Obviamente, aquele «se puderes, fica», eu tinha-o entendido como um «se quiseres, podes ir».

Mas chegou o dia, na segunda-feira antes do Natal de 2022: ao ver aparecer no meu telemóvel um número de Roma, pensava que era uma chamada publicitária e desliguei o telefone duas vezes. À terceira vez, atendi e era o Núncio Apostólico! Procurava-me para me informar da nomeação como Bispo de San Miniato. Um novo salto que aceitei, sabendo muito bem que era uma responsabilidade que me assustava pela minha mesquinhez e pequenez objetiva. Mas como é que poderia ter recusado? Apesar de ser um “bischeru qualunque” (para quem não sabe florentino, significa um “tonto qualquer”), confiei. Por outro lado, o Núncio perguntou-me: «O que é que respondes ao Papa?». Poderia eu dizer não ao Papa? Continuei a confiar n’Ele. Mas o *upgrade*, neste caso, não consistiu *tout court* no dom do sacramento, totalmente graça Sua, mas expande-se na provocação – que tenho vivido todos os dias desde então – à consciência que tenho de Cristo, na identificação com Ele, à qual sou chamado sem possibilidade de mal-entendidos. Além disso, a minha relação com a América Latina continuou – o que também era inimaginável para mim – depois da minha nomeação como bispo. Tinha imediatamente dado por adquirido que o meu compromisso com a América Latina iria terminar. Mas no diálogo já programado com o David, que assumiu outros contornos, evidentemente, ele disse-me: «Por que é que não podes continuar?», eu estendi as mãos e respondi: «Tenho de perguntar ao Núncio Apostólico, ao meu Bispo e ao Presidente da CEI, o Cardeal Zuppi». Inesperadamente, os três – eu ainda não tinha sido consagrado bispo – disseram-me para continuar. Aceitei, porque fiz a experiência de que a disponibilidade é para o cêntuplo, o que depois se traduziu – uma vez que não podia ir frequentemente à América Latina – numa condução comunitária com o Fernando da Ar-

gentina, a Stefania do Equador, o Oliverio do México e outros. Começou uma nova forma de conduzir a experiência do movimento, graças à sua responsabilidade acrescida. Uma liderança comunitária que, por exemplo, se expressou na Assembleia que teve lugar em março no Brasil com todos os responsáveis da América Latina e que foi uma coisa espetacular. Este passo lindíssimo se deveu a um projeto ideológico, mas à obediência às condições dadas. No entanto, é a experiência de uma vida toda (uma grande graça) que confirma que, ao dizer sim a Jesus, que possui a história, a promessa cumpre-se e o destino torna-se cada vez mais próximo, vem ao nosso encontro.

#### 4. «Só Ele é»

Prosegue don Giussani: «*Quarto*. O erro permanece como dor, não é uma objeção [e cita a célebre frase de *Miguel Mañara*]: “Essas coisas não aconteceram. (...) Só Ele é”. De facto, pensamento, coração... toda a nossa capacidade de relação, quase insensivelmente, está centrada em Cristo». Não se trata, por assim dizer, de uma desculpa barata. «Só Ele é»<sup>66</sup> significa que nem sequer o pecado uma objeção. Com efeito, diz Giussani: «“Só Ele é”. Não só não é a exclusão do meu pai e da minha mãe, mas é a assunção, na exaltação de Cristo, do meu pai e da minha mãe; o meu pai e a minha mãe entram com Ele, na Sua figura; a pessoa mais amada entra na Sua figura, no coração, no centro da Sua figura»,<sup>67</sup> ou seja, torna-se sinal, caminho. Tudo podemos encontrar na unicidade da Sua presença omnipresente.

Ele não nos esconde, *don* Giussani, que esta esperança vivida é um caminho para possuir um bem árduo. E este “só Ele é” de *Miguel Mañara* não é um passar por cima do nosso mal sem um juízo, do nosso mal que se opõe a Cristo (aliás, lembram-se de Miguel Mañara tão fechado no remorso pelo mal que fez, na consciência da sua maldade intrínseca, que não consegue sentir-se perdoado? Ele ouve-o dizer porque não consegue sair da sua angústia pelo mal que fez), mas a promessa de que a dor e o arrependimento do pecado são uma introdução à gratidão, que nos leva depois a descobrir que Cristo é tudo, e tudo podemos encontrar na unidade da Sua presença omnipresente.

<sup>66</sup> Cf. O.V. Milosz, *Miguel Mañara*, Taprobana, Lisboa 2022, p. 64.

<sup>67</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., pp. 266-267.

O pecado permanece e dói, mas também ele se torna um grito à Sua infinita misericórdia.

Isto, recorda-nos *don* Giussani, implica ser paciente. «Pela vossa constância é que sereis salvos», diz Jesus no Evangelho de Lucas.<sup>68</sup> E descreve assim a paciência: «A paciência é a capacidade de trazer consigo tudo na coragem razoável de nada renegar, de nada esquecer e – atenção! – de não recusar».<sup>69</sup> E é a paciência de permanecer no caminho que Cristo nos dá, na companhia que o torna presente para nós: «Permanecei em mim».<sup>70</sup> A paciência é este estar agarrado a Ele, voltar a Ele, depois do erro, pedir-Lhe perdão e pôr-se de novo a caminho seguindo-O. Como é importante, por isso, estarmos apegados aos sinais da Sua presença que nos transforma, a esta companhia, aos Sacramentos, à confissão frequente, na qual recebemos o Seu perdão, à Missa e à Eucaristia, nas quais Ele se nos dá a Si mesmo!

«Permanecei em mim». Permanece o cansaço, o pecado, a traição, mas eles perdem a sua capacidade de nos rebaixar, de nos deitar por terra, de nos afastar de Cristo. Continuamos a cair, continuamos a desviar-nos, continuamos a iludir-nos de que o que nós imaginamos, o que nós pensamos, satisfaz o desejo do coração. O pecado continua a ser pecado, mas voltar a olhar para Ele, gritar para Ele, voltar para Ele. A esperança tem um segredo, e é o segredo do Pai, da Sua misericórdia, do Seu perdão que nos faz renascer. Ouçam com que belas palavras o diz Péguy: «Por isso interrogamos: mas porquê / Porque é que essa fonte da Esperança corre eternamente? / Que fonte é essa, eterna, que corre eternamente. [...] / Deve haver um segredo nisso, um mistério. [...] / – Ó Gente boa, diz Deus, nada de mal existe. / O seu mistério não tem nada de estranho. / E o seu segredo é simples. [É com as águas más que ela cria nascentes de água pura / E é por isso que ela nunca faltará // É também por isso que ela é a Esperança. [Nascentes da água parada / Almas frescas de almas envelhecidas. [...] // Como conseguiu ela, como é que ela trabalhou. / Isso, meus filhos, é o meu segredo. / Porque Eu sou o seu Pai.»<sup>71</sup>

*Don* Giussani comenta assim este texto: «Voltar a esperar depois de termos cometido um erro é um gesto tão grande que o poeta Péguy o define como “mistério secreto da esperança”, porque o perdão do mal

<sup>68</sup> Cf. Lc 21,19.

<sup>69</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?, Vol. II, Esperança*, op. cit., p. 39.

<sup>70</sup> Jo 15,4.

<sup>71</sup> C. Péguy, *Os portais do mistério da segunda virtude*, op. cit., pp. 143-144.

é mesmo mistério. “O mistério secreto da esperança que, com as águas más, faz água pura e faz almas frescas com velhas almas”: é o renascimento. O batismo é o princípio deste renascimento, princípio que atua durante cem anos, se uma pessoa viver cem anos, durante 103, se uma pessoa viver 103 anos, que actua 1299 vezes, se uma pessoa tiver feito 1299 pecados, e que actua 10.003 vezes, se uma pessoa tiver feito 10.003 pecados». <sup>72</sup> A Sua misericórdia, a grande graça.

## 5. A casa da esperança

Mas esta misericórdia, esta água purificada, este renascimento da esperança tem um lugar, uma casa, uma companhia viva, onde floresce, como canta Claudio Chieffo na *Canzone del melograno*. <sup>73</sup>

Don Giussani descreve-o com estas palavras: «*Quinto*. O lugar deste acontecimento é uma companhia eclesial; eclesial significa pessoas que se reúnem para isto: por Cristo. A nossa companhia é só amizade. A nossa companhia é só amizade, e com o desejo de nos tornarmos cada vez mais amigos, vamos comer!». <sup>74</sup> Concluiu assim a síntese do *Si può (veramente?! ) vivere così?*, mas nós temos de dizer mais uma coisa antes de irmos comer.

A Igreja é este lugar, a casa onde se reaviva a esperança incessantemente, o lugar feito por Jesus para nos elevar continuamente no árduo caminho em direção ao destino, o lugar onde somos olhados com o olhar de Deus que *nos observa* desde antes de existirmos. É o lugar onde Ele nos ama na nossa fraqueza e onde somos elevados pela graça dos sacramentos e pela companhia quotidiana da «nuvem de testemunhas» <sup>75</sup> com que Ele nos rodeia. Na Igreja, na nossa companhia, feita por Sua graça da nossa humanidade pobre e pecadora, está a Presença de Deus que nos redime do mal e da morte.

Por isso devemos olhar para a nossa amizade como uma coisa *sagrada*, de que Cristo quer servir-se para mostrar a todos o Seu rosto. É assim que a vê o Papa, que nos escreveu na sua carta de 30 de janeiro

<sup>72</sup> L. Giussani, *É possível viver assim? Vol. II, Esperança*, op. cit., p. 41.

<sup>73</sup> C. Chieffo, «Canzone del melograno», em P. Scaglione, *La mia voce e le Tue parole*, Ares, Milão 2006, p. 268.

<sup>74</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?! ) vivere così?*, op. cit., p. 267.

<sup>75</sup> Cf. M-G. Lepori, *De olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé*, supl. *Passos*, n. 3/2023, pp. 27-28.

passado: «Estou grato ao Senhor pela vitalidade que o movimento demonstra continuamente na sua obra de evangelização e de caridade para com os homens e as mulheres de hoje». E disse-nos também que esta vitalidade precisa da nossa unidade, a que chamou «guardiã da fecundidade do carisma».<sup>76</sup> A unidade é um dom, porque Outro nos fez uma só coisa. Ele fez-nos «um». Em *Porquê a Igreja*,<sup>77</sup> don Giussani retoma três textos de São Paulo que me permito citar: «É que todos vós sois filhos de Deus em Cristo Jesus, mediante a fé; pois todos os que fostes baptizados em Cristo, revestistes-vos de Cristo mediante a fé. Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus. E se sois de Cristo, sois então descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa».<sup>78</sup> Quantas vezes don Giussani insistiu precisamente nisto: «Todos sois um só», isto é, uma só coisa, uma só pessoa, «em Cristo Jesus». «Aí não há grego nem judeu, circunciso ou incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre, mas Cristo, que é tudo e está em todos».<sup>79</sup> «De facto, num só Espírito, fomos todos baptizados para formar um só corpo, judeus e gregos, escravos ou livres, e todos bebemos de um só Espírito».<sup>80</sup>

A nossa unidade, na grande unidade da Igreja, é o caminho, é como o leito do rio que conduz ao destino, à foz, a Cristo, Àquele que cumpre a espera e a esperança. A corrente de vida nova que, através de don Giussani, chegou até nós e nos gera continuamente, por pura graça do Senhor, é este lugar concreto, esta *casa da esperança*. Na Igreja, no movimento, existem as casas, as moradas: as casas dos *Memoires Domini*, as casas das nossas famílias, as casas que são os nossos grupos de Fraternidade, chamados a ser reflexo da única Igreja, em sentido sacramental: assim como cada hóstia consagrada traz o mesmo Jesus, assim estamos juntos para reconhecer a Sua presença entre nós e para nos ajudar a segui-la, a permanecer ligados à fonte, a fluir no leito desta unidade dada, mas também procurada e perdida.

Em *Porquê a Igreja*, don Giussani fala assim da articulação entre a Igreja universal e a comunidade concreta onde uma pessoa encontra e

<sup>76</sup> Francisco, «Carta a Davide Proserpi», <https://por.clonline.org/>

<sup>77</sup> Cf. L. Giussani, *Porquê a Igreja*, op. cit., pp. 99-100.

<sup>78</sup> Gl 3,26-29.

<sup>79</sup> Col 3:11.

<sup>80</sup> 1Cor 12,13.

vive a fé: «A forma de aprender o que seja a Igreja total é percorrer até ao fundo a experiência eclesial que se encontrou, desde que essa experiência tenha as características da verdadeira eclesialidade. Por este motivo, a obediência à Igreja total, a dependência em relação a ela, a articulação com ela, a identificação de si próprio com os outros fatores presentes no âmbito da vida cristã, são aspetos que definem a validade dos encontros. Caso contrário, a razão por que se atribui valor aos próprios encontros não é o mistério de Jesus Cristo que se comunica na história e no mundo, mas uma coisa que reduziu o seu alcance. Por outro lado, a Igreja total só pode surgir historicamente numa manifestação provisória, num determinado local, num determinado âmbito. Como pode Jesus Cristo ser comunicado num ambiente senão através de um grupo de cristãos conscientes de verdadeira pertença à mesma Igreja? Sem eles é como se a Igreja total, naquele ambiente, não existisse: a Igreja local tem valor enquanto manifestação da Igreja total que, sem a primeira, não viveria uma existência histórica concreta».<sup>81</sup>

Nesta articulação, o que prevalece como atitude concreta em todos os que dela fazem parte é o amor à unidade e isso alimenta-se do seguimento: a obediência aos pastores, diz o Papa, e a colaboração «com disponibilidade e lealdade com quem é chamado a guiar o movimento. Só esta obediência, continuamente redescoberta e alimentada, poderá assegurar entre vós uma experiência cada vez mais rica de vida cristã e a renovação da vossa presença no mundo, para o bem de toda a Igreja».<sup>82</sup> *Don Giussani* conta que o movimento começou no momento em que se surgiu a unidade com aqueles rapazes que encontrou na Via Lamarmora à saída da escola, e que se pôs a seguir: não a eles, mas à unidade com eles, Àquele que nela se manifestava. «O movimento tinha sido e era o ponto de partida de tudo, porque exigia a minha pertença. Ou seja, ao iniciar o movimento, o primeiro a jogar era eu. Assim, quando enfrentei os três primeiros rapazes na rua, depois da primeira hora de aulas, depois do primeiro dia de ensino no liceu Berchet, fui para casa todo preocupado comigo: com que responsabilidade, com que autoconsciência, com que implicação de mim tinha de responder e corresponder ao que começava a perceber ao falar com eles! Percebia que não podia

<sup>81</sup> L. Giussani, *Porquê a Igreja*, op. cit., pp. 111-112.

<sup>82</sup> Francisco, «Carta a Davide Prospero», <https://por.clonline.org/>

voltar a vê-los no dia seguinte sem tomar posição perante esta dilatação da questão: eu pertencia àqueles três rapazes; pertencia não a eles, mas à unidade com eles. Algo tinha acontecido».<sup>83</sup>

O seguimento, na mendicância de Cristo – o seguimento é dos mendicantes, como dizíamos ontem à noite, ou seja, daqueles que não têm nada a reclamar, nada a defender –, é um caminho. Isto torna-nos carregados daquela *ousadia ingénua* que faz de nós testemunhas; torna-nos fortes no nosso testemunho e, ao mesmo tempo, sem pretensões, capazes de acolher qualquer indício de verdade em cada pessoa que encontramos, para que Ele, Jesus, seja conhecido e amado, e nos possa salvar a nós e ao mundo. Somos chamados, diria ainda Péguy, a «alimentar [...] / Com a nossa carne e o nosso sangue, o nosso coração, / As Palavras carnis, as palavras eternas, temporalmente, carnalmente pronunciadas [...] para manter vivas no tempo / Essas palavras pronunciadas vivas no tempo».<sup>84</sup>

### «Tu és fonte viva de esperança»: Maria e a Igreja

Gostaria de concluir insistindo na analogia – sublinhada por toda a Tradição – entre a Igreja (e a nossa companhia) e Nossa Senhora. Faço-o, antes de mais, com o que Péguy diz sobre a Virgem Maria. Numa entrevista editada pelo nosso amigo Rafael Gerez, no *Encuentro Madrid* de 2021, Fabrice Hadjadj dá-nos a chave da sua interpretação: «Do ponto de vista teológico, a esperança é certamente a virtude que nasce quando se articulam a fé e a caridade, quando se articulam o céu e a terra, o pecador e o santo, a carne e a pureza. É por isso que, por detrás de cada uma das suas reflexões sobre a esperança, Péguy tece uma maravilhosa meditação sobre a Virgem Maria, carnal e pura. Aqui reside, de facto, a dificuldade. É muito fácil estar apenas no céu ou apenas na terra. Mas o difícil é estar nos dois pólos; e voltar-se para o céu sem fugir da terra, sob pena de nos encontrarmos com uma religião que se torna o ópio do povo. Mas também não é necessário estar apenas na terra, de forma a que, por exemplo, em nome da realização de uma justiça simplesmente

---

<sup>83</sup> L. Giussani, “A pertença à morada como movimento para a unidade da vida”, in *Litterae Communiois-Tracce*, 1/1997, p. III. É um texto muito interessante, no qual don Giussani narra o surgimento do movimento.

<sup>84</sup> C. Péguy, *Os portais do mistério da segunda virtude*, op. cit., p. 82.

humana, cheguemos a destruir tudo, a arrancar tudo, o bom trigo e o joio; é necessário deixar espaço para o juízo final». <sup>85</sup>

Mas eis o que Péguy escreve: «A todas as criaturas falta sempre alguma coisa. [...] / Às que são carnis falta-lhes precisamente o serem puras. [Mas às que são puras falta-lhes precisamente ser carnis. [...] // Mas ela, pelo contrário, não lhe falta nada [...] / A não ser o ser Deus. [...] / (Mas isto está na ordem das coisas.) // Porque sendo carnal ela é também pura. / Sendo pura, é também carnal». <sup>86</sup>

Péguy vê nesta unidade paradoxal a tarefa de Maria como «segurança da nossa esperança». Mas se a analogia Maria-Igreja é válida, a coexistência paradoxal da pureza e da carnalidade também se realiza na Igreja e na nossa companhia. Como a terracota de Luca della Robbia da *Visitação de Maria a Isabel*, modelada em 1445, a primeira estátua de terracota vidrada em relevo. A anciã lança-se de joelhos diante de Maria, tão jovem, quase uma criança, porque está cheia de graça, a graça que já a enche; a presença de Cristo manifesta-se nesta juventude infantil e madura, cheia de consciência do Mistério e de toda a beleza: é ela a menina esperança. Cheia de graça: é precisamente uma imagem daquilo que é a Igreja, daquilo que nós somos, do nosso movimento. Assim rezava *don* Giussani, na memorável e breve mensagem (uma das últimas) por ocasião da Peregrinação a Loreto pelos cinquenta anos do movimento:

«“Oh Nossa Senhora, sois a segurança da nossa esperança!” Esta é a frase mais importante para toda a história da Igreja; nela está encerrado todo o cristianismo. “Vós sois a segurança da nossa esperança” indica o desabrochar das coisas. Sem Nossa Senhora não poderíamos estar seguros do futuro, porque a segurança do futuro vem-nos de Cristo: o Mistério de Deus que se faz homem. [...]»

Assim, para nós, a oração a Cristo identifica-se cada vez mais com a oração a Nossa Senhora». <sup>87</sup>

Termino com a saudação que *don* Giussani dirige aos participantes no Meeting de Rimini em 2002 – naqueles últimos anos da sua vida, em

<sup>85</sup> Fabrice Hadjadj. *Una vida en clave de esperanza. Diálogo con Rafael Gerez Kraemer*, editado por Carmen Giussani, Bookman, Madrid 2021, p. 65 (tradução nossa).

<sup>86</sup> C. Péguy, *Os portais do mistério da segunda virtude*, op. cit., pp. 65-66.

<sup>87</sup> L. Giussani, “Peregrinação a Loreto, 16 de outubro de 2004. No cinqüentésimo aniversário do nascimento de Comunhão e Libertação”, *Tracce*, n. 10/2004.

que em todas as ocasiões falava de Maria<sup>88</sup> —: «Vós sois da esperança fonte de vida: a esperança é a única estação onde para por um momento o grande comboio da eternidade. Tu és da esperança uma fonte viva. Sem esperança, de facto, não há possibilidade de vida. [...] Que esta fonte viva de esperança seja todas as manhãs — todas as manhãs — o sentido imediato da vida mais mordaz e tenaz que possa existir. Sejam os amigos para isso. Continuemos amigos; como, continuemos amigos? [...] Tu és uma fonte viva de esperança. Desejo-te que sejamos companheiros, que nos sintamos amigos do fundo do coração, mesmo que não nos conheçamos diretamente. Conheçemo-nos indiretamente, mas ainda mais do que se fosse diretamente. Fonte viva, Virgem Mãe, termo fixo do eterno conselho. Que coisa! Dizer isto ao fim de setenta anos é verdadeiramente impressionante. É evidente que não há nada seguro no mundo a não ser isto. Adeus e desculpem a minha impertinência».<sup>89</sup> A minha também!

### *Regina coeli*

---

<sup>88</sup> Recordemos como na nova edição de 2003 do *Porquê a Igreja* quis acrescentar um capítulo conclusivo sobre Maria, origem e modelo da Igreja e da nossa companhia, onde se lê, entre outras coisas: «Nossa Senhora introduz-nos no Mistério, ou seja, no significado do tempo que passa; o seu olhar guia-nos no caminho, o seu exemplo educa-nos, a sua figura constitui o desígnio do nosso propósito. Mãe generosa, ela gera por nós a grande Presença de Cristo. Somos consolados, perdoados, confortados, alimentados, enriquecidos, alegrados por aquela Presença que renasce da carne de Nossa Senhora. Por este motivo lhe pedimos todos os dias que nos faça participantes da sua liberdade, da sua disponibilidade, o seu caminho» (L. Giussani, *Porquê a Igreja*, op. cit., p. 289).

<sup>89</sup> L. Giussani, “Fontana vivace”, *Tracce*, n.º 8/2002, pp. 2-3.

# *Sábado, 13 de abril, tarde*

Wolfgang Amadeus Mozart

Concerto para piano em dó menor n° 24, K 491 Piano, Clara Haskil

Orchestre des Concerts Lamoureux – Igor Markevitch ‘Spirto Gentil’ No. 32, (Philips) Universal

## ■ SEGUNDA MEDITAÇÃO

**Giovanni Paccosi**

### *A letícia do pobre*

Também hoje à tarde iremos retomar o *Porta la speranza*, o texto de don Giussani que citámos várias vezes esta manhã. O parágrafo final intitula-se «O sublime na vida quotidiana».

«Há dois fatores precisos de experiência que quem participa na comunidade da Igreja [isto é, participa no lugar onde Cristo se torna presente, tornando possível a nossa esperança], vivendo a sua liturgia, experimenta: *a segurança* e *a laboriosidade*. Uma segurança profundamente humilde, porque o seu fundamento não está em mim, mas n’Aquele para quem tudo é possível. “*In spem contra spem. Spes autem non confundit*” [Esperando contra a esperança, a esperança não desilude]. Uma laboriosidade que não se reduz a determinados momentos e não se identifica apenas com determinadas tarefas, mas que investe cada momento e redime na utilidade de uma nobre tarefa cada medida mais breve de gesto. Uma laboriosidade que realiza o sublime na aparente banalidade da vida mais mesquinha». Neste ponto, há uma frase lindíssima: «O sublime não pode ser quotidiano, tal como o vinho e a água?».<sup>90</sup>

Que perspectiva apaixonante! Isto remete-nos para tudo aquilo que meditámos esta manhã, para a certeza que se projeta no futuro precisamente em virtude desta familiaridade com o *sublime*, com o Mistério, porém, feito presença que investe as coisas comuns e as torna sinal do próprio sublime, dando-lhes um valor *sagrado*. Don Giussani conclui o

<sup>90</sup>L. Giussani, *Porta la speranza*, op. cit., pp. 161-162.

artigo recordando a necessidade da educação para a esperança: «Nesta terra não se pertence a Cristo senão na esperança. Portanto, é na educação para a esperança que se penetra na experiência da redenção».<sup>91</sup> Mas como é que se educa para a esperança?

Antes de passar à resposta, abro um pequeno parêntesis. Depois de ter mencionado o tema desta tarde, alguém me recordou como, no *L'attrattiva Gesù, don Giussani* nos convida a ter presentes duas coisas.<sup>92</sup> Por um lado, o espanto, pela atratividade da realidade, das coisas, que põe em movimento o nosso desejo. Por outro, o sacrifício necessário para educar a nossa esperança. Sacrifício no sentido que dizíamos esta manhã, de tornar tudo *sagrado*, de reconhecer o sinal daquilo que atrai mais do que a própria coisa. Eu dizia esta manhã: pensem no olhar que pode ter aquele que vê todas as coisas, todas as relações, todas as pessoas como sagradas, porque reconhecidas como o lugar onde se manifesta o Mistério.

Então, como é que se educa para a esperança? Retomemos o *É possível viver assim?* para descobrir como a experiência da redenção pode tornar-se consciência imediata, tão familiar como o pão e o vinho.

O sentimento que nasce no homem que vive na esperança é a *confiança*, mas – afirma *don Giussani* – há um ponto de passagem, um obstáculo a ultrapassar, para viver nesta familiaridade presente cheia de confiança no futuro. «Da esperança à confiança, o obstáculo que pode surgir é atribuir a certeza no futuro a certas coisas que já possuímos, por exemplo, o dinheiro, os cabelos, os óculos de ouro, as amizades, a proteção dos poderosos, o saber cantar, os músculos... em todas as combinações e imagens possíveis. [...] O que é que poderá criar um obstáculo à confiança [...]? Alguma coisa que possuímos, na qual colocamos a confiança; alguma coisa que já possuímos. Mas então, trata-se de não possuir, pelo menos tratar-se-ia de não possuir daquela maneira, e a virtude que tem a ver com o não possuir é a virtude da pobreza».<sup>93</sup>

Será possível que *don Giussani*, para enfrentar um tema tão fundamental e controverso como a *pobreza*, cite como obstáculos à confiança vivida factos tão mínimos, quase irrisórios, diríamos? Podem ser obstáculos para a *esperança*, e o sentimento vital que dela deriva, a

<sup>91</sup> *Ibid*, p. 162.

<sup>92</sup> Cf. L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, BUR, Milão 1999, pp. 34-37.

<sup>93</sup> L. Giussani, *É possível viver assim? Vol. II, Esperança*, op. cit., p. 81.

*confiança*, o apego ao cabelo, aos óculos de ouro, ao saber cantar, aos músculos? Mas são precisamente estes os exemplos que ele dá. São os bens, aparentemente insignificantes, de que é feita a nossa vida quotidiana. É quase assustador pensar a quantas coisas nos podemos apegar, como podemos colocar a nossa segurança na posse de certos bens presentes para olhar para o futuro, e não na certeza d'Ele presente. Colocar a nossa certeza numa posse presente, «certa», é uma objeção à esperança: «*Certa* quer dizer fixada por nós, prevista por nós, escolhida entre aquilo que nos é mais cómodo, escolhida entre aquilo que mais nos persuade, escolhida entre aquilo que nos dá mais riqueza e, portanto, segurança económica».<sup>94</sup> A esperança como certeza do futuro vem do facto de possuímos Cristo, agora. A fé faz-me reconhecer Cristo presente agora, e por isso tenho a certeza do futuro. Em vez disso, colocar a certeza numa determinada posse, na posse de uma determinada coisa, esse é o obstáculo. Temos isto ou aquilo e então temos a certeza. E para o futuro, igualmente, queremos isto ou aquilo e a esperança reduz-se a tudo isso. Aqui, estamos perante alguma coisa em que não há o *et-et* (como que a dizer: «Eu posso esperar em Cristo e esperar também no bem-estar económico»). «Eu posso esperar em Cristo e esperar também no sucesso»), mas o *aut-aut*. Lembramo-nos bem de Jesus, quando fala da alternativa entre servir a Deus ou ao dinheiro.<sup>95</sup> Até porque, acrescenta *don* Giussani, tudo o que não seja a fé, à qual confias a tua certeza, não dura, o tempo leva-o.

Gostaria de fazer uma chamada de atenção, que se refere a como também nós podemos reduzir a nossa pertença à Igreja e ao carisma desta forma arbitrária. Podemos, de facto, confiar a nossa certeza para o futuro a uma imagem da nossa companhia definida por nós, à nossa própria interpretação daquilo que encontramos, e não à presença objetiva de Cristo, na história concreta do carisma, tal como nos chega agora, do caminho real que a Igreja nos confirma ser a presença segura de Cristo. Assim, podemos também julgar esta história com base «no cabelo, nos óculos de ouro, no saber cantar» ou no facto de sentirmos ou não determinadas coisas, de sentirmos ou não uma simpatia instintiva. Em vez da posse de alguma coisa que nos é continuamente dada,

---

<sup>94</sup> *Ibid*, p. 82.

<sup>95</sup> Cf. Lc 16,13.

que recebemos, que não está à nossa mercê, confiamos a nossa certeza a algo que detemos e dominamos, uma «coisa certa», tal como a queremos. A condição para escapar à chantagem destas reduções da fé e da esperança é a pobreza.

A partir desta abordagem *exterior*, de considerar a pobreza como condição para não sermos reduzidos à medida das coisas com que contamos, Giussani passa a delinear o fundamento do valor da pobreza: «Então, em que é que a pobreza fundamenta o seu valor? Na certeza de que é Deus quem cumpre. Cristo cumpre o desejo que faz nascer em ti: “Aquele que começou em vós a boa obra a completará até ao dia de Cristo Jesus”».<sup>96</sup>

A certeza de que Ele cumprirá a promessa torna-nos, portanto, livres das coisas: eis o fruto imediato da pobreza: *a liberdade*.

«Não és escravo de nada, não estás ligado a nada [...]: és livre. [...] Não és escravo daquilo que usas, porque *só* és escravo d’Aquele que te dá a certeza da tua felicidade».<sup>97</sup>

O Davide, ontem à noite, citava o episódio do jovem rico, não era? Também nós nos encontramos um pouco no drama de ter de decidir a que está realmente ligado o nosso coração. Mas é precisamente o reconhecimento de que só Cristo é a fonte desta certeza que nos liberta. Mas como esta pobreza nos custa! Como tentamos sempre exorcizá-la, relativizando-a, deixando que o apego às coisas nos escravize, e assim – como sempre acontece quando nos deixamos distanciar, nem que seja um milímetro, daquilo que nos é proposto – perdemos o melhor.

No Livro do Mês de fevereiro, sugerido pelo movimento, a originallíssima biografia de São Francisco escrita por Chesterton,<sup>98</sup> ele descreve a pobreza de Francisco com expressões paradoxais – como sempre faz – mas muito eficazes.

Introduz a descrição com a definição que Francisco dá de si mesmo um «*bobo de Deus*». E diz que a inversão de perspetiva, com a qual a certa altura Francisco começou a olhar para o mundo, pode ser comparada à forma como um acrobata que anda sobre as mãos o vê. «Temos uma visão mais adequada de determinado cenário – como por exemplo uma

<sup>96</sup> L. Giussani, *É possível viver assim? Vol. II, Esperança*, op. cit., p. 84.

<sup>97</sup> *Ibid*, p. 84.

<sup>98</sup> G.K. Chesterton, *São Francisco de Assis*, Aletheia, Lisboa 2013.

paisagem», diz Chesterton, «vendo-o de pernas para o ar».<sup>99</sup> E a misteriosa reviravolta que aconteceu na vida de Francisco ao abraçar a pobreza como esposa pode, de facto, ser descrita com esta imagem do mundo visto de cabeça para baixo. Vejamos o que significa, porque talvez a imagem do acrobata nos deixe um pouco perplexos: «Quando uma pessoa vê o mundo de pernas para o ar, com as árvores e as torres voltadas para baixo como se vê nas poças de água, isto tem como efeito salientar a ideia de dependência. Há aqui uma relação literal e uma relação com o latim; porque a palavra “dependência” significa apenas suspender. [...] Mas o fulcro da questão é o seguinte: enquanto, na visão normal, a espessura das muralhas e os maciços fundamentos das torres de vigia e da cidade-la transmitiam a impressão de se tratar de um local mais seguro e mais permanente, ao ser virada ao contrário, o próprio peso daria a impressão de se tratar de uma cidade mais desamparada e mais em perigo. [...] Em vez de se sentir meramente orgulhoso da sua cidade, porque era forte e indestrutível, sentir-se-ia grato a Deus onipotente pelo facto de a cidade não ter sido largada do alto; sentir-se-ia grato a Deus pelo facto de não ter largado o cosmo como quem larga uma enorme bola de cristal, que se desfaz em estrelas cadentes». Neste ponto, acrescenta uma coisa comovente: «Talvez tenha sido assim que São Pedro viu o mundo, quando foi crucificado de cabeça para baixo».<sup>100</sup>

Ver tudo dependente do amor d’Aquele que no-lo dá, que no-lo dá agora. A pobreza é, portanto, este estar diante de tudo, recebendo-o com gratidão, sem pretensões. Dizíamos esta manhã que nada vale a pena, a não ser por ser dom e sinal do Único necessário, Cristo. A imagem de Chesterton é maravilhosa: aquele que se dá conta de que toda a realidade – incluindo tudo o que nos rodeia – neste momento está a sair de Deus que a gera, está pendurado nele. Nas páginas seguintes, Chesterton desenvolve estas reflexões, fazendo-nos perceber que o olhar do «místico» vê as coisas na sua saída de Deus, enquanto Deus as faz nascer. Ele diz, por exemplo: «Aquele que vê o mundo inteiro suspenso num fio da misericórdia divina conhece a verdade; quase podemos dizer que conhece a verdade nua e crua. Aquele que tem a visão desta cidade de pernas para o ar tem a visão correta da mesma».<sup>101</sup>

<sup>99</sup> *Ibid*, p. 96.

<sup>100</sup> *Ibid*, pp. 101-102.

<sup>101</sup> *Ibid*, pp. 106.

Assim, Chesterton intui e mostra-nos a raiz da *letícia* franciscana, que é também a característica que *don* Giussani sublinha como o mais belo fruto da pobreza vivida: «Pode parecer um paradoxo afirmar que um homem pode sentir um transporte de alegria com a descoberta de que está em dívida [...]. Neste caso, o credor infinito [porque é Deus que nos deu tudo], partilha da alegria do devedor infinito; porque a verdade é que são ambos devedores e ambos credores. Por outras palavras, a dívida e a dependência tornam-se efetivamente prazeres em presença de um amor não deteriorado».<sup>102</sup>

A letícia, a alegria de Francisco nasce do facto de saber que tudo é graça, dom que vem do amor incontaminado de Deus a quem se confia, sem hesitação. A este respeito, *don* Giussani observa: «A liberdade diante das coisas, que a pobreza traz consigo, faz nascer um sentimento que só tem quem é pobre, ou seja, quem não coloca a esperança da sua vida em determinadas coisas que escolheu. [...] Desta liberdade diante das coisas, que nasce da certeza de que é só Deus quem cumpre tudo, brota outra característica da alma pobre que é a letícia. O seu paradigma, por excelência, na história do cristianismo é a figura de São Francisco».<sup>103</sup>

Não ter nada a defender, receber tudo no instante, na certeza de Cristo, alegra-nos. «Da fé nasce a esperança, a letícia está na esperança porque a letícia não pode ser ganha e vivida senão na certeza de um futuro».<sup>104</sup> Letícia, porque ao mesmo tempo que reconheço que tudo é dom – e sem esta consciência restaria apenas a inconsistência de tudo, porque as coisas desmoronar-se-iam se eu não me apercebesse que neste momento é Deus que as sustenta e me sustenta –, tenho a certeza de que o futuro é bom, que *o melhor está ainda para vir*, porque será a forma como Deus responderá ao desejo e à expectativa que me constitui. E responderá, responderá de formas imprevisíveis, sempre novas, e tenho a certeza, sem medo do sacrifício inevitável, que se torna condição de uma consciência ainda mais clara de que só Deus basta. «*Quid animo satis?*»

«Como descrevo no primeiro volume da Escola de Comunidade, eu tinha lido um livro sobre o franciscanismo, em que todos os capítulos começavam com a iluminura de uma letra. Numa dessas iluminuras iniciais, havia um *Q* – “Quando”, assim começava o capítulo. Aquele

<sup>102</sup> *Ibid.*, p. 108.

<sup>103</sup> L. Giussani, *É possível viver assim? Vol. II, Fé*, op. cit., p.85.

<sup>104</sup> *Ivi.*

*Q* tinha um passarinho a fazer de perna da letra, e lá dentro estava a silhueta de São Francisco, diante do sol que nasce, o símbolo da sensibilidade humana das nossas pessoas, da nossa raça, diante da coisa mais bela da natureza. Isto é a letícia. E aquele *Q* introduzia uma frase aos pés de São Francisco: “Quid animo satis?”, o que sacia a alma? De facto, a expressão da letícia exatamente nesta pergunta – “O que sacia a alma?” – porque a relação entre São Francisco e o mais belo fenómeno da natureza tinha uma perspectiva eterna, uma perspectiva do eterno, sinal da eternidade. Assim, no amor verdadeiro, há letícia na medida em que falte a posse. Não é por acaso que diremos, falando da virgindade, que é pobreza, que é a pobreza no seu nível mais extremo, e é por isso que, na dedicação a Deus na virgindade, se deve dar também o dinheiro, porque sem a pobreza não existe pureza na dedicação. [Alguém me disse que o que mais impressiona nos nossos *Memoires Domini* dos Estados Unidos não é tanto o facto de viverem a virgindade, mas o facto de porem o dinheiro em comum. Na América parece impossível que isso possa acontecer; e talvez até nas nossas famílias às vezes pareça impossível]. Numa relação amorosa, afetiva, é a perspectiva da eternidade que a enche de letícia e, enquanto a torna cheia de letícia, torna-a livre das condições. Quanto mais houver este desprendimento, mais se enche de letícia. Isto não pretende esgotar a observação e a descrição de todos os momentos: pode existir um período inicial de maior contentamento, mas trata-se de contentamento, e não de letícia; a letícia permanece». <sup>105</sup>

A terceira característica da pessoa que vive a pobreza, na liberdade, é que nada lhe falta, nada te falta. «*O pobre é quem está certo de algumas coisas grandes*» e, por isso, não tem falta de nada, de facto, o que tem só o tem para o dar. *Don Giussani* chega a dizer: «A afirmação de um Outro como significado de si não quer dizer dar quinhentas libras ao fundo comum, mas sim dar tudo, dar-se todo ao fundo comum». <sup>106</sup> A afirmação de um Outro, isto é, da grande Presença «permitirá a grande construção da vossa relação com a mulher ou com o marido; certeza de algumas grandes coisas que permitirão a arquitetura da vossa intervenção na sociedade, que permitirão que o vosso trabalho se erga aos vossos olhos como uma coisa bela, útil». <sup>107</sup> Se não for por isso, para que é que vale a pena viver?

<sup>105</sup> *Ibid*, p. 87-88.

<sup>106</sup> *Ibid*, pp. 89.

<sup>107</sup> L. Giussani, *Certi di alcune grandi cose (1979-1981)*, BUR, Milão 2007, p. 386.

A última observação com que Giussani aprofunda o tema da pobreza como condição da confiança – que é o sentimento de vida que nasce da esperança – torna claro que a pobreza é também condição para aquele desprendimento que é necessário para conhecer.

Temos bem presente, julgo, o exemplo d' *O Sentido Religioso*, no capítulo 12, onde ele fala da distância necessária para ver um quadro, que visto de muito perto pareceria apenas um conjunto de manchas e que, pelo contrário, visto da distância certa, ganha vida com beleza e harmonia.<sup>108</sup>

Também aqui Giussani regressa a S. Francisco e àquela sua frase marcante: «Depois de Deus e do firmamento, Clara». Comenta-a do seguinte modo: «É difícil conceber uma exaltação amorosa maior do que esta. Mas pensem no distanciamento que existia, do ponto de vista métrico, métrico decimal. De facto, não é uma questão de medida, mas, em última análise, de companhia contextual – o objeto, Clara, aos olhos de Francisco, estava colocado na grande companhia do universo [isto é, de Deus] – não é uma questão de medida, mas sim de companhia, e, ao fim ao cabo, é uma questão de amor, ou seja, de abandono de si próprio, de dom de si. É melhor dizer abandono de si próprio, porque se esclarece a ideia de dom; no dom, reserva-se sempre o direito a ser-se estimado porque se deu, o direito à gratidão, e isso faz com que se perca tudo; já no abandono de si, não, é puro. O abandono de si – quanto mais amamos, mais nos abandonamos a nós próprios, mais afirmamos o outro».<sup>109</sup> No desprendimento da pobreza, conhece-se e ama-se.

Na pobreza, portanto, já não estamos apegados às coisas, às pessoas, para a nossa própria segurança, mas apenas temos em vista o nosso destino e, portanto, o nosso e a nossa verdade: «Quanto mais se ama, mais a relação se torna leve, ligeira, livre»,<sup>110</sup> sem pretensões. A pobreza faz-nos ter e usar a coisa como se não a tivéssemos, como se não a usássemos. Esta descrição da pobreza encontra-se na carta de S. Paulo aos coríntios: «Eis o que vos digo, irmãos: o tempo é breve. De agora em diante, os que têm mulher, vivam como se não a tivessem; e os que choram, como se não chorassem; os que se alegram, como se não se alegrassem; os que compram, como se não possuíssem; os que usam deste

<sup>108</sup> Cf. L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 180.

<sup>109</sup> L. Giussani, *É possível viver assim? Vol. II, Fé*, op. cit., p. 93.

<sup>110</sup> *Ibid*, p. 100.

mundo, como se não o usufruíssem plenamente. Porque este mundo de aparências está a terminar».<sup>111</sup>

## A Confiança: estarmos suspensos numa plenitude

Neste ponto, *don* Giussani, em *É possível viver assim?*, usa uma imagem impressionante, que nos faz imediatamente pensar nas expressões de Chesterton, às quais já nos referimos. A renúncia implícita na pobreza parece deixar-nos suspensos sobre um abismo, sem nos apegarmos a nada, e pelo contrário: «A pobreza não está destinada a deixar-nos suspensos num vazio, mas a pobreza que nasce da esperança está destinada a fundar, a exaltar, a engrandecer, a encher de confiança todo o mundo que os nossos olhos avidamente veem. O resultado da pobreza, que nasce da esperança, chama-se confiança, que é o contrário de estarmos suspensos num vazio. A confiança é o contrário de estarmos suspensos num vazio: é estarmos *suspensos numa plenitude*».<sup>112</sup>

A Presença que descobrimos na fé sustenta a vida, agora e para sempre, e por isso podemos olhar para o futuro com confiança [*fiducia*] (*fiducia* vem de *fidere se alicui*, confiar) a Outro, a Ele, sem temor, até que o destino se cumpra.

### a. O abandono

A confiança, continua *don* Giussani, é um *abandono* como o de uma criança nos braços da mãe. Tal como Péguy o descreveu, o abandono visto do lado de Deus, este abandono é próprio da esperança, e é a força do homem: ele abandona-se a si mesmo e isso comove o próprio Deus. *A esperança menina* consegue tudo o que quer, como as crianças. «Ah, essas crianças divertidas que fingem não fazer nada, / Crianças ruidosas, / que sabem bem o que fazem, as inocentes. [...] / Com o seu ar inocente; / Com o seu ar de nada saberem; / De não saberem.»<sup>113</sup> Observa Paolo Prosperi no texto *Misteri dei misteri. La speranza in Péguy*: «No seu não saber nada, a criança sabe o que o adulto até soube um dia, mas esqueceu. Conhece a força paradoxal da pura expectativa, daquele pedido que recebe a energia do seu impulso não do sentimento do seu

<sup>111</sup> 1Cor 7, 29-31.

<sup>112</sup> L. Giussani, *É possível viver assim? Vol. II, Esperança*, op. cit., p. 101.

<sup>113</sup> C. Péguy, *Os portais do mistério da segunda virtude*, op. cit., pp. 36-37.

próprio mérito, mas da confiança nua e crua na gratuidade de um amor que precede todo o mérito».<sup>114</sup>

Deus olha para nós, «admira-nos», dizíamos esta manhã, como um pai ao seu filho, na nossa entrega a Ele, quase com uma pretensão que não é uma pretensão, porque não se alimenta das nossas imagens, mas apenas da nossa confiança n'Ele. É como a astúcia das crianças, que sabem que não têm mérito para reclamar e só podem abandonar-se. Escutemos de novo Péguy: «Os meninos são criaturas novas / Eles também, eles sobretudo, eles em primeiro lugar, tomam o céu à força / *Rapiunt*, roubam / Porém, que violência tão doce / E que força tão agradável e que ternura de força / Com que gosto aguenta um pai / Como gosta de aguentar as violências dessa força / Os abraços dessa ternura / Por mim, diz Deus, não conheço nada tão belo em todo o mundo / Como um garoto que conversa com o bom Deus / No fundo de um jardim. [...] / Um homenzinho que conta as suas mágoas ao bom Deus / Com a maior seriedade do mundo».<sup>115</sup> «Feliz infância. Todos os seus pequenos corpos, todas as suas pequenas pessoas, os seus pequenos gestos, estão cheios, imanam, transbordam de esperança. [...] / Crianças vós, imitais Jesus. / Não, não o imitais. Vós *sois* meninos Jesus. [...] / Nas nossas infâncias, unimo-nos a Jesus.»<sup>116</sup>

O abandono de confiança é o de Jesus ao Pai, e aqui compreendemos que ser como as crianças não é infantilismo, mas abandonar-se a Ele, mesmo diante do sacrifício, da paixão, da dor, com «ousadia ingênua», com a confiança expressa no Salmo 131, precisamente, «como uma criança saciada ao colo da mãe»,<sup>117</sup> sem saber de antemão o que vai acontecer, mas confiante de que com Cristo se pode ir até aos confins do mundo sem temor. Esta devia ser a confiança que os apóstolos experimentavam estando com Jesus. Observa *don* Giussani: «O sinal do abandono é que a uma pessoa é como se secassem todas as fontes do orgulho; já não se orgulha, é-lhe impossível orgulhar-se porque nada é seu e, se nada é seu, tudo se torna seu».<sup>118</sup>

<sup>114</sup> P. Prosperì, *Misteri dei misteri. La speranza secondo Péguy*, Scholé-Morcellian, Brescia 2023, p. 137.

<sup>115</sup> C. Péguy, *O mistério dos santos inocentes*, Lucerna, Cascais 2015, pp. 122-123.

<sup>116</sup> C. Péguy, *Os portais do mistério da segunda virtude*, op. cit., pp. 38-40.

<sup>117</sup> «Senhor, o meu coração não é orgulhoso, / nem os meus olhos são altivos; / não corro atrás de grandezas / ou de coisas superiores a mim. // Pelo contrário, estou sossegado e tranquilo, / como criança saciada ao colo da mãe; / a minha alma é como uma criança saciada! / Israel espera no Senhor, / desde agora e para sempre» (Sl 131).

<sup>118</sup> L. Giussani, *É possível viver assim? Vol. II, Fé*, op. cit., p. 104.

**b. «Tudo posso n’Aquele que é a minha força».**<sup>119</sup>

Este abandono na confiança não diminui por causa da traição em que voltamos a cair. «Simão, tu amas-me?». Mais forte do que a nossa queda é a Sua misericórdia, se O olharmos de frente.

«“Não é preciso cultivar projetos de perfeição, mas olhar Cristo nos olhos” [...]. Não se trata de projetos de perfeição, mas de olhar Cristo nos olhos, de olhar alguém nos olhos! Simplicíssimo, fácilimo... mas incomodíssimo; incomodíssimo porque deixas de te poder seguir a ti mesmo. A felicidade é seguir um Outro. É claro que olhar Cristo nos olhos e não fazer projetos de perfeição quer dizer que se olha para Cristo desejando realmente o bem, desejando realmente ser verdadeiro, desejando realmente amar: “desejando-Te verdadeiramente, ó Senhor”».<sup>120</sup>

«Tudo posso», mas não no sentido de um «não me ralo», que nos leva a pensar que podemos errar, porque somos sempre levados de volta – além disso, isso seria uma breve ilusão, porque seríamos sugados por essa própria atitude –, mas com um verdadeiro desejo d’Ele, de sermos perdoados por Ele.

Entre nós também existe este equívoco, que nos leva a poder dizer que estamos na corrente do rio certo, que nos leva de qualquer maneira. O Carras costumava dizer: «Que sorte a nossa termos encontrado Giussani!». De facto, é uma grande sorte termos encontrado Giussani, a maior das sortes, porém deixarmo-nos levar pela corrente, sem querer verdadeiramente mudar, como quem segue de longe, acaba por nos cansar, sem aquela *ousadia ingénua*.

Este risco tornou-se evidente para mim em Lima, em 2008, quando morreu o nosso grande amigo, o Servo de Deus Andrea Aziani. Muitos terão lido o livro que foi publicado sobre ele.<sup>121</sup> Como Deus nos mostra sempre a sua misericórdia através de rostos concretos, o rosto concreto desta companhia, todos nós, que éramos testemunhas quotidianas da sua verdadeira santidade, cheia de misericórdia e de impetuosidade de proposta, com que o Andrea dava tudo de si e nos tratava, sentíamos-nos quase carregados aos ombros por ele, mesmo com todos os nossos defeitos. Podíamos sempre olhar para ele e, aliás, olhando para ele, podíamos voltar a olhar para onde ele olhava, ou seja, para o movimento,

<sup>119</sup> Cf. Fl 4,13.

<sup>120</sup> L. Giussani, *É possível viver assim? Vol. II, Fé*, op. cit., pp. 105-106.

<sup>121</sup> G. Mereghetti – G.C. Peluso, *Andrea Aziani. Febbre di vita*, Itacalibri, Castel Bolognese 2023.

para Cristo. Mas às vezes isso era uma desculpa para não assumirmos a responsabilidade de nos tornarmos simples como ele, confiados a Cristo como ele o era. Assim, quando ele morreu, e morreu dum momento para o outro, a nossa desculpa de alguma maneira caiu. Ficámos um pouco perdidos. E agora? Quem nos retomará dos nossos erros? Para quem é que vamos olhar? Foi um desafio e tanto, porque tivemos de reconhecer que tínhamos de dar um passo, não em termos de capacidade, mas na simplicidade e na sinceridade de uma verdadeira confiança no rosto concreto para o qual André sempre olhou, no carisma, na Igreja, em Jesus, com aquela pureza e plenitude (como a confiança das crianças) que, em vez de invejar, podíamos começar também nós a experimentar.

Péguy fala de uma liberdade e gratuidade de filhos, e não de servos receosos no nosso olhar para Deus, que lhe agrada, com o qual Deus se compraz. São páginas muito bonitas porque mostram a estatura humana que floresce da esperança depositada em Cristo, da confiança cheia de abandono, da certeza sem falhas no cumprimento da sua promessa.

«Acaso gostamos de ser amados por escravos? [...] / Quando soubermos uma vez o que é ser amado livremente, as sujeições já não têm gosto algum. [...] // Assim como a sua liberdade é um reflexo da minha liberdade, / Assim também eu gosto de encontrar neles uma certa gratuidade, / Que seja como um reflexo da gratuidade da minha graça. // Gosto que em certo sentido rezem não apenas livremente mas como que gratuitamente. / Gosto que caiam de joelhos não apenas livremente mas como que gratuitamente. [...] / Gosto, enfim, que eles que amem, diz Deus, não apenas livremente mas como que gratuitamente».<sup>122</sup>

É a alegria de confiar, a esperança n'Ele, e não a de obter, segundo a imagem que temos daquilo que pedimos. É a letícia de São Francisco, que vê tudo enquanto brota incessantemente da *plenitude* que é Deus. Sermos queridos e amados é a descoberta incessante que torna gratuito e livre o nosso abandono na mão de Deus que nos traz à vida.

### **c. Da confiança a festa, da festa a missão**

Demos mais um passo. Sermos amados, queridos, perdoados desta forma é uma *festa*, aliás, logo ao olhar para o rosto de Jesus a festa começa: «É a festa o que caracteriza cada despertar, em cada manhã, cada vez

<sup>122</sup> C. Péguy, *O mistério dos santos inocentes*, op. cit., pp. 47, 52.

que dizes “Meu Senhor”, toda a vez que O olhas e dizes “Meu Deus, perdoa-me”: é uma festa, acontece uma festa. A confiança é um estado de ânimo tal que, qualquer que seja a tua posição, faz uma festa [é a festa do filho pródigo]. Se confiares, até a partir de todas as tuas fraquezas nasce uma capacidade de vitória juntamente com Aquele que é a tua força, nasce uma capacidade de vitória que é a galhardia daqueles sete ou oito discípulos que foram os primeiros a segui-Lo. Eram sete ou oito e já tinham, e repetiam entre si, a consciência de vencer o mundo, de serem o novo povo judeu: o povo que iria vencer o mundo porque estava com Ele». <sup>123</sup>

É o que, creio eu, deu origem à intuição de Anas expressa na canção *La festa sta per cominciare*: a festa é estar à beira do mar de Deus, ou seja, já não sermos senhores de nós mesmos, mas abandonados a Ele, confiados a Ele e ao seu desígnio. «A festa vai começar, / Corre e não pares meu amigo, / É a festa do fim do mal / na margem do mar de Deus. [...] / E passo a passo em direção ao mar / tudo é mais fácil e está prestes a começar / Não sinto a dor que é minha, / sofro com amor e alegria como Deus». <sup>124</sup> Já não há a minha dor, o meu sacrifício: há o sacrifício de Jesus e a dor de Jesus em mim. É, portanto, a festa da libertação. É a festa do pai, do regresso do filho pródigo.

Então, a festa é *missão*, porque é para colocar no mundo uma presença nova, festiva. Uma humanidade realizada, vivendo as circunstâncias dando tudo, para que Ele seja reconhecido, para que a esperança que nos anima possa reavivar a esperança dos homens. Lembra-se do tema da Jornada do Início de Ano? «Da fé, a missão». <sup>125</sup>

Encontrei um texto de 1999, anexado à *Tracce* de dezembro, intitulado «O Jubileu e a vida», que me parece que pode ser útil para compreender a missão a que nos lançamos na esperança. Dizia *don* Giussani: «Na Guatemala, durante a visita pastoral de março de 1983, João Paulo II disse que Cristo é a arma nova de um mundo novo. Mas esta esperança não se baseia nos meus recursos ou nos recursos desse ego projetado que são a sociedade, os dirigentes, as coisas que o homem cria; esta vida nova, esta esperança baseia-se nesta Presença. Afinal, a fé é o reconhecimento de uma Presença, e o reconhecimento dessa

<sup>123</sup> L. Giussani, *É possível viver assim? Vol. II, Fé*, op. cit., p. 107.

<sup>124</sup> «La festa sta per cominciare», letra e música de Antonio Anastasio.

<sup>125</sup> «Da fé, a missão», em D. Prosperi, F. Cassese, *A fé, realização da razão*, p. 14.

Presença restaura a alma mil vezes por dia, em qualquer posição em que nos encontremos, mesmo na morte, e assim nos dá a capacidade de nos abirmos aos outros com pureza, isto é, com gratuidade. Por isso, Cristo, o Redentor do homem, não se aplica apenas ao além, mas ao além que é hoje, ao além que é esta hora, que é daqui a uma hora, na companhia em que estou, na companhia em que estarei; por isso, esta esperança não tem fronteiras, abraça o mundo. Pela sua natureza, esta esperança é social, pela sua natureza não há problema, necessidade ou situação humana pela qual não se sinta afetada e pela qual não se sinta positivamente interessada. A grande fórmula da vida cristã, dita por São Paulo, é: “In spe contra spem”. Por isso, o cristão é eminentemente um homem empenhado no impacto das pessoas e das coisas em qualquer condição, mesmo política, porque essa Presença moveu as águas da nossa grande, terrível, horrível condição, do nosso grande pântano de impotência, essa Presença entrou e moveu tudo, e essas ondas vão até às margens extremas, isto é, abraçam o mundo até aos confins da terra. É por isso que já não há nada que seja estranho ao meu momento concreto; vivo, então, o meu momento concreto com uma tentativa de amor que se chama, em linguagem cristã, uma “oferta”, para o mundo inteiro. Esta oferta faz-me chorar de dor pela minha mesquinhez e abre-me na alegria da esperança precisamente porque não se apoia em mim, mas passa através de mim, serve-se de mim. Por isso, embora eu seja tão mesquinho que possa dar muito pouco, dou este pouco.<sup>126</sup> A esperança colocada em Cristo faz-nos desejar que tudo seja investido pela sua presença, para renovar a esperança do mundo.

A este propósito, gostaria de fazer uma última citação do texto de 1961. Don Giussani fala de «uma laboriosidade que não se reduz a determinados tempos e não se identifica apenas com determinadas tarefas, mas que investe cada momento e redime na utilidade de uma tarefa nobre cada brevíssima medida de gesto. Uma laboriosidade que realiza o sublime na aparente banalidade da vida mais mesquinha».<sup>127</sup> Ele disse isto em 1961! Não se trata de fazer coisas sensacionais, mas que tudo seja feito no abandono de mim mesmo Àquele que torna “sublime” cada gesto como uma oferta de mim mesmo pelo mundo inteiro. Estar

<sup>126</sup> L. Giussani, «Il Giubileo e la vita», *Tracce*, n. 11/1999, p. XII.

<sup>127</sup> L. Giussani, *Porta la speranza*, op. cit., pp. 161-162.

presente, portanto, na sociedade, nas circunstâncias quotidianas, com a consciência de que aquilo que Ele investiu em nós é para todos.

A missão vive e realiza-se na pertença, na nossa unidade que nos sustenta para levar ao concreto das circunstâncias quotidianas o olhar novo sobre a realidade que nasce da fé. Viver levando a consciência desta unidade, que não é apenas uma consciência interior, dentro da “banalidade da vida” de cada dia. Ser presença nos lugares da vida concreta, colocar uma presença original: não armados de um discurso, ou de um projeto, mas capazes de juízo e livres de propor um modo novo e consciente de viver que se joga em cada pormenor, que nos compromete totalmente até aos ossos.

Lembram-se da descrição dos primeiros cristãos na *Carta a Diogneto*?<sup>128</sup> Outro mundo neste mundo: os cristãos estão no mundo como toda a gente, vestem-se como toda a gente, mas são o início de outro mundo no mundo. Queria ler-vos uma espécie de carta a Diogneto dos dias de hoje. É o testemunho de um amigo brasileiro, que descreve a companhia que vive com os seus amigos do movimento: «Percebo em mim e na companhia dos amigos que vivem a fé comigo algumas características muito evidentes. Para os meus amigos, todas as circunstâncias, cada uma delas, tem um sentido, e por isso são pessoas que agradecem o que acontece, mesmo o sofrimento. Têm um olhar atento e cheio de ternura pelo outro, porque o outro é um sinal da presença de Cristo. São pacientes, não há nada pelo qual se queixem ou se irritem, porque o resultado não está nas suas próprias capacidades, mas em Cristo e tudo contribui para a sua relação com Ele. Sabem perdoar porque estão conscientes do seu próprio pecado e do perdão recebido em cada erro. Têm esperança porque sabem que Ele vem e tudo contribui para isso. Não passam despercebidos no ambiente de trabalho porque dão testemunho de um modo de vida mais humano, o seu testemunho de Cristo é o seu modo de vida».

Numa *QuasiTischreden*, don Giussani diz: «Quem acredita em Jesus é tomado pela força do mistério de Cristo, é introduzido na Sua personalidade e torna-se assim um só corpo, no sentido literal da palavra, e este corpo expande-se, está destinado a expandir-se, a ser fecundo».<sup>129</sup> Fiquei impressionado ao ler isto, porque de tudo o que ele diz, dá sem-

<sup>128</sup> *Carta a Diogneto*, cap. V. O texto grego pode ser encontrado em PG II, col. 1167-1186.

<sup>129</sup> L. Giussani, *Una presenza che cambia*, BUR, Milão 2004, p. 368.

pre a razão. E a razão, já ouvistes, é a consciência da presença de Cristo, do seu perdão, porque Ele é o sentido de todas as coisas. E quem vive da fé e experimenta a esperança descobre-se um só». Don Giussani continua: «A relação entre Cristo e a companhia em que Ele está torna esta companhia fecunda: esta companhia é destinada a tomar conta do mundo, a possuir o mundo».<sup>130</sup>

Lembram-se da Jornada de Início de Ano, quando o Davide se referiu às palavras de Monsenhor Paolo Martinelli, Vigário Apostólico da Arábia do Sul, quando dizia que ser missionário quer dizer ser enviado,<sup>131</sup> viver uma companhia dentro da realidade com a *consciência de ser enviado*?

Don Giussani fala disso assim: «Quando éramos uns quatro rapaziños no Liceu Berchet, tínhamos esta persuasão muito mais clara do que todas as pessoas de então: que éramos feitos para ganhar o mundo. Tanto assim que, passados dois anos, os primeiros a sair do liceu pediram para ir em missão. E dois anos depois fomos em missão: o único caso de uma realidade missionária concebida, sustentada – economicamente e como pessoas – por jovens. O único caso na história, embora ninguém o diga. [...] Esta companhia de Cristo está destinada a ser fecunda, isto é, a entrar no mundo todo. À medida que se dilata, torna-se mais evidente que ela constitui, no seio da sociedade humana, um povo: é um povo diferente; um povo que percebe, concebe, ajuíza, quer bem, decide e realiza de um modo diferente».<sup>132</sup>

Noutro texto, sublinha que a confiança n’Aquele que encontramos faz d’Ele o critério de compreensão, de juízo e ideal concreto de cada gesto. Aqui se documenta uma nova conceção da vida e do mundo: «A questão principal é, portanto, a conceção do homem: o que implica a mudança radical que Cristo operou na percepção, na imagem, no sentimento do homem? Que mudança operou no conceito de mente, no conceito de coração, no conceito de povo, no conceito de responsável pela vida de um povo, de líder e guia de um povo? Se se revelam estas coisas, então começa-se a desejar que a sociedade seja assim, então luta-se na sociedade. [...] O mais importante continua a ser a fé, mas uma fé pensada, mobilizada em confronto com as coisas que acontecem, com o tempo e o espaço, com tudo o que aí se passa. Depois, extrai-se daí

<sup>130</sup> *Ibid.*

<sup>131</sup> Cf. “Da fé, a missão”, em D. Prosperi, F. Cassese, “*A fé, realização da razão*”, op. cit., p. 14.

<sup>132</sup> L. Giussani, *Una presenza che cambia*, op. cit., p. 368.

novas imagens para o amanhã da relação com a mulher, com os filhos, com o marido, com os outros conterrâneos ou com as eleições políticas que houve. A esperança nasce de uma consciência desenvolvida da mensagem implícita na fé (a nossa força foi só esta, só esta!)).<sup>133</sup>

Uma fé *pensada*: devemos ajudar-nos mutuamente a ajuizar, não para produzir um discurso para nos opormos aos outros, mas para descobrirmos melhor a originalidade da nossa experiência e assim poderemos propô-la a todos, cheia de razões. Que lufada de ar fresco para mim, mas penso que também para todos vós, ler os últimos números da *Tracce*, sobre a inteligência artificial, sobre a afetividade e sobre o fim da vida! Olhar para a verdadeira complexidade das questões em jogo, tentando dar um juízo tendo no olhar a Presença que torna possível esperar, mostra que cada vida é digna e amada; estou a pensar no testemunho das pessoas que vivem acompanhando aqueles que se encontram nas situações mais extremas da vida. É impressionante e comovente ver como desta esperança nasce um olhar diferente e mais humano. Penso também nos testemunhos da missão. Recordemos o que diz São Pedro na sua Primeira Carta: «E quem vos poderá fazer mal, se fordes zelosos em praticar o bem? Mas, se tiverdes de padecer por causa da justiça, felizes de vós! *Não temais as suas ameaças, nem vos deixeis perturbar*; mas, no íntimo do vosso coração, confessai Cristo como o Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça; com mansidão e respeito, mantende limpa a consciência, de modo que os que caluniam a vossa boa conduta em Cristo sejam confundidos, naquilo mesmo em que dizem mal de vós. Melhor é padecer por fazer o bem, se é essa a vontade de Deus, do que por fazer o mal».<sup>134</sup>

«Com mansidão e respeito», que nascem da certeza, não genérica, mas verificada até ao ponto de ajuizar até mesmo as circunstâncias aparentemente mais triviais, numa adesão radical a Cristo que é o sentido e o horizonte de tudo.

O testemunho e a missão têm também o *martírio* como horizonte último possível. No Peru, no meio dos Andes, pude visitar várias vezes o mosteiro franciscano de Ocopa, a 3400 metros acima do nível do mar. Existe, nesse lugar remoto no meio de montanhas muito altas, de onde

<sup>133</sup> L. Giussani, *Vivendo nella carne*, BUR, Milão 1998, pp. 273-274.

<sup>134</sup> 1Pd 3,13-17.

descem rios que depois formam o Amazonas, uma biblioteca com 40 mil volumes. Porque foi ali, durante três séculos, que se formaram os frades que depois partiram para a missão que desceu à floresta amazônica. Acima de tudo, há uma sala onde os frades conservam a memória de quase 90 mártires, que deixaram Ocopa e desceram de barco pelos rios até à floresta e nunca mais voltaram. No entanto, graças a eles, a Amazônia do Peru é cristã. Iam dois a dois e talvez encontrassem uma comunidade nativa que os acolhesse ou eram mortos a tiro. Depois, iam outros. Os espanhóis nunca tinham descido à floresta, enquanto eles partiam à aventura, sem armas, certos apenas de Cristo, para o qual cada homem era chamado, porque aqueles homens e mulheres que viviam e vivem na Amazônia também precisavam de Cristo. Comovi-me quando vi aquela sala e também quando soube que, no seu caminho para norte pelo rio Mantaro, pelo rio Ucayali, pelo Huallaga e pelo Marañon, os grandes rios que desaguam no Amazonas, a certa altura encontraram os jesuítas, que desciam das Cordilheiras da Colômbia. Que frutos imediatos produziu o seu sacrifício? Parecia nada, mas plantaram a semente, ou talvez apenas prepararam o terreno, como escreveu o grande jesuíta Matteo Ricci sobre a sua missão na China. Vou ler-vos um fragmento de uma das suas cartas que é uma coisa maravilhosa. Diz: «Quanto àquele [ele era das Marche, por isso escrevia um pouco em dialeto local] que me perguntam que gostariam de ter algumas novas da China de alguma grande conversão, saibam que eu, com todos os outros que aqui estão, não sonhamos outra coisa nem de dia nem de noite senão isso [que haja algumas grandes conversões]; e por isso aqui deixamos a nossa pátria e amigos queridos, e já nos vestimos e calçamos com trajes da China, e não falamos, nem comemos, nem bebemos, nem habitamos em casa senão segundo os costumes da China; mas não quer também Deus que se veja mais fruto do que tanto do nosso trabalho, [...] porque o tempo em que estamos na China não é ainda de colheita, nem sequer de semear, mas de abrir os ferozes bosques e lutar com as feras e serpentes venenosas que aqui estão dentro. Outros virão, com a graça do Senhor, que escreverão as conversões e os fervores dos cristãos».<sup>135</sup> Que certeza na resposta a uma missão, sacrificando tudo, tudo menos a alegria de dar a vida para que Cristo seja conhecido!

---

<sup>135</sup> A. Sergianni, *Cristo fra i cinesi, la figura di padre Matteo Ricci*, La Conchiglia di Santiago, San Miniato (Pisa) 2023, p. 57.

Mas já se deram conta? Há uma outra carta, citada no mesmo livro, em que conta que os bandidos tinham assaltado a sua casa, deixando Ricci e os irmãos feridos, roubando tudo. A polícia tinha apanhado aqueles que tinham ido roubar e queria condená-los à morte. Então, Matteo Ricci e os outros jesuítas tinham ido a tribunal para defender aquelas pessoas e dizer: «A nós não nos importa, não os matem». E, por fim, não os tinham condenado à morte. Por isso, foram todos ajoelhar-se diante deles dizendo: «Nunca vimos ninguém que, depois de ter uma tão grande ofensa como vocês receberam, faça o bem a quem os ofendeu. O que é o cristianismo?».

Podemos não ser chamados a partir como eles (quem sabe? eu não tinha imaginado partir), mas somos certamente chamados a ser uma presença missionária com a nossa unidade na qual vive uma outra humanidade, outro mundo neste mundo.

Escreve São Paulo aos romanos: «Por isso, vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. Seja este o vosso verdadeiro culto espiritual. Não vos acomodeis a este mundo. Pelo contrário, deixai-vos transformar, adquirindo uma nova mentalidade, para poderdes discernir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito. [...] É que, como num só corpo, temos muitos membros, mas os membros não têm todos a mesma função, assim acontece connosco: os muitos que somos formamos um só corpo em Cristo, mas, individualmente, somos membros que pertencem uns aos outros».<sup>136</sup>

Viver a missão, ser presença, é sempre possível na unidade orgânica da Igreja, da nossa companhia: queria contar-vos alguma coisa do meu grande amigo, o padre Paolo Bargigia, com quem partilhei toda a minha vida, desde que, aos 16 anos, nos Liceus, ainda nem sequer imaginávamos entrar no seminário (tínhamos a mesma idade e estávamos sempre juntos, como os três mosqueteiros, com o Andrea Bellandi, hoje arcebispo de Salerno; e como nos três mosqueteiros, havia também um quarto, o padre Paolo Milloschi, que descobriu a sua vocação sacerdotal alguns anos mais tarde e se juntou a nós).

O padre Paolo Bargigia tinha-se juntado a mim em missão no Peru em 2008 (eu estava lá desde 2001). Chegou três dias depois da morte do An-

---

<sup>136</sup>Rm 12,1-2.4-5.

drea Aziani. E depois de anos muito bonitos e verdadeiramente intensos, descobriu em 2014 que estava doente com ELA. Durante os três anos da sua doença, vi-o perder a sua autonomia todos os dias, mas sem perder a sua alegria. A certa altura, em março de 2016, teve de regressar a Itália, para onde também eu voltei em agosto, e partilhei com ele na paróquia de Florença o último ano da sua vida, já então imóvel numa cadeira de rodas, mas com um olhar sempre alegre, com uma paixão por tudo e por todos, e com a certeza, como ele dizia, de que a sua doença era «uma vocação dentro de uma vocação», que era o modo de Jesus lhe pedir para ser mais *padre e mais missionário*. De facto, a nossa casa tinha-se tornado um porto de abrigo, onde todos os dias aconteciam encontros miraculosos. Às vezes, a senhora que cozinhava em nossa casa, ia abrir a porta, entravam tantas personagens, algumas que até apareciam na televisão, e ela dizia: «Parece-me que estou no *Porta a Porta!* (*conhecido programa de televisão italiano, NdT*).» Respirava-se o mundo inteiro naquelas duas salas. «O melhor ainda está para vir», repetia ele muitas vezes. Eram centenas de pessoas – literalmente centenas – que vinham fazer-lhe companhia à vez. E cada uma delas vinha, na realidade, não para o ajudar, mas para se deixar ajudar pela esperança que viam nele. Alguns meses depois do seu regresso a Itália – eu ainda estava no Peru – ele e o Andrea Bellandi foram ver o Papa Francisco. E quando, ao cumprimentá-lo no final de um encontro intenso, o Paolo lhe tinha pedido para rezar para que ele aceitasse a vontade de Deus todos os dias, o Papa respondeu: «Não, não rezo para que consigas aceitar a vontade de Deus todos os dias. Eu rezo para que tu sejas feliz aceitando todos os dias a vontade de Deus!». O Paolo trazia sempre estas palavras no seu coração e viveu-as até ao último dia. Missionário no buraco do seu quarto. E todos nós, creio, já vimos esses mesmos olhos felizes em tantos de nós, que na doença e na morte somos testemunhas da esperança para todos. Assim, com a nossa esperança visível, com a nossa unidade, que é a forma mais bela e maior desta esperança, respondemos ao mandato de Jesus, participamos na Sua missão para o mundo.

Porque, como diz *don* Giussani em *Dall'utopia alla presenza*, «A novidade é a presença deste acontecimento de afeição nova e de nova humanidade, é a presença deste início do mundo novo que nós somos».<sup>137</sup>

<sup>137</sup> L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, BUR, Milão 2006, p. 65.

Para acabar, leio mais dois fragmentos desse memorável discurso proferido em 1976 perante a Equipe dos universitários.

«*A novidade é a presença* como consciência de que carregamos algo definitivo – um juízo definitivo sobre o mundo, a verdade do mundo e do humano – que se expressa na nossa unidade. A novidade é a presença como consciência de que a nossa unidade é o instrumento para o renascimento e a libertação do mundo». E ainda: «Os cristãos foram aprisionados, martirizados, mantidos na obscuridade durante três séculos! A história não é definida, no seu tempo, por nós. Cabe-nos a nós viver a presença: um crédito total ao Infinito que entrou na nossa vida e que se revela imediatamente como humanidade nova, como amizade, como comunhão. “Não temas, pequeno rebanho, eu venci o mundo”. “Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé”».<sup>138</sup> Dela floresce a nossa esperança e a esperança do mundo.

Obrigado.

---

<sup>138</sup> *Ibid*, pp. 65, 68.

## SANTA MISSA

*Liturgia da Missa: Sábado da segunda semana da Páscoa: Atos 6,1-7; Sal 32 (33); Jo 6,16-21*

**HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA O CARDEAL KEVIN JOSEPH FARRELL  
PREFEITO DO DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA**

Caros irmãos e irmãs,

Na alegria do tempo pascal e no contexto dos vossos Exercícios Espirituais, temos a alegria de experimentar o encontro com o Senhor Jesus presente na Eucaristia. O Evangelho que escutámos fala-nos precisamente deste encontro.

Depois do milagre da multiplicação dos pães, que teve lugar perto de Tiberíades, Jesus, para escapar à multidão que o queria fazer rei, retira-se sozinho para a montanha (cf. Jo 6,15). Quando chega a noite, depois de terem esperado muito tempo, os apóstolos decidem partir sozinhos em direção a Cafarnaum, a cidade natal de alguns deles, onde Jesus também tinha fixado a sua residência. Não recebem uma ordem de Jesus, como é narrado no Evangelho de Marcos (cf. Mc 6,45), mas tomam eles próprios esta iniciativa.

Depois de terem estado juntos com o Mestre e de o terem ajudado a alimentar as multidões, dá-se agora a separação: Jesus “sobe” ao monte, enquanto os discípulos “descem” ao lago (cf. Jo 6,16). Precisamente nesse momento, no caminho de regresso a casa, encontram-se sozinhos, às escuras, no meio do “mar” da Galileia, agitado pelo vento forte que se levanta.

Na situação dos discípulos, podemos rever-nos a nós mesmos. Os “sucessos de Tiberíades” são entusiasmantes, mas não duram para sempre! Depois temos de regressar à “normalidade de Cafarnaum”, onde cada um tem a sua casa, onde os familiares esperam, onde há segurança de vida. E, para isso, é preciso enfrentar de novo o mar. O mar, na tradição bíblica, é muitas vezes símbolo dos poderes malignos que só Deus pode dominar para salvar o seu povo.

Por isso, também a nós – como indivíduos ou como movimento – nos nossos muitos “regressos à normalidade” depois das consolações espirituais, depois dos sucessos missionários, depois das alegrias mais intensas, também a nós pode sempre acontecer que experimentemos não só a solidão e a separação do Mestre, mas o despertar das forças

do mal, que parece anular todos os momentos de graça vividos. Ora, é precisamente em momentos como este que se dá o encontro.

Neste Evangelho, a vinda de Jesus é uma teofania, é a manifestação da própria presença de Deus. De facto, Jesus aparece caminhando sobre as águas, ação que no Antigo Testamento nunca se encontra atribuída a um homem, mas apenas a Deus, como afirma, por exemplo, o livro de Job: «Só Ele (Deus) abre os céus e caminha sobre as ondas do mar» (Job 9,8).

Quando Jesus se manifesta na plenitude da sua divindade, os discípulos «quiseram recebê-lo logo no barco», diz o Evangelho, e «o barco chegou imediatamente à terra para onde iam». Se o mar representava o perigo, a terra representa agora a segurança. No mesmo instante em que os discípulos se dispõem a acolher Jesus, a barca toca a terra: isto equivale a dizer que, quando se reconhece Jesus na sua divindade e, sobretudo, quando se acolhe na própria vida a sua presença salvadora, “toca-se imediatamente a terra”, passa-se do domínio da morte para o da vida.

Assim é sempre o encontro com Jesus. É um encontro que traz a salvação, que resgata a vida da força obscura do desespero, do mal, do pecado, da falta de sentido. É um encontro que nos traz de volta à “terra firme”, isto é, à certeza de que a vida assenta em bases sólidas porque tem origem num ato gerador de Deus, é acompanhada pela sua ajuda paternal e providencial e está orientada para um bom destino. O “regresso a Cafarnaum”, ou seja, à normalidade quotidiana, que para nós, como para os Apóstolos, corre o risco de se transformar em crise, é transformado graças ao encontro com Jesus: já não é um regresso à banalidade de uma existência sem Deus, dispersa em assuntos triviais, mas o início de uma nova fase da missão, que se abre a novas graças e a novas revelações, como narra de seguida o Evangelho.

Caros amigos, este Evangelho reforça a nossa esperança. O encontro com Jesus, que iluminou e deu sentido à nossa vida, não é um facto isolado do passado. Não! Acontece sempre de novo. Também agora! Também nestes dias de Exercícios! Talvez alguns tenham vindo aqui com a escuridão e a solidão no coração, mas voltarão para casa com a luz e a alegria de uma comunhão redescoberta em Cristo. A Igreja, a comunidade dos crentes, é o ambiente “humano e divino”, desejado pelo Senhor, onde este acontecimento de graça pode sempre acontecer. E, na Igreja, são precisamente os carismas suscitados pelo Espírito Santo que constituem o lugar particular onde o encontro com Cristo se torna mais facilmente acessível às pessoas.

Também o carisma de Comunhão e Libertação foi dado por Deus à Igreja para que os homens e as mulheres pudessem encontrar a presença consoladora de Cristo nas noites da sua existência. O vosso carisma, como outros no passado, deve fazer sair do passado e do esquecimento a ressurreição de Cristo Salvador e torná-la próxima e experimentável para cada homem.

Todos vós sois chamados a esta tarefa sublime e para isso recebestes uma formação cristã. É isso que o vosso carisma vos impele a fazer. Por isso, é de importância vital preservar a unidade da companhia espiritual que o Espírito Santo criou entre vós. O Evangelho descreve os discípulos que, juntos, como um só corpo, acolhem Jesus na barca. Também o Santo Padre, na sua última carta dirigida a vós na pessoa do Presidente, vos exortava a cultivar a unidade. É um dom a invocar na oração e a realizar com a própria vida, praticando a humildade, pondo em segundo plano o desejo de autoafirmação e os próprios pontos de vista, renunciando à identificação do carisma com as próprias convicções ou, pior ainda, com a própria pessoa, porque o carisma é sempre maior do que uma única ideia, é sempre maior do que um único indivíduo, é sempre maior do que uma única geração ou uma única época histórica, mesmo que seja a dos primórdios. O carisma é também maior do que o fundador que o recebeu em benefício de toda a Igreja.

Por isso, supliquemos ao Senhor que, nestes dias, todos vós sejais confortados por um novo encontro com Cristo ressuscitado, e sejais anunciadores e portadores de paz no meio de tantos conflitos e tensões que afligem o mundo. Rezamos para que a Fraternidade de Comunhão e Libertação permaneça sempre um lugar abençoado de descoberta da beleza da fé para milhares de pessoas e que seja preservada na unidade para realizar a missão que o Senhor lhe confia. Por tudo isto, invocamos a ajuda de Maria, Mãe da Esperança, protetora da unidade da Igreja.

Ámen.

#### ANTES DA BÊNÇÃO

***Davide Properi.*** Eminência, permita-me que lhe dirija o nosso afetuoso agradecimento. A vossa presença e as vossas palavras nos Exercícios da Fraternidade do ano passado foram já para nós um grande conforto e um sinal claro da certeza do nosso caminho na Igreja, e sustentaram-nos

também na consciência da responsabilidade a que somos chamados para a construção da casa comum. E o facto de este ano terdes aceitado voltar, conhecendo também todos os vossos numerosos compromissos e as exigências que se colocam neste momento particular da vida da Igreja, é para nós mais um apoio de esperança e de confirmação no caminho que estamos a percorrer, como também referistes na carta do Santo Padre na vossa homilia. E, pela nossa parte, como vos dissemos no ano passado, estamos à vossa disposição, mais uma vez, mais ainda, estamos à vossa disposição para todas as necessidades que a Igreja sente como urgentes neste momento. Nós só existimos para isso. Obrigado, Eminência.

**Cardeal Farrell.** Antes de mais, quero agradecer-vos a todos pela vossa escuta paciente. Faz parte dos Exercícios Espirituais fazer alguns pequenos sacrifícios. E hoje posso testemunhar a toda a Igreja que todos vós fizestes um grande sacrifício ao ouvir o meu italiano!

Trago-vos uma saudação do Santo Padre. Por causa dos muitos assuntos relacionados com o meu trabalho na Santa Sé, encontro-me regularmente com ele e devo confessar que todas as vezes, nos nossos encontros, ele me pergunta: «Como vai a Fraternidade de Comunhão e Libertação?». Depois deste dia convosco, posso voltar a Roma e dizer-lhe que, este ano, mais de vinte mil pessoas estiveram nos Exercícios Espirituais de Rimini. Um número verdadeiramente grande! Maior ainda do que o número de pessoas presentes em muitas das audiências de quarta-feira na Praça de S. Pedro... Não sei qual será a reação dele quando lho disser!

Quero agradecer-vos do fundo do coração por tudo o que fazem. Sois um dos Movimentos, entre os que conheço, que consegue fazer ouvir a voz de vinte mil pessoas na sociedade atual. Sois realmente um grande povo! Por isso é muito importante que todos sigam – e continuem a seguir – o carisma de *don* Giussani e que vivam segundo esse carisma na situação concreta do mundo de hoje.

Agradeço-vos por tudo o que fazem todos os dias.

# *Domingo, 14 de abril, manhã*

*Ludwig van Beethoven*

*Concerto Triplo em Dó maior para piano, violino, violoncelo e orquestra, op. 56 Trio Beaux Arts  
Gewandhausorchester Leipzig – Kurt Masur Spirto Gentil 31, (Philips) Universal*

*Angelus*

*Laudes*

## ■ ASSEMBLEIA

***Davide Proserpi.*** Bem, chegámos ao fim deste gesto, que foi certamente um momento forte do nosso percurso deste ano. Com tudo o que implicou, como tínhamos dito desde o início, em termos de sacrifícios – porque as viagens em muitos casos foram realmente cansativas –, pudemos experimentar uma medida maior do que a nossa. Isso foi visível para todos e ouvimo-lo também ontem nas palavras do Cardeal Farrell. E ao jantar quis reiterar a sua surpresa e o seu espanto por ter visto vinte mil pessoas aqui reunidas, mais todos os que acompanham de casa ou de outras localidades: disse que estava muito impressionado por vinte mil de nós estarmos todos juntos para os Exercícios Espirituais, desta forma, com um silêncio, uma atenção, uma participação que nos fazem compreender que o gesto não depende apenas do que é dito – por muito importante que isso seja, claro – mas do contributo que cada um de nós dá.

Este é o primeiro facto que, ao regressarmos às nossas casas, nos enche o coração da alegria e de certeza.

Vamos começar esta assembleia, padre Giovanni.

***Monsenhor Giovanni Paccosi.*** Chegaram muitas perguntas. Alguns de nós leram-nas todas, identificando as mais recorrentes e representativas.

«A propósito de desejo, poderia aprofundar a diferença entre “sonho” e “sinal”? Os pequenos desejos quotidianos são realmente uma ajuda para reconhecer o único desejo profundo que nos define? A mim parece-me que estão em contradição».

**Paccosi.** Recordo-me de uma bela página, tirada de um diálogo entre don Giussani e os estudantes do liceu – no qual eu estava presente com um grande grupo dos Liceus de Florença, nos anos 90 –, que foi publicada com o título «Para lá do muro dos sonhos» em *Realidade e Juventude. O desafio*.<sup>139</sup> Giussani faz a comparação entre o sonho e o desejo verdadeiro que leva à espera. Identifica o desejo como espera de uma realização maior com a palavra «ideal». Não vou ler as palavras de don Giussani, mas convido-vos a relê-las porque creio que são uma ajuda muito importante.

No texto da primeira lição que preparei, no ponto em que citava o pequeno excerto de Dante que vos li, comparava o modo de entender o desejo em Dante e em Petrarca. Teria sido um pouco longo falar-vos disso ontem, mas é algo de que quero falar esta manhã, porque me parece ser uma ajuda para compreender como a esperança cristã se transformou numa esperança colocada unicamente nas capacidades do homem.

Na *Spe salvi*, Bento XVI fala da esperança no progresso, na qual todos nos podemos encontrar, porque é isso que nos faz esperar pelo novo modelo de telemóvel, pelo terminal de última geração, como se ter isso fosse a coisa mais desejável. Aliás, por exemplo, faz-me sorrir o facto de a publicidade dos automóveis se centrar no facto de estarem ligados à rede. Está bem, mas o automóvel deve, antes de mais, ter um bom motor, aguentar bem a estrada, consumir pouco! Hoje, pelo contrário, o progresso mede-se pelo facto de se estar ligado à rede! Bento XVI fala de um progresso que, se for para o bem, se torna uma ajuda para todos. Mas depois diz uma coisa bonita: «O progresso por adição só é possível no campo material», técnico e científico, pelo que cada um parte do ponto onde chegaram os que o precederam. Já o diziam os medievais: «Somos anões sobre os ombros de gigantes, por isso vemos mais longe».<sup>140</sup> Mas o progresso da pessoa, da liberdade da pessoa, não acontece

<sup>139</sup> L. Giussani, *Realidade e juventude. O desafio*, op. cit., pp. 59-71.

<sup>140</sup> Cf. Bernardo de Chartres (séc. XII) em João de Salisbury, *Metalogicon*, III, 4.

assim: «No âmbito da consciência ética e da decisão moral, não há tal possibilidade de adição, simplesmente porque a liberdade do homem é sempre nova e deve sempre de novo tomar as suas decisões»,<sup>141</sup> ou seja, cada um deve sempre começar de novo.

A ilusão de colocar a esperança naquilo que as nossas mãos produzem, que na verdade são sonhos, começa já no final da Idade Média. E em *Porquê a Igreja*, Giussani compara Dante e Petrarca para mostrar como o modo de entender a relação com Deus muda precisamente na questão do desejo. Quando eu ainda estava no Peru e lecionava na universidade, tinha tentado fazer a comparação de alguns textos. Por exemplo, além do texto sobre a «Anima semplicetta» que vos li ontem, no *Convivio* Dante diz: «O desejo supremo de cada coisa, e o primeiro dado pela natureza, é voltar ao seu princípio»,<sup>142</sup> ou seja, nós somos feitos no desejo de voltar a Deus, porque Ele nos fez, fez-nos para Si. E como o peregrino – este exemplo é lindíssimo – que percorre um caminho que nunca tinha feito antes, cada casa que vê ao longe espera que seja o albergue; e quando chega lá, apercebe-se que não é, então olha para outra casa e acredita que o albergue é aquela. E assim, de casa em casa, acaba por chegar efetivamente ao albergue. Assim é a nossa alma: mal entra no caminho novo e nunca feito da vida, levanta os olhos e quer alcançar o seu bem supremo, isto é, Deus. Mas o que quer que veja, acredita que é esse o bem que procura. E porque o seu conhecimento prévio é imperfeito – porque não tem experiência e não foi educada – os bens pequenos parecem-lhe grandes e começa a desejá-los. Assim, vemos as crianças desejarem extraordinariamente uma maçã. E depois, mais à frente, a desejar um pássaro. E depois, mais à frente ainda, a desejar uma roupa bonita. E depois um cavalo – hoje diríamos uma mota ou um carro. E depois uma mulher. E depois uma riqueza não muito grande. E depois uma maior. E depois ainda maior. E tudo isto acontece porque em nenhuma destas coisas encontra o que procura. E pensa que o vai encontrar andando mais longe. Porque podemos ver – diz Dante – que cada coisa que nós desejamos está depois da outra. E usa a imagem da pirâmide, em que os bens intermédios se dirigem para a base, que é Deus. O primeiro bem mais pequeno é como

<sup>141</sup> Bento XVI, Carta Encíclica *Spe salvi*, n. 24.

<sup>142</sup> Dante Alighieri, *Convivio*, IV, XII.

a ponta da pirâmide, mas como o temos à nossa frente, não nos deixa ver tudo o resto. Depois passamos a um maior, a um maior, a um maior, a um maior, até que nos damos conta de que o último bem desejável é Deus, que é a base de todos. Assim, quando vamos da ponta para a base, os desejáveis parecem cada vez maiores. E é por isso que, à medida que caminhamos pela vida, os desejos vão-se tornando cada vez maiores, uns a seguir aos outros. Mas que bonito!

Como Dante, *don Giussani* diz que os desejos não devem ser reduzidos, não devem ser escondidos. É preciso perceber que são sinais que apontam para o único grande bem para o qual fomos feitos, ou seja, Deus. E é aqui que está a grandeza. Veio-me à cabeça, enquanto ouvia a canção do Anas – nunca tinha prestado atenção a isto: os apóstolos estavam no barco a pescar e não tinham apanhado nada, mas na margem estava Jesus. E aquele Jesus é o que lhes enche o coração. A sua esperança está ali, na praia, é Ele. Assim, também nós estamos no meio do mar, mas a nossa esperança é esta Presença diante dos nossos olhos: não nos retira o caminho a fazer, mas é uma festa, porque é no seio da nossa experiência. Aliás, a própria maneira como a cantámos era uma festa. Era a festa do reconhecimento da Presença que está entre nós.

Dante ainda entende o desejo de uma forma cristã, como um sinal. A figura de Petrarca, por outro lado, é colocada no início do processo de «desarticulação» que mudou o curso da história do Ocidente. Ele entende o desejo como algo que o afasta de Deus. Petrarca experimenta uma «dissociação» no seu amor por Laura, que ele sente como algo que o aprisiona totalmente, como uma alternativa radical à busca da verdade, de Deus. Laura fá-lo descobrir a distância entre a verdade, que ele reconhece teoricamente, e a paixão que o afasta dela.

Há um soneto, que repito com as minhas próprias palavras: se não é amor o que eu sinto, o que é? Mas se é amor, se é uma coisa boa este amor, porque é que o seu efeito é áspero, mortal? E se é uma coisa má, culpada, porque é que o tormento do amor é tão doce? Se eu ardo com este meu desejo, porque é que ele me faz chorar e lamentar? E se é mau para mim, porque é que me lamento de o perder? «Ó viva morte, ó deleitoso mal, / Como podes tanto em mim, se não consinto?» Deleitoso mal! Como é que o mal pode ser deleitoso? Aqui está o engano, isto é, pensar que o meu projeto é maior do que a objetividade do bem e do mal. E continua dizendo: se vou atrás do mal, porque é que depois me

queixo dele? Se me encontro como um barco frágil em alto mar, entre ventos contrários e sem direção; se todo o conhecimento está carregado de erros, já não sei o que quero. E tremo em pleno verão – pensem que coisa incrível: tremo no verão – e ardo no inverno.<sup>143</sup>

É toda uma contradição entre o que ele pensa que satisfaz o desejo do seu coração e o que realmente o satisfaz. A certa altura, Petrarca chega a dizer uma coisa terrível: eu sou ávido da verdade, mas como é difícil encontrá-la e não sou capaz de a procurar bem, muitas vezes, confiando em mim próprio, para não me enganar, apego-me à dúvida, colocando-a no lugar da verdade. Mas apercebo-me que assim, pouco a pouco, me tornei académico (ou seja, intelectual) e, depois de muitos outros, também eu cheguei à humilde fileira daqueles que nada sabem porque não têm nada certo, e duvidam de tudo. Duvido de tudo – diz ele –, exceto das coisas de que sei que seria um sacrilégio duvidar.<sup>144</sup>

Petrarca desejaria não desejar para não se sentir aprisionado pelo erro. Vê-se nele, pela primeira vez na cultura ocidental, uma distância entre um bem «espiritual», superior, mas distante, e os bens «terrenos», falsos, mas mais atrativos.

Pois bem, parece-me que vivemos muitas vezes a nossa relação com a fé desta forma, não duvidamos de Deus, porque, um pouco moralisticamente, não podemos duvidar de Deus; de facto, duvidas d’Ele se o reduzires a uma imagem abstrata desligada da tua vida.

Dizia Mario Luzi numa conferência em Florença: «Um dos aspetos que torna Dante excecional [...] é precisamente este: que a personagem exemplar, que na *Comédia* se chama Dante, é uma personagem substanciada pelo indivíduo humano que se chama Dante na vida, na

<sup>143</sup> “Se amor não é, qual é meu sentimento? / Mas se é amor, por Deus, que cousa e qual? / Se boa, que é do efeito ásp’ro e mortal? / Se é má, o que é que adoça tal tormento? // Se ardo a bom grado, onde é pranto e lamento? / e se a mau grado, o lamentar que val’? / Ó viva morte, ó deleitoso mal, / tanto em mim podes sem consentimento? // E em sem razão me queixo, se o tolero. / E em tão contrários ventos, frágil barca / me leva em alto mar e sem governo, // tão cheia de erros, de saber tão parca / que eu mesmo nem sequer sei o que quero, / e a tremer no estio, ardo de inverno” (Petrarca, *Soneto CXXXII*, trad. de Vasco Graça Moura).

<sup>144</sup> “Sou o mais ávido da verdade; e porque é difícil encontrá-la, e porque sou o menos capaz de a procurar, desconfio muitas vezes de mim mesmo e fujo do erro, e aprendo a duvidar, mantendo-o no lugar da verdade. Assim, pouco a pouco, tornei-me académico e, depois de tantos e tantos outros, cheguei à última das mais humildes fileiras, não sabendo nada, não tendo nada como certo e duvidando de tudo, daquelas coisas fora das quais sei que duvidar é um sacrilégio” (Petrarca, *Seniles*, V, 6).

existência, na história. Há uma coincidência verdadeiramente prodigiosa entre a invenção e a confissão, poderíamos dizer». Trata-se de «uma coincidência milagrosa entre a personagem e o autor».<sup>145</sup>

Petrarca, pelo contrário, começa a projetar na literatura um mundo de sonho que não existe na realidade, e fá-lo com base neste tipo de raciocínio: já que na realidade não tenho a certeza de nada, ao menos crio um mundo ideal onde as coisas se passam como eu gostaria que se passassem. E Luzi comentava: «A literatura europeia [mundial, poder-se-ia dizer], há que reconhecê-lo, provém muito mais de Petrarca do que de qualquer outro autor».<sup>146</sup> Dante não teve seguidores, até Eliot, Ungaretti e o próprio Luzi; para eles, como para Dante, a literatura não é uma forma de fugir da realidade para um mundo de sonhos, mas para encontrar o sentido da realidade, portanto para ir até ao fim, até ao fim do caminho do desejo.

Há um poema de Ungaretti que Dado Peluso me fez aprender de cor, que diz: «Poesia [para mim] é o mundo, a humanidade, a nossa vida desabrochada pela palavra, a maravilha límpida de um fermento delirante. Quando encontro uma palavra escavada no meu silêncio, ela está na minha vida como um abismo»,<sup>147</sup> que para mim significa: eu quero perceber o sentido da realidade e cada palavra que digo não é um som ao vento, mas exprime o desejo de chegar ao fundo, à verdade, ao bem, para o qual todo o desejo me chama.

Pois bem, nós temos a graça de estar nesta posição, porque temos a âncora lançada na praia do Eterno, porque o Eterno veio entre nós. Portanto, já não é necessário sonhar, basta-nos estar na realidade à espera da realização que Outro nos pode dar.

**Prosperi.** Gostaria de sublinhar aquilo que o padre Giovanni acabou de dizer. Porque nós somos filhos, culturalmente falando, de uma história que durou séculos, que alterou profundamente a mentalidade e a relação do homem com a realidade. Por isso percebemos bem por que é que temos tanta necessidade de educação. Na Escola de Comunidade, *don* Giussani pergunta: o que é o sinal? «O sinal é uma realidade cujo sentido é uma outra realidade, uma realidade experimentável que

<sup>145</sup> M. Luzi, *Cantami qualcosa pari alla vita*, Nuova Compagnia Editrice, Forlì 1996, pp. 52-53.

<sup>146</sup> *Ibid.*, pp. 54-55.

<sup>147</sup> G. Ungaretti, *Commiato*, Locvizza, 2 de outubro de 1916.

adquire o seu significado ao conduzir a outra realidade».<sup>148</sup> Por isso é importante a relação com o sinal, e também o apego ao sinal como sinal, para possuir a totalidade, ou seja, toda a realidade, inclusive aquilo que não se vê. O aspeto fascinante é que é precisamente na relação com a realidade como sinal que o humano emerge totalmente. Porque onde o humano está verdadeiramente em jogo não é apenas no apego às coisas pela emoção que elas suscitam em nós; o humano está plenamente em jogo na interpretação do sinal, isto é, no caminho que se faz seguindo a direção que o sinal indica. Daí que o sinal se torne tão importante, tão companheiro, tão decisivo para a vida de cada um, não se esgotando em si mesmo, mas tornando-se o caminho que me é dado para me dar a conhecer por aquilo que, de outro modo, permaneceria mistério insondável.

O sinal torna-se sonho quando se esvazia da relação com aquilo que o faz ser, que estabelece o seu valor. E porque é que podemos dizer que se reduz a sonho? Porque não se realiza; porque inevitavelmente desilude, porque a realidade é mais do que aquilo que nós vemos.

*«Como é que se pode ter esperança em situações em que o mal e a dor parecem ter a vantagem devido à inevitabilidade das circunstâncias? Como manter-se forte na esperança quando os efeitos do mal trazem sequelas duradouras? E depois, “a esperança não desilude”: como é que isto é verdade perante a dor, perante a morte, perante estas circunstâncias trágicas da vida, perante a guerra, perante toda esta onda de mísseis que tornam a situação do mundo ainda mais dramática?*

*Tudo na vida remete para outra coisa e, ao mesmo tempo, nada satisfaz totalmente o desejo de realização. Quanto mais experimento isso, mais a tristeza ou a saudade do porto de chegada prevalece sobre a alegria. É uma espécie de esperança triste. O que é que significa realmente estar feliz?».*

**Prosperi.** Entretanto, é verdade que o mal e a dor parecem, por vezes, levar a melhor, sobretudo quando se está metido nisso e não se vê nenhuma saída aparente, isto é, quando todas as esperanças em que

---

<sup>148</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 165.

tínhamos colocado a nossa expectativa humana falham, quando tudo aquilo em que normalmente nos apoiamos parece ruir. Porquê o mal e a dor? Na realidade, são duas dimensões ligadas, mas diferentes, porque há o mal que sofremos, a injustiça, que tem a ver com a experiência da dor, do não-sentido, mas há também o mal que fazemos, o mal em que nos encontramos. Tanto assim é que, como dizíamos na primeira noite, se há uma figura algo trágica do nosso tempo, é precisamente a incapacidade de enfrentar e aceitar o nosso próprio mal. O maior mal do nosso tempo não é tanto a dor da doença física; de facto, por muito grave que seja, por muito que nos arraste para angústias indizíveis, quantos testemunhos temos, até heroicos, de pessoas que enfrentam a dor da doença física! O verdadeiro mal de hoje é sobretudo o mal de viver. Porque no mal físico, mesmo na dor da prova mais severa, sente-se imediatamente a necessidade de ser salvo, a necessidade de que outro venha salvar-me, a necessidade de que alguém acolha o meu sacrifício.

Mas quando se perde esta esperança, quando começa a prevalecer em nós o sentimento de que as coisas já não podem mudar – que a felicidade prometida está perdida para sempre e já não se pode voltar atrás – quando acabamos por nos fechar em nós mesmos porque nos sentimos enganados, porque pensamos que ninguém pode realmente vir salvar-nos, como é possível a *letícia*? A *letícia*, aprendemos – dizia-nos sempre *don* Giussani –, é o sentimento que nasce quando nos focamos naquilo que permanece quando tudo passa. Quando tudo passa. Vemos passar as coisas, vemo-nos passar também a nós próprios, porque envelhecemos, vêm as dores, vêm as dificuldades, vêm os imprevistos, que nem sempre são positivos, que por vezes nos metem em sarilhos, de modo que a vida que estava cheia de promessas parece de repente encaminhar-se para um horizonte de fracasso, de derrota, de ruína.

Quando tudo isto acontece, a primeira tentação que temos é a de desviar o olhar daquilo que está ali – que, por mais frágil que seja, é o sinal da companhia d’Aquele que nos quer e que nos diz: «Eu estou contigo, estou ainda e sempre contigo. Ainda podes recomeçar, tens um destino que é bom». Ao passo que nós fixamos o olhar numa pergunta cética: «Como é que isto pode acabar bem?». Tudo nos parece uma tragédia, porque já não temos nada nas nossas mãos, todas as esperanças que tínhamos construído para tentar continuar de qualquer maneira caíram por terra. Mas quando toda a esperança se desmorona, é precisamente

nesse momento que pode surgir a verdadeira esperança, se e quando a fonte da esperança está viva em nós: a fé. Quando há fé como fonte de esperança, então a esperança surge, ressurgue. Não como uma imagem que paira no ar: «Vai correr tudo bem!», a frase que aparecia – todos nos lembramos – nas janelas durante o confinamento. Porque é que haveria de correr tudo bem? É um otimismo, um encorajamento, a esperança? Não, a esperança é outra coisa: de um certo ponto de vista, é exatamente o oposto do otimismo. O otimismo é quando se deposita a confiança num futuro que ainda depende de nós: «Vai ser difícil, mas vamos conseguir»; ou num fatalismo descomprometido com as provas que nos são dadas. Mas não há a espera de um Tu capaz de salvar a minha vida, de me dar o bem que sinto estar perdido. A esperança é, pelo contrário, colocar todo o nosso ser naquilo que nos é dado agora, porque podemos apostar no facto de que Aquele que nos dá cumprirá a promessa misteriosamente, segundo uma medida que não é a nossa, dando-nos muito mais do que tínhamos. Pois esta é a promessa, que se cumpre segundo outra medida: cem vezes mais do que aquilo que julgas ter perdido!

Lembro-me de quando o meu pai morreu; eu era pequeno, tinha seis anos. Éramos dois irmãos, a minha mãe não era de Milão, nasceu e cresceu no *Oltrepò pavese*, o meu pai era da Toscânia e não conhecíamos praticamente ninguém em Milão. Mas nunca senti a vida – posso dizê-lo agora, olhando para trás – como negativa. Arrastei muitas feridas ao longo da minha vida, mas nunca senti a minha existência como negativa, porque tinha à minha frente a minha mãe, para quem a realidade é positiva, e o que torna a realidade positiva é a fé. Depois da morte do meu pai, ela teve de ir trabalhar. Encontrou trabalho numa escola, a primeira escola feita por adultos do movimento em Milão, a Zolla. Graças a isso, conhecemos o movimento. Certamente não estaria aqui hoje sem esta sequência de acontecimentos. Posso dizer que a morte do meu pai foi uma coisa boa? Não, carreguei as feridas comigo. Como cantámos no início, até Deus sofreu. Mas posso dizer que foi por uma alegria, por um cêntuplo, por algo que eu não podia sequer imaginar.

É-nos pedido que aceitemos esta aposta. Não é uma aposta cega, é uma aposta naquilo que nos é dado. Apostem no que vos é dado.

**Paccosi.** Quero acrescentar uma coisa, porque na segunda pergunta, na minha opinião, há um pouco de engano, digamos: «Quanto mais

experimento isto [que tudo aponta para outra coisa], mais a tristeza ou a saudade do porto de chegada prevalece sobre a alegria. É uma espécie de esperança triste». Eu inverteria a frase e diria que é uma espécie de tristeza cheia de esperança, alegre. Porque que há um limite, que há a fragilidade das coisas, como é que se pode não ver isso? Mas que dentro disso há uma promessa, como dizíamos no início do nosso itinerário, impressa na matriz do nosso ser, isso enche-nos de alegria, de regozijo porque a promessa está lá.

Pensem em Abraão, o pai da nossa fé. É claro que, quando subiu a montanha com Isaac, não estava feliz, mas estava cheio de esperança. «Temos a lenha, a faca, o fogo para o holocausto, mas onde está a vítima?», pergunta-lhe o filho. Abraão responde: «Deus há-de prover», pois não tem mais nada de seu. E como o deve ter enchido de alegria o facto de Deus não querer aquele sacrifício que, na cultura da época, era infelizmente praticado por tantos.

Portanto, há tristeza também na nossa vida, mas é alegre porque há uma Presença, como dizia o Davide. Conto um episódio que me marcou para sempre desde que me aconteceu. Na paróquia onde estive quando era um jovem padre – tinha 30 anos –, havia um casal; pareciam dois namoradinhos, apesar de terem quarenta e tal anos; andavam sempre juntos, andavam de bicicleta juntos. A certa altura, enquanto andava de bicicleta, ele foi atropelado por um carro e morreu. Foi uma tragédia terrível, de facto. Passados alguns meses, a mulher dele veio ter comigo e disse-me: «Olhe, padre Giovanni, há uma coisa que lhe quero dizer e que não posso dizer a ninguém, mas talvez o senhor me perceba». E disse-me: «Eu, na verdade, agradeço a Deus por me ter tirado o meu marido. O senhor percebe o que eu quero dizer, o senhor sabe que para mim o amor dele era tudo. Mas enquanto o meu marido estava cá, eu descarregava nele todas as responsabilidades da minha vida, era ele que tratava de tudo. Eu não me responsabilizava por nada, vivia no mundo dos sonhos. Mas, desde que ele morreu, tenho de assumir a responsabilidade por mim própria, pela minha família, pelas coisas, e apercebo-me de que isso me fez amadurecer como pessoa». E acrescentou: «Por isso, ao mesmo tempo que sofro por o meu marido não estar aqui, também compreendo que isso faz parte de um plano maior, que é para o bem. Ele já está na eternidade e eu sou mais eu». E conclui: «Só lhe conto isto a si, hem!». É exatamente isto. Claro, não podemos genera-

lizar, mas para perceber que é possível viver assim, basta olhar para os rostos daqueles que vivem na fé as situações dolorosas. Vivendo-as na fé, tornam-se um sinal de esperança para todos.

Por isso, se nos encontrarmos nesta tristeza, talvez devêssemos perguntar a nós próprios: a que é que estou realmente apegado?

«O que é que significa educar para a esperança?»

**Paccosi.** A tentativa de todos estes três dias era justamente dar uma indicação de como se educa para a esperança seguindo *don* Giussani. Vimos na primeira noite que o ponto de partida é levar a sério o desejo do qual somos constituídos, o «incoercível impulso de realização de nós mesmos», diz *don* Giussani naquele texto que se tornou famoso nestes dias – embora já estivesse ali há tanto tempo, em *Porta la speranza*. Mas depois tão facilmente nos afastamos deste desejo que nos constitui, identificando-o, como dizia *don* Giussani, com «instintos tumultuosos», deixando-nos levar pelas «banalidades das nossas cómodas expansões», ou pelo estoicismo.

A lição de ontem de manhã mostrou-nos que, mais forte do que isso, na nossa vida é o encontro com Aquele que é a graça que torna possível esperar, já não à maneira humana, tão frágil, mas apoiando-nos na rocha, sendo seguros pela âncora da Sua presença. Por isso, educar para a esperança significa olhar para Cristo. Não há outra maneira de crescer na esperança.

Na lição da tarde, perguntámo-nos como é que a esperança se torna a trama da vida, ou seja, aquela confiança com que se vive tudo. Através da passagem pela pobreza. Pobreza, porém, não como renúncia, mas como descoberta de que as coisas são um sinal, de que tudo é sinal e, portanto, sagrado. A certa altura, quando ontem explicava como na história da humanidade a ideia do *sagrado* nasce precisamente do desejo de ver cada coisa material, mesmo a mais pequena, como uma relação com o Mistério, disse e repito: pensem no que significa olhar para cada coisa, para cada pessoa, reconhecendo-as como *sagradas*, isto é, como meio da relação com Cristo. Isso muda tudo! Então, sim, é possível viver naquela confiança que é abandono, naquela percepção de tudo como dom, suspenso, suspenso da graça infinita de Deus que no-lo dá neste instante, e já não ser escravo, mas livre.

Por isso, digamos, a resposta a esta pergunta – o que significa educar para a esperança? – é viver a nossa pertença a Cristo dentro desta história que chegou até nós. A promessa é poder viver com aquela confiança que torna leve cada circunstância, mas que, como terminámos ontem, nos lança no desejo de a comunicar a todos: uma festa que se torna missão.

*«Foi-nos dito para não negligenciarmos nenhum aspeto da realidade (o trabalho, os afetos, os amigos) e, ao mesmo tempo, sermos pobres. Mas então qual é a relação correta a ter com as coisas? Que lugar ocupam o trabalho, os afetos, os amigos, etc.?».*

**Prosperi.** Faça uma ponte com o que o padre Giovanni acabou de dizer. Pelo menos para mim, o verdadeiro desafio da pobreza é lutar contra a tentação irresistível da posse de mim mesmo. Porque a posse de coisas, o apego às coisas por si mesmas, o desejo de acumular bens, são todos reflexos, no fundo, do desejo de me dominar, de me controlar. O problema não são apenas as coisas materiais; estas são apenas um aspeto, mas para mim não são o aspeto que mais nos aprisiona. O aspeto que mais nos prende são os nossos projetos, o sentimento que temos do que é certo ou errado, ou seja, é a forma como excluimos Deus da nossa vida, da nossa vida real e concreta, relegando-o, quando muito, a alguns momentos de aflição religiosa.

Então percebemos qual é – outra questão recorrente muitas vezes entre as que chegaram – o nexo entre confiança e sacrifício, que na lição o padre Giovanni ligou ao tema da educação para a esperança. Porque para viver a pobreza em oposição à posse de si, é necessário confiar em algo diferente de si mesmo, confiar no outro. Claro, num Outro com maiúscula, mas através da forma como se faz presente e companheiro na minha vida, uma presença real, não um pensamento, porque sozinhos não conseguimos vencer esta tentação da autonomia.

Claro, isto implica um sacrifício. Mas sabemos bem que se trata de um sacrifício, não tanto na medida em que nos é pedido que renunciemos a alguma coisa, mas na medida em que vislumbramos o ganho que implica, como dissemos ontem: para que tudo seja reconhecido como sagrado, estando em relação com Cristo. Este ganho vemo-lo realizar-

-se, ou já realizado, nos amigos que, entre nós, vivem um nível de vida desejável, que vivem para o ideal, em relação aos quais percebemos que o ideal é uma coisa concreta. Em que é que percebemos que é uma coisa concreta? Onde é que se percebe que é uma coisa concreta? Em que consiste esse ganho? Em que consiste esse cêntuplo que nos é prometido, que Jesus nos promete? A liberdade, a liberdade! Pode-se amar verdadeiramente – sem descurar nenhum aspeto da realidade, como dizia a pergunta – o marido, a mulher, os filhos, o trabalho, as nossas preferências, as coisas que sentimos como mais nossas. Com liberdade. Infelizmente, muitas vezes sentimos que mesmo os afetos, mesmo as amizades mais importantes, logo que as condições mudam, se tornam uma gaiola, isto é, afastam-nos, fecham-nos, já não nos deixam ver a amplitude que nos é dada pela história em que Outro nos colocou. Ao passo que a preferência, o verdadeiro valor da preferência, é que ela nos abre ao todo, ensina-nos a amar tudo, através de um pormenor somos introduzidos a amar tudo como não seríamos capazes. Caso contrário, a preferência seria uma injustiça, uma injustiça para com os outros, mas sobretudo uma injustiça para com nós mesmos, porque pouco a pouco nos aprisionaria.

*«Gostaria de pedir um aprofundamento sobre a pertença à unidade com aqueles em quem reconhecemos a presença de Cristo. O que é que significa existencialmente pertencer “à unidade com eles” e não a eles? No final da lição, disseste que “a nossa unidade é a forma mais bonita e maior desta esperança”. Como é que é a mais bonita e a maior? Disseste esta frase depois de nos teres falado do padre Paolo Bargigia, do padre Bellandi e do padre Paolo Milloschi. Como é que, na tua experiência, se revelou que a unidade entre vocês era a forma mais bonita e maior da esperança cristã?».*

**Paccosi.** Começo por esta última coisa, que me diz respeito mais diretamente. Tive uma graça especial: até a vocação, que foi uma coisa totalmente pessoal, dei por mim a vivê-la imediatamente com os meus amigos mais próximos. Na verdade, foi totalmente pessoal; de facto, eu não tinha dito nada aos meus amigos sobre a vocação. Quando fui pela primeira vez falar com o padre Pierfrancesco, porque lhe tinha dito

qualquer coisa sobre a verificação que queria fazer da minha vocação, encontrei lá o Bargigia – que ainda não era o padre Paolo – e perguntei-lhe: «E tu, o que fazes aqui?». Ele respondeu: «E tu, o que fazes aqui?». Quando o Paolo, o Andrea e eu conhecemos *don* Giussani, depois do liceu, aos 19 anos, pouco antes de entrar no seminário, ele disse-nos muito explicitamente: «No seminário não se fazem as coisas de CL. Sigam aquilo que vos é proposto», também porque estava tranquilo quanto ao facto de ser um ambiente realmente bonito, intenso. O reitor do seminário era o padre Gualtiero Bassetti e o bispo de Florença era o cardeal Giovanni Benelli, duas pessoas extraordinárias. *Don* Giussani disse-nos: «Vocês seguem a proposta que vos é feita. Vivam a unidade entre vocês e sigam estas pessoas», e deu-nos também os nomes: Cristiana Maraviglia, que acompanhava nessa altura os Liceus em Florença, Lele Tiscar, que era o responsável dos universitários, e Silvano Seghi, que era o responsável do movimento. Nós fizemos o que ele nos tinha dito. E vivemos uma experiência muito intensa do movimento, apesar de não termos participado em nenhum dos gestos do movimento. Ironia da sorte, a sede do movimento era justamente dentro do seminário; lembro-me que um dia estava a olhar pela janela e na rua estavam os universitários – todos amigos meus com quem tínhamos feito os Liceus – que estavam a sair da sede para fazer cem mil coisas. E nós estávamos dentro do seminário. Sentia alguma emoção ao pensar como seria bom estar ali com eles, não com pena, mas pensando que estar no seminário era a forma de estarmos a construir a mesma coisa. E assim cresceu entre nós a consciência de que o objetivo da nossa unidade é chamar-nos, em obediência mútua, a obedecer a Cristo dentro desta história.

Uma vez, já éramos padres há muito tempo, fizemos umas férias de sacerdotes de Florença. Tinha vindo também o padre Ciccio Ventrino, que nessa altura acompanhava as comunidades de Florença e da Toscana. No fim das férias, disse-nos: «Vocês não se dão conta, mas vivem uma virtude particular: a virtude da obediência. Estão sempre dispostos a obedecer uns aos outros». Fiquei impressionado com isto. Mas depois pensei e disse para comigo: é mesmo verdade, obedecemos uns aos outros. Porquê? Não é que obedecemos a um porque ele é o chefe. Obedecemos ao que ele testemunha, obedecemos a Jesus, portanto. Mas, para obedecer a Jesus, precisamos desta companhia concreta, que é um pouco como um grupo de Fraternidade: não tem nenhuma pretensão

de ser uma alternativa à objetividade da autoridade no movimento e na Igreja, mas é para nos ajudarmos mutuamente a seguir quem o Senhor põe à frente desta história neste momento.

Por isso, mesmo com todos os momentos difíceis, a unidade que existe na nossa história eu não a trocava por nada deste mundo. Quando *don* Giussani fala de autoridade e autoritarismo, explica que a autoridade é esta companhia quotidiana em que aquele que temos ao nosso lado nos chama de volta ao ideal; há alguém que nos chama de volta de um modo particular, por isso eu sigo-o. Mas sigo-o porque quero seguir a unidade, a objetividade da autoridade. Mas sigo-o porque quero seguir a unidade, a objetividade da autoridade. Colocar a alternativa entre autoridade e autoritarismo não faz sentido, porque Cristo está presente nesta unidade.

A amizade entre nós, padres, sempre foi para mim uma ajuda para seguir Cristo, e continua a sê-lo hoje, mesmo que agora não partilhemos a vida quotidiana como em tantos momentos do passado, mas o valor continua a ser o mesmo, porque podemos ver-nos uma vez por ano, talvez passemos férias juntos, e esses dias têm a mesma intensidade de quando estávamos sempre juntos, porque o horizonte é o mesmo. E o que experimentamos na nossa unidade, experimentamo-lo na unidade com as pessoas que nos são dadas.

Sei que, por estas horas, vários dos meus amigos estão a receber mensagens de meia Itália: «Oh, apresenta-nos o padre Giovanni, queremos convidá-lo para umas férias». Eu não vou! Não vou porque, objetivamente, não posso ir. Tenho uma diocese para dirigir e não a posso descurar. Mas o que quero dizer é que o carisma vive e comunica-se sempre novo e inteiro na nossa unidade: por isso, ao segui-lo, segundo a organicidade concreta da nossa companhia, temos já tudo o que é preciso para o experimentar de forma plena e sempre surpreendente. No entanto, não posso ir a todas as festas do movimento, apesar de, tendo pregado os Exercícios, ter ficado na “moda” e despertado curiosidade! Correram um belo risco ao convidar-me.

***Prosperi.*** Correu bem!

***Paccosi.*** É a unidade entre nós que constrói, por isso ajudemo-nos uns aos outros a olhar, a seguir o que o Papa nos disse na sua última

carta, o caminho que estamos a percorrer neste tempo. Neste sentido, o encontro depois da carta do Papa, na minha opinião, contém algumas coisas fundamentais para a circunstância histórica que estamos a viver. Seguir não é ir atrás da moda do momento. O que nos dá esperança é a unidade, a pertença a esta unidade, ao facto desta grande história, perante a qual ontem o Cardeal Farrell ficou de olhos arregalados, e nós também, cheios de emoção. É a grande história em que o Senhor nos colocou.

*«O nexo entre unidade e esperança escapa-me. Podem ajudar-me?»*

**Prosperi.** No fundo, era isto que eu tinha em mente: fixar a unidade de todo o caminho que percorremos este ano, desde os Exercícios do ano passado até à Jornada de Início de Ano, passando pela carta do Papa e pelo conteúdo destes Exercícios. Não se pode perceber a relação entre unidade e esperança se não se partir da fé. Em particular, gostaria de aprofundar um aspeto da relação entre unidade e trajetória, a dinâmica fé-esperança, sem a qual nada do que estamos a dizer se justifica. O meu esclarecimento refere-se a uma questão muito frequente que tem surgido nos últimos meses e que tu, padre Giovanni, evocaste numa lição dizendo que a unidade é um dom. Isso é verdade, todos nós o vemos, todos sabemos que é impossível para as nossas forças. Mas então porque é que o Papa nos chamou a cuidar da unidade, em que consiste esse cuidado da unidade e o que é que tem a ver com a fé e a esperança? Gostaria de começar por ler uma pequena passagem da carta de S. Paulo aos Efésios: «E foi Ele que a alguns constituiu como Apóstolos, Profetas, Evangelistas, Pastores e Mestres, em ordem a preparar os santos para uma atividade de serviço, para a construção do corpo de Cristo, até que cheguemos todos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao homem adulto, à medida completa da plenitude de Cristo. Assim, deixaremos de ser crianças, batidos pelas ondas e levados por qualquer vento de doutrina, ao sabor do jogo dos homens, da astúcia que maliciosamente leva ao erro; antes, testemunhando a verdade no amor, cresceremos em tudo para aquele que é a cabeça, Cristo». Reparar em como São Paulo continua: «É a partir dele que o Corpo inteiro, bem ajustado e unido [esta é a descrição da unidade], por meio de toda

a espécie de articulações que o sustentam, segundo uma força à medida de cada uma das partes, realiza o seu crescimento como Corpo, para se construir a si próprio no amor».<sup>149</sup>

Isto resume, portanto, todo o caminho que percorremos este ano, porque só uma fé madura pode verdadeiramente cuidar da unidade entre nós, de forma a que todo o corpo cresça bem composto e bem ligado pela ajuda de todas as articulações. Mas, acrescenta São Paulo, não basta dizer «fé» para que ela seja madura. A maturidade da fé contrapõe-se, de facto, a uma fé imatura, como crianças que são arrastadas por todo o vento de doutrina para defraudar os homens. E, de facto, vemos bem como todos os dias estamos expostos àquilo a que Giussani chamava «o poder». O poder age em todos os momentos e talvez hoje mais do que nunca, em alguns aspetos, porque o faz de modo mais subtil, silencioso, tornando-se atraente. O diabo não nos espanca, faz-se atraente oferecendo-nos bens generosos, mas em troca da nossa fidelidade ao seu poder e aos seus dogmas, a ponto de fazer com que a sua visão das coisas se torne a nossa.

Creio que hoje este é talvez o ponto mais inflamado a todos os níveis, também para a Igreja e, portanto, também para nós. Gostaria de vos ler uma carta que me foi indicada, escrita por *don* Giussani aos grupos de Comunhão e Libertação em 1979, quando ainda não havia o reconhecimento da Fraternidade, logo após a primeira Audiência que teve com João Paulo II: «Caros amigos, como provavelmente ouviram, tive o grande dom de poder falar longamente com o Papa sobre a nossa vida e sobre o que gostaríamos de ser nesta nossa amada Igreja e nesta nossa amada terra. Quando estava diante dele, perguntei-me: que razão tem a minha vida aos olhos do Papa para me conceder isto? A razão é a vossa vida, a vida de todos vós, meus amigos e companheiros de viagem, toda a vossa fé, o vosso empenho laborioso, a vossa generosidade, a vossa capacidade de sacrifício. Esta é a verdadeira razão pela qual fui recebido. E fiquei cheio de admiração, de vergonha de mim mesmo, de gratidão para com o Papa e para convosco.

Gostaria de vos resumir a mensagem que ecoa nas Suas preocupações e atitudes: 1. Jesus Cristo é a verdade de todo o homem, e a fé é a forma de toda a vida e de todo o seu trabalho». Este ano dissemos: a fé

---

<sup>149</sup> Ef 4,11-16.

dá forma à vida. «2. Portanto, não há, por um lado, a fé e, por outro, os interesses, os compromissos da vida, o trabalho. Não. A fé é a fonte do critério para enfrentar todos os problemas da existência e é na fé que devemos enraizar o nosso comportamento no ambiente, que é como o solo onde se desenvolvem todos os problemas». Nos últimos meses, interrogámo-nos sobre a relação entre a fé e a presença no meio ambiente. «3. Em particular, é necessário que a fé se exprima como cultura. De facto, é a cultura que determina o rosto de um povo, exprimindo a sua história. A nossa fé não deve ter “complexos de inferioridade” perante a cultura dominante».

Por isso, é necessário refletir sobre o modo como nos posicionamos em relação à cultura dominante, que Giussani costumava chamar de «o poder». As tentativas que estamos a fazer com a *Tracce* – o padre Giovanni também o relembra ontem –, a atividade dos Centros Culturais e o Meeting são alguns exemplos de expressão da fé como cultura e, nesta perspetiva, devem ser apoiados. Giussani continua: «Sempre dissemos que, para verificar e fazer amadurecer a nossa fé [aqui estamos nós!], devemos envolver-nos num acontecimento em que ela viva de tal modo que também a nós seja dado o desejo, a luz, a coragem de a seguir». E conclui: «Meus amigos, num mundo onde a fé está tão perdida e a injustiça é tão grande, saiamos da nossa inércia, saiamos do nosso egoísmo, saiamos do nosso aburguesamento».<sup>150</sup>

O que é, então, uma fé madura? Acabámos de o ouvir nas palavras de *don* Giussani: é uma fé envolvida “com um acontecimento no qual ela vive”. Então, em síntese, pensando em todo o caminho que fizemos, poderíamos dizer o seguinte: uma fé madura é uma fé profundamente enraizada na amizade de Cristo. É esta amizade que nos abre a tudo, que nos abre ao verdadeiro, ao conhecimento do verdadeiro e também ao conhecimento do falso, do que é engano, permitindo-nos não sermos arrastados por qualquer vento de doutrina. Escrevi isto também na mensagem enviada aos nossos jovens dos Liceus: a amizade de Jesus, que gera amizade entre nós, caracteriza-se por dois fatores fundamentais. Primeiro, a partilha do seu conhecimento: “Disse-vos tudo”. Não saberíamos realmente nada deste Mistério insondável se ele não nos tivesse

---

<sup>150</sup> L. Giussani, “Sirvamos Cristo neste grande homem”, *Litterae Communions CL*, n. 2/1979, pp. 2-3.

sido revelado hoje. Por quem? Pela sua presença. Com este conhecimento, Ele dá-nos também a sua plena confiança. “Disse-vos tudo”, como um amigo que não tem segredos para o seu amigo. Sabemos que, na linguagem da Bíblia, conhecimento é relação.

Cristo dá-nos o Seu conhecimento do Pai, ou seja, introduz-nos na comunhão entre o Pai e o Filho: inacessível ao nosso esforço, por mais que o desejemos, só é possível por Sua iniciativa. Esta é a verdadeira amizade. E, em segundo lugar, *idem velle, idem nolle*, isto é, desejar as mesmas coisas que valem a pena desejar e não desejar as que não valem a pena desejar, eis a amizade: a partilha da Sua vontade. E é aqui que a nossa liberdade entra em jogo, e é aqui que a nossa fragilidade muitas vezes se manifesta. Mas também aqui, perante a fragilidade da nossa liberdade em aderir ao projeto de Deus para a nossa vida, também aqui Cristo tomou a iniciativa sobre nós e continua a tomá-la hoje como o fez naquele dia, resolvendo a questão no Jardim das Oliveiras: “Não a minha [Ele, totalmente identificado com a nossa humanidade], mas a Tua vontade”,<sup>151</sup> testemunhando a coincidência da Sua vontade com a do Pai.

Portanto, a vida nova que nos é oferecida pelo seguimento de Cristo é a imanência da amizade com Ele, que nos alcança concretamente através da nossa comunhão, dentro desta história. E é por isso que insistimos tanto, ao longo deste tempo, na centralidade da comunhão, não só como apoio colateral à experiência subjetiva da fé, mas precisamente como conteúdo fulcral da própria fé, para que ela seja madura.

*«Fiquei muito impressionado com a imagem do acrobata, que, de cabeça erguida, consegue perceber a realidade como dependente de Deus que a faz agora. Pergunto-me como é que se pode “treinar” para manter sempre esta perspectiva».*

**Prosperi.** Parece-me também uma bela conclusão de todo este percurso. O que mais me fascinou – teremos tempo e forma de rever todos os pormenores do conteúdo que nos foi proposto – foi ver o que há de esperança naqueles que nos guiaram nas meditações destes dias. A esperança é a virtude do caminho. Não é um ponto de chegada, não é

<sup>151</sup> Cf. Mt 26,42; Mc 14,36; Lc 22,42.

imaginar como se cumprirá a promessa, mas ver quem está a caminho, seguro, seguindo em frente de cabeça erguida, mesmo no meio de todas as agruras e dificuldades da vida. Quando se está a caminho, há dois casos: ou se avança ao acaso ou se segue.

Então, como é que nos treinamos para manter esta perspetiva em que a realidade é reconhecida como dependente de Deus? Esta consciência amadurece através da experiência da obediência, do seguimento, que não é um apelo disciplinar. Na Quinta-feira Santa, o Evangelho de João recorda-nos: «Como o Pai me amou, também eu vos amei a vós. Permaneci no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, tal como eu guardei os mandamentos do meu Pai e permaneço no seu amor. Disse-vos estas coisas para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa».<sup>152</sup>

Aqui, a última passagem da carta do Papa sobre a obediência – que, pelo que pude constatar nos encontros com as comunidades, nem sempre foi bem compreendida, talvez reduzida a uma questão moralista – introduz-nos precisamente na condição para que se realize a alegria plena prometida no Evangelho de João. O evangelho continua: «O meu mandamento [mandamento!] é este: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este: o de dar a vida pelos seus amigos. Vós sois meus amigos [amizade com Cristo], se fizerdes o que eu vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamei-vos amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai vos dei a conhecer».<sup>153</sup>

Compreendemos assim o que está verdadeiramente em jogo na questão do seguimento e da obediência: se Jesus partilha connosco o que ouve do Pai, para nos permitir conhecer o mistério insondável do Ser, aqui se joga a diferença entre a obediência do servo e a obediência do amigo. «Chamei-vos amigos». Quem é que nos chama amigos? O filho de Deus!

É aqui que reside a diferença profunda entre a obediência do servo e a obediência do filho, porque o servo não conhece o objetivo e a propriedade do patrão, obedece porque deve obedecer, para não ser castigado, para não ser mandado embora, porque tem interesse nisso, mas o que é do patrão não é dele. O filho é também o herdeiro, pelo que

---

<sup>152</sup> Jo 15,9-11.

<sup>153</sup> Jo 15,12-15.

aquilo que o pai transmite de certa forma já é seu, mesmo que ainda não o possua totalmente, pertence-lhe, mas ainda não é totalmente seu. Assim, a obediência do filho justifica-se para se apoderar do valor, ou seja, do sentido que o pai lhe comunica.

É por isso que dizemos que obedecer significa entrar na vida do pai, empatizar com todo o seu ser, com as razões profundas que movem o pai. Mas o filho só é livre com o pai quando reconhece que é amado. É isso que gera a liberdade em nós, a relação geradora final de filho para pai. E assim, na obediência à autoridade na Igreja, bem como à autoridade na nossa amizade, realiza-se esta profunda e verdadeira liberdade. Porque a liberdade se exerce plenamente na relação com a autoridade, senão a pessoa procura agradar à autoridade, mas no fundo afetivamente está noutro lugar, porque não acredita nela; ou renuncia a si mesma e se deita passivamente sobre o que a segue, sem pôr verdadeiramente em jogo a sua pessoa, de modo que não cresce, que a sua fé não amadurece, permanece sempre infantil, adolescente, só está cheia das suas preocupações, mas no fundo sem nunca assumir verdadeiramente a responsabilidade, como adulto, de gerar, porque nós não nos geramos a nós mesmos. Esta liberdade é possível vivendo uma obediência como crianças, dentro de um caminho em que o que é prometido já é nosso, é herança.

É esta certeza que nos faz seguir com alegria e confiança, mesmo quando talvez não vejamos imediatamente toda a trajetória ou quando certas coisas nos fazem lutar. Insisto, esta obediência tem um só motivo: tornarmo-nos grandes, tornarmo-nos – como dissemos no dia da abertura, recordando as palavras de Giussani – pais e mães por nossa vez. E aqui vemos como tantas vezes surgem em nós objeções: “Sim, mas eu não sou capaz, sou mesquinho, não sei fazer nada, estou cheio de perplexidades, não concordo, magoas-me, estou errado”. Coragem, homem, coragem! Não és tu que fazes a realidade, não sou eu que faço todas as coisas. Eu nem sequer me faço como sou. Eu sou como sou. A realidade já é feita por Outro!

Então não há desculpas. Estás em baixo? Levanta-te! Estás a lutar? Nós também! Não consegues levantar os olhos dos teus pés? Olha para a tua frente, está a passar Aquele que te amou com um amor eterno e santo é o seu nome! Vem connosco, vamos morrer com Ele!<sup>154</sup> Porque

---

<sup>154</sup> Cf. “Vamos nós também, para morremos com Ele!” (Jo 11,16).

o homem velho tem de morrer, o nosso orgulho tem de morrer, a nossa autossuficiência tem de morrer, a nossa impaciência tem de morrer, se queremos que surja em nós a vida nova que só Cristo nos pode dar.

\* \* \*

Comunico-vos agora uma notícia importante. Trata-se de uma notícia que foi divulgada há pouco tempo pelos meios de comunicação social da Diocese de Milão.

Quinta-feira, dia 9 de maio, às 17 horas, na Basílica de Santo Ambrósio, o Arcebispo de Milão, D. Mario Delpini, realizará a Primeira Sessão Pública da Fase Testemunhal para a causa de beatificação e canonização do Servo de Deus Luigi Giussani. Acolhemos com grande alegria esta notícia tão desejada. É um passo fundamental no processo de beatificação do nosso querido *don* Giussani.

A primeira fase do processo, a chamada Fase Documental, que teve início em 2012, consistiu numa investigação teológica, que foi concluída com êxito, e numa investigação histórica extensa e complexa, que está agora bastante avançada.

Agora, terminada a fase do testemunho, que terá início a 9 de maio, a documentação recolhida será enviada para o Dicastério para as Causas dos Santos, no Vaticano, onde será verificado o trabalho realizado na Diocese de Milão, e seguir-se-ão as outras fases previstas nas normas, até à eventual decisão do Santo Padre de declarar Venerável o Servo de Deus Padre Giussani.

Em particular, Mons. Ennio Apeciti, responsável pelo Serviço diocesano para as Causas dos Santos, disse esta manhã que, no final da fase testemunhal, “o exame atento de um milagre concedido por Deus por intercessão do Servo de Deus permitirá ao Pontífice declarar Beato Mons. Luigi Giussani, e um outro milagre, depois da beatificação, proclamá-lo Santo para a Igreja”.

Como explica a Diocese, a escolha da data de 9 de maio e do lugar, a Basílica de Santo Ambrósio, para a realização da Primeira Sessão Pública da Fase do Testemunho, foi feita pelo Arcebispo por razões ligadas à figura do próprio *don* Giussani: «A solenidade da Ascensão, que se celebra a 9 de maio – explica Monsenhor Apeciti – era particularmente querida pelo sacerdote, e a Basílica de Santo Ambrósio parecia

ser a mais adequada para exprimir a ligação de um sacerdote ambrosiano com o seu “patrono maior”. Por fim, a proximidade da Basílica com a Universidade Católica do Sagrado Coração quer recordar o lugar onde durante muitos anos o Servo de Deus formou gerações de jovens, comunicando-lhes o seu amor apaixonado pela Igreja».

Estamos profundamente gratos ao arcebispo Delpini, a Monsenhor Apeciti, à postuladora, a professora Chiara Minelli, e a todas as pessoas envolvidas na causa, por terem tornado possível a abertura desta nova fase. E, naturalmente, estamos também muito gratos ao Papa Francisco, pela atenção e estima que repetidamente manifestou, também publicamente, pela figura de *don* Giussani e pelo caminho que o movimento está a percorrer neste período.

Desde já, colocamos nas mãos da Igreja o desejo irremediável que trazemos no coração de ver em breve *don* Giussani contado entre os bem-aventurados e os santos do Senhor. A tarefa que nos propomos é intensificar as nossas orações, para o bem da causa, por aqueles que estão e estarão envolvidos nesta fase do processo e em pedir ainda mais fortemente nas nossas intenções a intercessão do Servo de Deus Luigi Giussani.

## SANTA MISSA

*Liturgia da Missa: Atos 3,13-15.17-19, Sl 4; 1Jo 2,1-5; Lc 24,35-48*

HOMILIA DE SUA EXCELÊNCIA MONSENHOR FILIPPO SANTORO  
ARCEBISPO EMÉRITO DE TARANTO  
E DELEGADO ESPECIAL PARA A *MEMORES DOMINI*

Tinha preparado a minha homilia para o terceiro domingo de Páscoa, mas depois da notícia que acabámos de ouvir, abre-se uma perspectiva totalmente nova. A alegria que os apóstolos sentiram ao ver o Senhor Jesus ressuscitado foi também a nossa alegria ao acolher a notícia da abertura da Fase Testemunhal, que é um passo importante para a beatificação e a canonização do Servo de Deus Padre Luigi Giussani. Esta grande alegria provém do facto de a Igreja reconhecer que este seu filho viveu a sua vida quotidiana na presença do Senhor, tocado pelo Seu amor, tocado pela experiência do Verbo feito carne, centro do cosmos e da história, Senhor ressuscitado e vivo no meio de nós. A Igreja reconhece também como ele comunicou tudo isto aos seus primeiros alunos de Berchet, e depois a cada um de nós.

Quando abre um processo de beatificação e canonização, a Igreja tem diretamente presente uma pessoa concreta. No entanto, a graça dada à pessoa estende-se a toda a obra que ela inspirou, e é por isso que somos iluminados por esta alegria extraordinária. Para além dos sinais claros que a Igreja nos deu com a aprovação da Fraternidade em 1982 e dos *Memores Domini* em 1988, é-nos agora oferecido mais um sinal que nos impele a entregar toda a nossa vida ao Senhor, seguindo o caminho e a forma de ensinamento que nos foram dados.

O Evangelho de hoje ajuda-nos a compreender as razões da nossa alegria. Vemos os apóstolos primeiro chocados e cheios de medo, porque acreditam estar a ver um fantasma. Chocados e cheios de medo perante a vida e até perante a própria aparição do Senhor. E Jesus faz três coisas: primeiro, mostra as mãos e os pés e diz: «Olhai para as minhas mãos e os meus pés». Este é o primeiro verbo que utiliza: «Olhai». Todos nós somos chamados a olhar para o que nos aconteceu, para os sinais da sua presença. “Olhai para as minhas mãos e os meus pés: sou eu mesmo!” E depois há um outro verbo: “Toca-me”. Através do encontro com o carisma, com *don* Giussani, com o carisma que nasceu dele

por obra do Espírito Santo, fomos tocados pelo Mistério, a nossa vida já não é a mesma. Fomos olhados, mas olhados como uma mãe olha para o filho, olhados como um pai olha para o filho, olhados com tanto afeto, olhados como Jesus olha para nós. Fomos tocados por uma experiência concreta, por uma voz, por um encontro, por uma relação, e depois pelo sinal de unidade que esse encontro nos comunicou. Na minha experiência, encontrei muitas pessoas no Brasil, mas também em Itália, que me disseram: «Não conhecemos *don* Giussani, mas pelo testemunho que nos dá é como se ele estivesse aqui entre nós. É uma presença, é a fecundidade do carisma». «Mas como eles ainda não acreditavam [apesar da alegria que explodia] e estavam cheios de espanto, ele disse: “Têm aqui alguma coisa para comer?”. Ofereceram-lhe uma porção de peixe assado; ele tomou-a e comeu-a diante deles». Aqui está um outro verbo: “comeu”. Participamos nesta comunhão, nesta ceia, nesta vida. Olhar, tocar, comer. Alimentámo-nos de uma Presença que tem o seu ponto culminante na Eucaristia.

A nossa Páscoa foi o encontro que fizemos: a vida nunca mais foi a mesma. Olhar, tocar, alimentar. Há uma continuidade entre o encontro de Jesus ressuscitado com os apóstolos e o encontro de *don* Giussani conosco. E agora, depois de ter ouvido a notícia, digo: agora não devemos rezar para que a causa se abra, mas devemos rezar ao Pai, por intercessão de *don* Giussani, para que a nossa experiência seja cada vez mais verdadeira, para que também nós possamos viver o que ele viveu, e vivê-lo plenamente nas circunstâncias concretas da vida, no comer e no beber, na família, na doação total da vida ao Senhor. Temos de pedir a *don* Giussani que interceda por nós, pela nossa experiência, pela tarefa que o Papa nos deu de servir e preservar a unidade, para que nos leve até aos confins do mundo. Quando nos é feito o convite, como foi repetido esta manhã, para partir em missão – como aconteceu também comigo –, esta é a maior graça que pode acontecer na vida. Por isso devemos rezar ao Senhor pelo Servo de Deus *don* Giussani, para que esteja próximo de nós no nosso caminho, no tempo presente.

Através de *don* Giussani formou-se este misterioso corpo na Igreja, na comunhão da Igreja. E através do testemunho de Monsenhor Giovanni Paccosi, também nós o tocámos e experimentámos de novo, aqui, neste gesto, porque a Páscoa é agora, a Páscoa está neste nosso hoje, está neste nosso caminho. O Cardeal Farrell ficou impressionado ao ver

vinte mil pessoas, e repetiu-o ontem à noite ao jantar, impressionado com o estilo, o silêncio, o recolhimento, a unidade. Este corpo, feito de tantas pessoas, de tantos eus, não uma massa anónima, mas feito de cada um de nós, é um só, um só coração e uma só alma.

Fiquei muito comovido, enquanto o padre Giovanni falava da sua vida, da sua vocação, da sua história, da sua missão, do seu episcopado e da sua tarefa na América Latina, quando recordou Andrea Aziani e o Padre Paolo Bargigia, como sinais daquilo que está a acontecer em tantos lugares da nossa história. E depois falou-nos da grande história dos missionários franciscanos que desceram em barcos do Ocopa, dos Andes peruanos ao longo dos rios do Amazonas, porque reconheceram que Jesus ressuscitou, para O anunciar. Enquanto ele nos contava isto, sentimos que isto está a acontecer agora, está a acontecer a cada um de nós. É precisamente o maior fruto da Páscoa. Para *don* Giussani, a Páscoa culmina com o sim de Pedro no lago de Tiberíades, onde se deu o primeiro encontro: Jesus olha para Pedro e diz-lhe: «Simão, tu amas-me?». Este é o ponto culminante da Páscoa, a pergunta que Ele também faz a cada um de nós: «Viste todas estas coisas grandes e belas. Mas tu amas-me?». E nós aprendemos com *don* Giussani, movidos pelo Espírito, a responder como ele: «Sim, Tu sabes que Te amo». Isto suscita a esperança, e assim levamos a esperança ao mundo.

## TELEGRAMAS ENVIADOS

*Sua Santidade o Papa Francisco*

Santidade,

Cerca de 21 mil pessoas reunidas em presença em Itália e em ligação com as comunidades estrangeiras em 21 países do mundo, para além de cerca de 3 mil pessoas ligadas a partir das suas casas por impossibilidade de se deslocarem, realizaram durante estes dias os Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação.

O título dos Exercícios foi “*O que me espanta, diz Deus, é a esperança*” (C. Péguy) e foram pregados por S.E.R. Monsenhor Giovanni Paccosi, Bispo de San Miniato. Foi uma oportunidade para todos nós, Santidade, redescobrirmos a necessidade de reconhecer Cristo na nossa vida. Reconhecer que só podemos esperar porque Ele está presente.

Monsenhor Paccosi introduziu-nos neste caminho de reconhecimento e fez-nos compreender que só no abraço da Igreja, através da forma de companhia gerada pelo carisma de *don* Giussani em que estamos imersos, é que permanecemos ligados à presença objetiva de Cristo ressuscitado. A presença de Sua Eminência o Cardeal Farrell foi um sinal claro de conforto para o nosso caminho de fé na pertença à única Igreja, pela qual vivemos e sem a qual não existiríamos. Cristo serve-se da nossa esperança para mostrar o seu rosto a todos, e nós só podemos ser «servidores desta esperança». Neste caminho queremos ser acompanhados por Maria, certos de que, como recordou *don* Giussani, «sem Nossa Senhora não poderíamos estar seguros do futuro, porque a segurança do futuro vem-nos de Cristo».

Agradecidos pela bênção que nos enviou, e desejosos de nos deixarmos agarrar por Cristo todos os dias, continuamos todos a rezar por vós.

*Davide Prospero*

*S.E.R. Cardeal Matteo Zuppi*  
*Presidente da Conferência Episcopal Italiana*

Eminência Reverendíssima,

Cerca de 21 mil pessoas reunidas em presença em Itália e em ligação com as comunidades estrangeiras em 21 países do mundo, para além de cerca de 3 mil pessoas ligadas a partir das suas casas por impossibilidade de se deslocarem, realizaram durante estes dias os Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação.

O título dos Exercícios era “*O que me espanta, diz Deus, é a esperança*” (C. Péguy) e foram pregados por S.E.R. Monsenhor Giovanni Paccosi, Bispo de San Miniato.

Monsenhor Paccosi introduziu-nos neste caminho de reconhecimento e fez-nos viver que só no abraço da Igreja, através da forma de companhia gerada pelo carisma de *don* Giussani em que estamos imersos, podemos experimentar a verdadeira esperança. Queremos servir a Igreja acompanhados pela Mãe de Deus, certos de que, como nos recordou *don* Giussani, «sem Nossa Senhora não poderíamos estar seguros do futuro, porque a segurança do futuro vem-nos de Cristo».

Agradecendo a vossa proximidade e invocando a vossa bênção, saúdo-vos muito cordialmente.

*Davide Proserpi*

*S.E.R. Monsenhor Nicolò Anselmi Bispo de Rimini*

Excelência,

Agradecendo-lhe mais uma vez a paternidade que sempre nos manifestou e a saudação que nos quis dirigir pessoalmente, escrevo-lhe para informar que os Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação – intitulados “*O que me espanta, diz Deus, é a esperança*” (C. Péguy) – contaram com a presença de cerca de 21 mil pessoas reunidas em Itália, das comunidades estrangeiras ligadas a partir de 21 países do mundo, bem como de cerca de 3 mil pessoas ligadas a partir das suas casas por impossibilidade de se deslocarem.

A pregação de Monsenhor Paccosi, bispo de San Miniato, ajudou-nos a reconhecermo-nos desejosos de esperança, certos de que só

Cristo responde e torna certo este desejo. Queremos, neste caminho de reconhecimento, ser acompanhados pela Mãe de Deus, certos de que, como nos recordou *don* Giussani, «sem Nossa Senhora não poderíamos estar seguros do futuro, porque a segurança do futuro vem-nos de Cristo». Invocando a vossa bênção para o caminho da nossa Fraternidade, saúdo-vos cordialmente.

*Davide Prospero*

## ARTE NA NOSSA COMPANHIA

*Por Sandro Chierici*

### AS HISTÓRIAS DE SÃO FRANCISCO NA BASÍLICA SUPERIOR DE ASSIS

As *Histórias de Francisco*, pintadas por Giotto e pelo seu atelier na Basílica Superior de Assis, mostram-nos o santo como um homem mudado, tornado alegre e pleno pelo encontro com Cristo, totalmente inserido na história, que age no concreto do tempo e do espaço, movido pela consciência de si e do próprio destino. A santidade é proposta como uma experiência possível para o homem em qualquer circunstância.

1. A homenagem de um homem simples
2. A dádiva do manto a um homem pobre
3. A visão do palácio com as armas dos cruzados
4. O Crucifixo de São Damião fala a Francisco
5. A renúncia aos bens
6. O sonho de Inocêncio III
7. A confirmação da regra
8. Francisco sobre o carro de fogo
9. A visão dos tronos celestes
10. A expulsão dos demónios de Arezzo
11. A prova de fogo diante do Sultão
12. O êxtase de Francisco
13. O presépio de Greccio
14. O milagre da fonte
15. A pregação aos pássaros
16. A morte do cavaleiro de Celano
17. O sermão perante Honório III
18. A aparição no Capítulo de Arles
19. Francisco recebe os estigmas
20. A morte de Francisco
21. Verificação dos estigmas

22. A despedida de Santa Clara
23. A aparição de Francisco a Gregório IX
24. A cura de João de Lérída
25. A confissão da mulher ressuscitada
26. A libertação do herege arrependido

# Índice

---

MENSAGEM ENVIADA PELO PAPA FRANCISCO 3

## ***Sexta-feira, 12 de abril, noite***

SAUDAÇÃO INTRODUTÓRIA 4

INTRODUÇÃO – *Um desejo incoercível de autorrealização,  
um desejo natural de felicidade* 10

SANTA MISSA – HOMILIA DO P. MAURO-GIUSEPPE LEPORI 22

## ***Sábado, 13 de abril, manhã***

PRIMEIRA MEDITAÇÃO – *Do desejo à esperança cristã* 26

## ***Sábado, 13 de abril, tarde***

SEGUNDA MEDITAÇÃO – *A letícia do pobre* 50

SANTA MISSA – HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA  
O CARDEAL KEVIN JOSEPH FARRELL 71

## ***Domingo 14 de abril, manhã***

ASSEMBLEIA 75

SANTA MISSA – HOMILIA DE SUA EXCELÊNCIA  
MONSENHOR FILIPPO SANTORO 98

TELEGRAMAS ENVIADOS 101

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA 104

---

Tradução do italiano de Maria Inácia Ramos Ascensão

© 2024 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de L. Giussani, D. Prosperi e G. Paccosi







